

Ozimo de Carvalho



## **RETRATO DE UM MUNICÍPIO**

**1ª edição em 1957.**

**Em 1998, digitamos do livro original esta edição para fins educacionais.**

**Edição da Fundação Conceição do Maracu.**

**Viana - 2009.**

## ÍNDICE

PREFÁCIO À REEDIÇÃO.....	3
INTRODUÇÃO À REEDIÇÃO.....	5
OZIMO DE CARVALHO.....	7
PREFÁCIO.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I	
O Terreno.....	13
CAPÍTULO II	
As Águas.....	19
CAPÍTULO III	
O Clima.....	23
CAPÍTULO IV	
A Cidade e os Povoados.....	27
CAPÍTULO V	
A Flora.....	31
CAPÍTULO VI	
A Fauna.....	44
CAPÍTULO VII	
O Babaçú.....	56
CAPÍTULO VIII	
A Pesca.....	59
CAPÍTULO IX	
A Criação de Gado.....	64
CAPÍTULO X	
A Lavoura e Indústria.....	71
CAPÍTULO XI	
Os Transportes.....	79
CAPÍTULO XII	
O Homem.....	82
POSFÁCIO.....	100

## PREFÁCIO À REEDIÇÃO

Fundada São Luís, nos primórdios do século dezessete, os colonizadores, colimados os seus objetivos iniciais partiram em busca segundo nos conta a história, de meios de comunicação que os levassem as regiões onde pudessem estender e fixar seus domínios e, dessa maneira, desenvolver projetos, em especial os ligados a lavoura, a pecuária, a exploração de ouro e pedras preciosas.

Velejando pelos rios Pindaré e Maracu em companhia dos Missionários Jesuítas, abordaram os conquistadores afinal aprazíveis terras “a beira de famoso lago abundantíssimo de peixe, junto às campinas e às boas terras de levar”, fundando ali uma aldeia que denominaram de Nossa Senhora da Conceição do Maracu e, também a primeira propriedade - Engenho São Bonifácio, onde passaram a residir os colonos.

Domesticados os arredios índios tupis, “os verdadeiros dono da terra” introduziram eles em seus domínios a lavoura, a pecuária e notadamente, a cultura da cana-de-açúcar, além de fundar escolas para ensinar a ler e escrever o idioma português e também as artes musical e teatral às crianças.

Um surto de progresso proporcionou à baixada desenvolvimento etnográfico, político e social, enriquecido por ilustres famílias cujas estirpes mereceram, posteriormente, a atenção dos historiadores estudando e divulgando as origens dos Mendonças, Soeiros, Cordeiros, Silvas, Dias, Castros, Nunes, Campelos, Mayas, Magalhães, Rodrigues e além dos Carvalhos, linhas de descendências certamente do ilustre Ozimo de Carvalho, que dedicou toda sua vida a nobre profissão liberal de farmacêutico, prestando à população valiosos serviços, muitas vezes gratuitamente, predicados de sua abnegação e virtual sacerdócio.

Personalidade eclética, Ozimo não se confinou apenas as atividades de boticário. Estendeu os seu conhecimentos ao jornalismo editando então, o periódico “A Época”; ingressou na política elegendo-se Prefeito por dois mandatos e nas artes literárias lançou o valioso livro “Retrato de um Município”.

Estampa o autor em sua obra a flora vianense com sua folhagem verde dos arbustos as matas ondulantes ao vento e trechos da terra brilhando ao sol em maravilhoso universo de rara variedade de sêres. As aves que pululam e cantam nos ramos, insetos que pousam nas flores, lagartos que se esquentam sobre as relvas verdes dos campos; a variedade de peixes no lago, tudo em exibição de um grande show de biodiversidade.

Dedicando toda a sua vida à terra natal, não olvidou a sua cultura, isto é, o povo ligado pela história, pela sua religião, pelos usos e costumes, além de seu meio físico - os seus campos, lagos e rios.

Revelou assim o renomado vianense, muitas vezes, além de seus valiosos dotes profissionais terapêuticos, grande espírito altruístico. Certa vez, uma criança acometida de contagioso sarampo, não conseguiram seus pais debelar o agente infeccioso da doença com medicamentos alopáticos e dessa maneira, corrigir as disfunções do organismo do paciente delirando de febre de quarenta graus, aparentemente irreversível.

Assustados, os seus familiares decidiram apelar para o Ozimo que prontamente, já pela madrugada compareceu e, ao inteirar-se da infecção, sem mais delongas apelou para a profilaxia, mergulhando o doente em uma banheira cheia de água fria imediatamente. Estava assim salvo o menino autor deste prefácio, que redijo com imenso prazer, por solicitação do grande e apaixonado vianense - Dr. Pedro Mendengo Filho, reeditor deste precioso Livro.

Rio, 30 de maio de 1997.

**Silva Benedito Francisco**

## INTRODUÇÃO À REEDIÇÃO

Por que reeditar um livro?

Um livro-coisa. Um livro em que cada página transborda das margens, vazando mundo, inúmeros mundos nas mãos do leitor. Para ser manuseado como ferramenta, dessacralizado, usado e abusado como a alegria vivida pelo autor no seu processo de elaboração.

Pensamos: uma escrita coletiva com a esta reclama uma fala coletiva. E para que esta fala coletiva? Queremos resgatar a história da nossa Terra, o solo político dos nossos encontros e das nossas trocas de experiências com o mundo, que ofereceram as condições de possibilidade da produção do conhecimento, como um todo do nosso município. Uma prática que criou em nós uma referência, um suporte do desejo coletivo de pensar e escrever.

Há também o receio de escrever, que às vezes incomoda. Logo vem a sombra de um absurdo compromisso com o absoluto, próximo da afirmação “vale o escrito”. Não faltam cobranças: mas, ninguém escreve, ainda mais quando surge estes questionamentos “você escrevem isso ou aquilo e agora falam outra coisa...”. Como se a contradição fosse grave dano. A radicalidade presente nas afirmações assume, então, um caráter de verdade inquestionável - que “inverdade”! - Fazendo do autor personagem de um só texto enredado irreversivelmente pela palavra. Quem poderia garantir o impossível, sustentar o imutável, ser fiel reproduzidor do tempo passado?

Nesta busca. Retornei ao meu passado (infância, adolescência e juventude) e avaliando os fatos sobre nós mesmos, deparei com tantas distorções que resolvi, dentro da modéstia das minhas limitações, escrever um ensaio monográfico, baseado na década de cinquenta intitulado “Viana em Retrospectiva”. - Quando falo das minhas limitações, não é porque me considere inapto a manifestar meus pensamentos, minhas lembranças e minhas observações, ou por falta de capacidade intelectual. Mas, sim, pela dificuldade de encontrar referências bibliográficas para poder sustentar, a fidedignidade do que estou exteriorizando.

Bem, foi por dúvidas que Ozimo de Carvalho, se perguntava “para quem escrever”, “para que escrever”, “para quem ler” e “quem vai acreditar neste trabalho?” Nós, vianenses saudosos, acreditamos neste trabalho. Para os dias de hoje, sabe-se que os estudantes e os não estudantes, não se satisfazem mais, com uma simples descrição do verbalismo igual ao que tivemos enquanto alunos.

E, francamente, ambos achamos que as mudanças de valores e interesses de nosso povo, têm apoiado tendências similares em nosso próprio desenvolvimento intelectual. Por isso, resolvemos reeditar: **RETRATO DE UM MUNICÍPIO**, escrito por Ozimo de Carvalho, - à nossa Enciclopédia.

Obrigado Dr. Ozimo de Carvalho, por esta obra de grande valor bibliográfico, você merecia um Museu e não um busto na praça. Afinal, você foi um homem de estudos e pesquisas dentro e fora do seu laboratório. Você, fez a leitura científica do nosso município, é por essas e outras tantas razões, nós a consideramos o mais preciso e mais etnógrafo filho Viana.

Aqui vai a nossa homenagem pelos 40 anos, em que foi definida a publicação do livro original.

**MENDENGO**, Pedro Filho<sup>1</sup>

Rio, 04/97.

---

<sup>1</sup> *Digitador desta obra, para fins educativos e divulgação de conhecimento histórico, geográfico e socioambiental da região do Maracu. Apresentado ao público vianense em reedição comemorativa pelos 40 anos da edição original, a qual comemorou os duzentos anos da fundação da Vila de Viana, pela extinta Fundação Nezinho Soares, no II Congresso Histórico-Cultural de Viana e do Meio Ambiente do Rosário de Lagos do Maracu, realizado na Cidade de Viana em 1997.*

## OZIMO DE CARVALHO

Nosso pai, OZIMO DE CARVALHO nasceu em Viana no dia 08 de abril de 1890, era filho de Leonel Alves de Carvalho, nascido em Viana no dia 10 de outubro de 1854 e Judith Leopoldina Gomes de Carvalho, nascida em Caxias-MA.

Papai concluiu o curso primário em Viana, no Colégio Antônio Rayol, indo concluir o segundo grau em São Luís. Viajou para estudar Farmácia na Universidade Federal da Bahia, graduando-se em 10 de dezembro de 1910. Após graduado trabalhou em Manaus e São Luís, e em 01 de julho de 1913 regressou para Viana, abrindo a Farmácia Brasil, na Rua Grande, onde trabalhou por 65 anos consecutivos, até sua morte em 08 de setembro de 1978. Casou-se em 16 de dezembro de 1916 com Florita, filha de Mariano Augusto da Cunha e Izaura Mendes da Cunha. Deste casamento nasceram os filhos: Maria Celeste (27/08/17 - 19/02/97), Izaura (25/08/21 - 08/02/93), Carmem (21/11/22), Helena (18/03/24), Judith (01/03/26), Ester (26/10/27), Durval (17/09/29), Dulcídio (18/01/35) e Geraldo (06/03/37).

Papai era um homem de caráter nobre, de bom feitio moral, coerente com suas idéias e atitudes. Apesar de forte influência do meio, das condições ambientais sobre o caráter de um homem convivendo por muitas décadas em uma região de poucas mudanças sociais e econômicas, mesmo assim manteve sua individualidade na sua maneira habitual de ser, e no seu estilo de vida. Homem de profundas convicções cristãs, vivendo exclusivamente para sua família e para o seu trabalho, em prol da saúde de seus conterrâneos, principalmente dos mais necessitados. Leitor assíduo, sempre atento e acompanhado as mudanças na sociedade e nas ciências. O respeito, o amor e a dedicação que teve por nossa mãe Florita, durante 52 anos que viveram juntos, poderia ser sintetizado pela frase que mandou imprimir em sua lápide, “Cumpriste fielmente o dever que Deus te confiou”. Homem arredo, observador profundo da vida, das coisas e das pessoas que lhe rodeavam, pouco afeito ao diálogo, destituído totalmente de vaidades humanas, levando uma vida quase espartana. No trabalho era o mais escravo de todos os homens.

Observador profundo dos fenômenos da natureza, memória surpreendente no trato com números, datas e fatos. Possuía grande intuição de etnógrafo, o que lhe facilitava o entendimento das crenças, procedimentos, folclore, hábitos e costumes da

população da baixada. Considerava sua profissão de farmacêutico, médico dos pobres e sofredos, um sacerdócio onde o mais importante era a vida do ser humano. Em síntese poderia ser caracterizado como um homem trabalhador, cristão, culto, de vida simples, bom pai, esposo exemplar e bom filho, um homem que em sua vida escreveu livros, plantar árvores e teve muitos filhos netos e bisnetos.

No seu trabalho permanente de formulação de medicamentos, porções, xaropes, pílulas, etc., associou sua vocação nata de botânica, principalmente a sistemática. Mantinha permanente intercâmbio cultural com o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Colhia parte de plantas que não havia classificado, fazia a desidratação, anexava informações e enviava ao Jardim Botânico, onde eram feitas as análises bromatológicas e a classificação botânica. Assim ficava ele sabendo as utilidades daquele vegetal. Este é um resumo da vida do nosso pai Ozimo, esperamos que seus descendentes continuem a transmitir às outras gerações que se sucedem, seu exemplo de vida e de trabalho.

Nós filhos de Ozimo de Carvalho, agradecemos aos amigos Pedro Mendengo Filho, Benedito Francisco Silva e José Antonio Castro pela idéia de homenagear nosso ancestral maior, nesta data em que comemoramos 40 anos do lançamento do livro Retrato de um Município e pelos 240 anos da criação de Viana nossa terra natal.

*Os filhos*

## P R E F Á C I O

Escrever um prefácio é tarefa não menos ingente do que conceber um livro.

Do prefaciador exige-se o poder mágico da síntese, de dizer do livro prefaciado em poucas palavras. E bem presente tendo a sutil observação de Ramon Valle Onclan de que devemos desconfiar dos livros que se apresentam com estirada prefação.

Na brevidade destas linhas, no entanto, devo contar como conheci o Autor, nos idos de 53, em Viana num sobrado antigo que me recordou São Luís.

Ouvira falar de Ozimo de Carvalho como de uma espécie de patriarca de Viana, um repositório vivo do que a terra de Antonio Lopes tinha de mais puro, de mais honrado. Um homem admirável que vinha preservando, através do tempo, com desadorado amor, certos valores essenciais da gleba vianense, com o apêgo cósmico daqueles varões romanos de que Cincinnatus foi notável paradigma.

No velho sobrado colonial, mobiliado com singeleza, fui apresentado a Ozimo de Carvalho. Homem de seus 50 anos, fala mansa e gestos pausados, discretou um bom pedaço acêrca de Viana. E como se tivesse os olhos ajustados ao visor de um cosmorama maravilhoso, evocou largos trechos da vida de antanho, reconstituindo tipos e aspectos com uma precisão documental de historiador e uma ternura envolvente de filho estremecido que falasse de seus maiores. Pareceu-me, em certos momentos, um Proust angustiado em busca de um tempo irremediavelmente perdido. De Viana de nossos dias se absteve, contudo, de falar. Senti nesse delicada escusa uns leves tons de amargura... A Viana dos lagos azuis que fizeram vibrar o estro de tantos barbados, tão amorosamente cantada por Celso de Magalhães, é uma sombra erradia, um fantasma do passado, pareceram-me dizer aqueles olhos vivos e profundos, súbitamente enevoados por indisfarçável tristeza.

A impressão que tive de Ozimo de Carvalho foi, então, a de um homem versado nos bons livros humanos e não menos no livro maior da natureza.

Agora, com alegria, verifico que essa impressão é verdadeira. Ao confiar-me, bondosamente, não sei bem porque, os originais deste livro, escrito para comemorar o bi-centenário de sua cidade, a transcorrer em 8 de julho de 1957, sinto-me diante de um escritor de recursos que traçou um excelente estudo regional, uma monografia deveras interessante.

Embora declare ser um simples leigo, em tudo o que versou o fêz com propriedade e num estilo agradável de se ler. Nesta poranduba vianense Ozimo de Carvalho nos dá um autêntico ensaio de geografia regional, pôsto não seja um especialista ma matéria. E quando trata dos folguedos populares, as danças dramáticas principalmente, revela-se um observador penetrante dos fatos da cultura de folk de sua gente, a par de uma surpreendente intuição de etnógrafo.

No imenso claro bibliográfico da terra maranhense, esta monografia do município de Viana vem tão oportuna quanto essencial.

Ora, deu-se que, convidado para apresentar o livro, falei mais do autor do que da obra. É que não quis roubar ao leitor o imenso prazer espiritual de, pelos próprios olhos, sentir o valor do trabalho, com a antecipação de conceitos que, melhor do que o prefaciador, saberão externar aqueles que tiveram a fortuna de degustá-lo. Que o livro é saboroso e instrutivo a mais não poder.

São Luís, maio, 1957

DOMINGOS VIEIRA FILHO

## INTRODUÇÃO

No propósito de contribuir com a nosso esforço pessoal para as comemorações do segundo centenário da ereção da vila de Viana, ocorrida a 8 de julho de 1957, resolvemos traçar-lhe este retrato que, não obstante a falta de esmero dos retoques, está, modestia à parte, muito parecido à retratada.

Não somos nenhum artista experiente de anteriores trabalhos deste gênero, mas a vontade e o amor da terra deram-nos firmeza à mão, coragem e paciência para levar a cabo esta modesta empreza.

Não se trata dum estudo vazado em moldes científicos, senão de um ensaio de leigo, calcado nos resultados de prolongada e ininterrupta observação pessoal secundada por informações fidedignas. É, excluído isto, tudo o mais não passa de compilação, cuidadosa e exata quanto possível à nossa incultura e à escassez de fontes de informação e consulta.

Escrevamos, não para os doutos, mas para o homem do povo e assim livres dos rigores disciplinares dos estudos estritamente científicos, podemos livremente discorrer e até mesmo disparatar à solta, certos de que os mestres não nos virão exigir contas dos nossos erros. Erros que foi sempre o nosso maior empenho evitar, procurando constantemente basear-nos em diligente e exata observação visual e no fruto de já longa experiência da vida, assim como nos ensinamentos dos competentes. Se não os interpretamos corretamente, se deles não tiramos melhor proveito, leve-se isso à conta da nossa falta de cultura e de inteligência, que nos não permitiu atingir a altura dos assuntos versados.

Porque então escrever, se não nos julgamos capazes de fazê-lo com acêrto? Para que falar do que se não entende? O desejo, ou a necessidade de deixar fixado, como num retrato, o momento atual da vida deste município, nos seus aspectos físico e biológico e em suas condições mesológicas e sociais, responde a esta pergunta e justifica o nosso esforço.

Mas não rompemos inteiramente com os canones científicos. Sempre que podemos ou sabemos, afinam com eles os nossos conceitos e afirmações, as nossas deduções e conclusões, que servirão de subsídios para melhores estudos posteriores. E o nosso zelo para com esses conceitos e afirmações essas deduções e conclusão, o cuidado de não garrarmos para os escolhos do ufanismo bairristico, tranquilizam-nos quanto ao receio de nos inculcarem de injustos e duros com a nossa gente. As regras da verdade

prevalecem às do sentimento e, por muito que seja o amor da terra, grave dever nos impende de dizê-la.

Procurando tomar o mais possível conciso e sintético este ensaio, dividimo-lo em doze capítulos, que são outros tantos quadros da nossa atualidade, tão fiéis e nítidos, quanto o permitem a nossa falta de preparo técnico, a carência de recursos bibliográficos locais que nos viessem facilitar o trabalho, a falta de imaginação e a imperfeição do estilo, concluída à incapacidade de bem descrever. Fugimos também das citações históricas ou estatísticas, que escapam ao nosso escôpo de retratar o presente, para nos atermos à enumeração dos fatos concretos da terra e do homem na hora que passa, sem pretendermos entrar no amago de suas causas primárias, que isto só aos sábios compete.

Mais ao futuro que mesmo ao presente é este trabalho dedicado. Do presente, tudo o que nele se registra é sabido e ressabido de todos, não havendo portanto, interêsse de maior para o leitor em conhecer o conhecido. Mas no futuro, daqui a cem anos ou mais, talvez, haverá grande empenho, para o pesquisador do passado, de saber o que era Viana com sua gente ao entrar no terceiro século de sua vida municipal. Irá ele então comparar o que agora somos com o que seremos em 2057, aquilatar o valor e o resultado do nosso esforço de cem anos, ou lamentar a nossa involução, se as fatalidades econômicas ou políticas nos arrastarem à decadência.

Nessa ocasião, este pequeno trabalho levar-lhe-á um limitado mas verídico contingente de informações exatas, que alguma coisa lhe facilitará a tarefa. E com isto, de antemão nos damos por bem pagos, com a certeza de que se não baldou o nosso esforço. Por isso concitamos o leitor a não inutilizar o seu exemplar deste livrinho, porque talvez seja ele o único que escape e vá ter às mãos desse futuro investigador de nossa vida nos dias que correm.

O. de C.

Viana, 8/4/57.

## CAPITULO I

### O TERRENO

A configuração do território vianense é, na parte ocidental, a de um retângulo mais ou menos regular, de Oeste para Leste, até quase o fundo da enseada da Recôa. Daí em diante dilata-se para o Sul, acompanhando as divisas de Penalva e Cajari, até o Maracú e deste à margem esquerda do Pindaré e do Mearim, tornando-se mais larga e irregular pelas sinuosidades naturais dos cursos d'água que o limitam. O lado Norte do retângulo segue para o nascente até São Felipe, onde a linha se quebra e se inclina para o Sul, até encontrar as nascentes do Piraí, por cujo alveo sêco no verão, se dirige ao lado do Aquirí. Contorna-o sempre na mesma direção até o igarapé do Genipaí, de onde parte para o nascente, numa longa linha quebrada, em demenda do Mearim. E assim, a configuração da parte sul-oriental é tôda de linhas sinuosas, circunscrevendo um território de contornos irregulares.

Como parte integrante da baixada maranhense, o terreno do município é todo recente, de formação sedimentar, apresentando apenas os pequenos oiteiros de pedra vermelha (a única pedra que temos; nenhuma rocha ígnea aqui se encontra à superfície ou no sub-solo), de Moco-roca, Pano-Grosso e Senado, este já perto do lago do Aquirí, entre os quais parece haver certa conexão revelada pela lagem que, atravessando submersa a parte ocidental do lago, aflora na Ponta-da-lagem, entre os dois primeiros. Estes oiteiros fazem parte, sem dúvida de uma série deles que “apresenta provalvel alinhamento com certas lagens que podiam ter exercido um papel como barragem, na formação dos pequenos lagos do Maracú” (*Raimundo Lopes*), “A baixada maranhense com seus terrenos de aluvião, campos mal consolidados é como o imenso atêrro resultante, é provável dos contínuos transportes das zonas altas. É mesmo uma terra em formação, com seus lagos em rosário e suas várzeas” (*Raimundo Lopes*). E esse trabalho de atêrro continua em nossos dias, á custa da terra firme, que a erosão escava num contínuo esfôrço de desmonte e correspondente entulhamento dessas várzeas. No futuro serão elas terra firme, com sua flora característica, a não ser que algum cataclismo geológico venha subverter a sucessão dos fatos atuais.

Nota-se a olhos vistos, de decênio, o progredir incessante da sedimentação em tôrno do lago de Viana, cujos terrenos circundantes, à parte pequena camada superficial de cumulose depositada pelas inundações anuais e depósitos de argila de oleiro, são de areia pura arrastada do alto pelas enxurradas.

Últimamente porém, ao invés de crescimento por sobreposição de terras, o que se nota na parte meridional e ocidental do lago e em suas adjacências, é um inquietante e contínuo abaixamento do terreno, com aumento do âmbito da bacia lacustre. Lugares que há vinte anos já estavam na posse definitiva do capim-de-marreca, hoje são baixas e alagadiços, que o ardente sol estival não consegue enxugar e que a água salgada, quando atinge o lago, faz crescerem em superfície e profundidade. É evidente que o terreno está perdendo altura até abaixo do Gibirí, cujas margens, dantes mais altas, as grandes marés hoje transbordam inundando a ribeira, de que resulta a aparência de uma expansão contínua do lago para essas bandas.

Nos campos altos chamados têsos, o terreno se mostra mais argiloso, a lama mais compacta, tornando trabalhosa e fatigante a travessia das baixas e igarapés. Nessa argila não raro é encontrarem-se pouca profundidade, peixes marinhos e crustáceos em via de fossilização. No nosso município, esses têsos são mais baixos que os de Cajapió, São Vicente e São Bento. Por isso, nos invernos excepcionalmente grandes, as águas do Pindaré, transpondo-lhe a margem esquerda, inundam tudo, obrigando os criadores a atravessar o gado em grandes nados, para a margem direita, mais alta, no município de Vitória.

Em ponto pequeno, aquele trabalho incessante de atêrro é patente à saída das veredas e caminhos carroçáveis que vão ter aos campos, onde a areia descida se acumula, elevando o solo. E, em ponto grande, há, além de outos, o exemplo da grande baixa da Imbaúba, situada na parte mais meridional do município, a igual distância dos rios Pindaré e Maracú. Com sua rica flora aquática, sua abundância de tariras e outros peixes de idêntico modo de vida, sempre conservava água nas sêcas, recurso preciso para os criadores, cujos rebanhos aí se iam dessedentar e de muitas gentes das redondezas, que lá achavam alimento fácil e barato. Hoje, depois de longo e contínuo trabalho de sedimentação, o seu leito aterrado alteiou-se, a vegetação definhou, o peixe escasseou e a água diminuída de volume, evapora-se antes da chegada das chuvas de novembro, deixando apenas no fundo argiloso, um barro duro, amassado pelas patas dos animais, que aí morrem prêsos à lama, “atolados”. Isto quando não seca tudo, ficando o fundo esturricado, em torroada. Enquanto isso se dá nos campos baixos, inverso fenômeno se verifica nos campos de têsos marginais do último trecho do Pindaré e da margem esquerda do Mearim, em seu pré-estuário. Êste fenômeno é a “invasão do mar”, ao qual talvez não seja estranho o de isostasia, que está levantando a costa ocidental da América do Sul e rebaixando a oriental.

Com sua formidável potência, cuja manifestação máxima é a soberba pororoca, as marés decompõem as terras, desagregam-lhes as ribas e, avançando pelos pontos de menor resistência, vão formando rias e igarapés, à custa das partes mais fracas do terreno. Alguns destes igarapés tornam-se navegáveis durante anos, até que, com a queda das barreiras, a sedimentação que não cessa de operar, aos poucos os vá aterrando, para reconstruir a terra arrasada. O Mar invade, mas a terra defende-se e retoma o terreno perdido. No último momento desta luta, não se sabe ainda qual, seja o vencedor.

Também o “fenômeno das terras caídas”, muito comum nos rios da Amazonia, não o é menos no Pindaré e sobretudo no Maracú, cuja largura aumenta dia a dia. As margens do rio sem cessar se desagregam e se esboroam, atirando-se, ao leito, onde alias não podem repousar, porque descem rio abaixo até a “classica zona dos sêcos”. Aí então se destacam, para formarem as coroas e os bancos. Nessa zona, que vai de São José até as Varas ou Barrigudos, na qual “maior é a insignificância do declive” e menor o refluxo erosivo das marés no verão e a força da corrente descendente no inverno, com o passar dos anos se avolumam os bancos e coroas que hoje obstruem o leito do rio, de margem a margem. As marés grandes de lua, transpondo aqueles obstáculos e subindo o Pindaré e Maracú, deixam sempre ao baixarem, crescentes massas d’água salgada que, sem poderem mais descer, represadas pelos sêcos, mais se vão avolumando de mês a mês. E, penetrando a bacia coletora do lago, inundam-lhe as margens, avançam pelos igarapés, espraíam-se nos baixos, matando a vegetação arbustiva e rasteira, numa verdadeira “invasão do mar”, num “inverno salgado”, como lhe chama o cabloco. Anos há, porém, em que, por motivo de nós ignorados, é quase nenhuma a diferença de altura das águas nas marés de lua nova e cheia, de que resulta não ficar o Pindaré, na “clássica zona dos sêcos”, excessivamente esgotado nas pequenas marés de quarto crescente e minguante. Nesses anos afortunados, não se interrompe a navegação nos dias das marés mínimas e as máximas, por não serem excessivamente grandes, não impelem até o lago a água salgada com seu cortejo de prejuízos. E, por não serem tão violentos o fluxo e refluxo diários no lago, este retém maior volume de sedimentos, que tentam anular os anteriores avanços do Gibirí lago a dentro, tornando menos fácil a entrada das lanchas motorizadas.

Dantes a água salgada, quando nas “grandes crises climáticas” alcançava o lago, dele não passava. Não lhe alagava a ribeira, nem vingava as “tapagens” dos igarapés, que sempre conservavam água doce para bebida do gado. Mas ultimamente, com a

retaguarda garantida pela barragem natural dos sêcos, o mar venceu o rio e o lago e ameaça novos avanços de conquistador.

Outro “elemento de causalidade” no fenômeno da progressiva intromissão da maré rio acima até o lago, começou ainda no século passado com a abertura espontânea do Gibirí, canal que cortou, retificando-o, o antigo “rio divisor”, principiando desde então o “fluxo a fazer oscilar diariamente as águas, nas sêcas”. No Gibirí tão grande tem sido a ação desagregadora das marés, que em menos de dez anos, as grandes embarcações, que dantes não podiam navegá-lo, hoje vêm até o meio do lago, em pleno verão. Enquanto este se entulha, o rio se alarga e se aprofunda, formando margens até dentro da bacia lacustre. E também, já em anos mais recentes, os cortes da grande volta da Cachoeira e da dos Tralhotos mais abaixo, encurtando de vários quilômetros o curso do rio Pindaré, deram maior rendimento à força dinâmica das marés. O pouco volume d’água do Pindaré, devido à escassez de chuvas abundantes no período das cheias, é outra causa do avanço progressivo do salso elemento.

Por duas vezes já se tentou a construção de uma “tapagem” no Gibirí, a primeira nos últimos anos do século passado e segunda, na segunda década deste. Em ambas o resultado foi desastroso, porque as águas do lago não quiseram tornar ao regime antigo de descida pelo Rio-Velho e encarniçaram-se no ataque à barragem, que em pouco tempo rolou levanda pelo ímpeto da correnteza.

Tôda esta zona dos campos foram uma vasta planície, a poucos metros acima do nível do mar e tão chata que o mórro do Moco-roca, com menos de cem metros de altura, é visto a distâncias consideráveis. No inverno toda a zona dos campos baixos se cobre dum vasto lençol d’água doce, que os repiquetes do Pindaré (e às vezes do Mearim), as chuvas locais e o “rosário dos lagos do Maracú” despejam no de Viana, que é o seu coletor natural, no qual sobe a mais de quatro metros a altura da massa líquida, altura que vai gradativamente decescendo na proporção do afastamento da bacia e da aproximação do mato, onde é obrigada a deter-se. Mas, penetrando-lhe os flancos, abrindo enseadas e furos, avança até muito dentro do território do município, ao nascente pelo lago do Aquirí e igarapé do Piraí e ao poente pela grande enseada do Piraqueú, prolongamento do lago de Maracassumé, formando assim como uma grande península de terra firme, em cujo extremo meridional está edificada a cidade. No verão transmuda-se o cenário em tôda a região dos lagos, cujas bacias se reduzem a menos de metade, cedendo o lugar a imensas, contínuas e verdes campinas, que às vezes, nas grandes sêcas se cobrem de cinzento, pela morte do capim-de-marreca. De modo que a

passagem dos campos baixos apresenta dois aspectos distintos, no inverno uma imensidade amazônica de águas, no verão uma imensidade de campinas verdejantes, em cujos centros as bacias dos lagos rebrilham e fremem ao sol abrasador.

Na grande península de terra firme há pouco mencionada, a partir da cidade, o terreno vai subindo em ondulações consecutivas. A tabuleiros sucedem depressões profundas, em cujo fundo e em pequenas torrentes, rolam no inverno as águas das chuvas e dos olhos d'água, em busca dos campos, onde essas calhas de drenagem despejam a sua carga líquida. Algumas vezes dilatam-se elas em poções, bamburrais, alagadiços e Lagôas do mato, cada qual com o seu sangradouro para os campos. Além da península, já no "centro", o terreno atinge a altura de setenta metros acima do nível do mar e se torna mais ou menos plano, até os limites do município e mais além. Todo ele é constituído de argila massapê e tabatinga entremeiados em proporções diversas e pequenos depósitos de piçarra ou areia, quando de formação mais recente. Também nas depressões do terreno, nos têsos e à beira dos campos baixos, são freqüentes e abundantes os depósitos de argila plástica, o barro de oleiro. Todo o terreno é muito pobre de cálcio; as análises das águas não revelam senão traços raros desse precioso elemento. Eis porque têm fracassado as tentativas de grandes plantações do coqueiro, que é exigente desse metal. Esta rica palmeira só se dá, crescendo e frutificando normalmente, dentro da cidade, nos quintais, onde já existe cálcio para suprir, embora parcamente, as suas necessidades. A deficiência de sais de cálcio e de outros metais indispensáveis à vida de compostos nitrogenados e de fósforo, talvez seja a causa da pouca fertilidade das nossas terras altas.

Nos campos baixos, o limo deixado pelas águas da enchente, todos os anos os fertiliza, mas sem proveito; o arroz aí plantado os jejús o comem, mal a água cobre o solo; a mandioca não suporta a submersão periódica do terreno; o feijão, o milho, os legumes e hortaliças que se podiam cultivar nas vazantes, desses não cogita o caboclo. Menospreza esse terreno pela abundância que tem de mato alto, onde vai obter menor colheta. O fumo aí cresce viçoso e rende muito, mas não pega fogo, é praticamente incombustível. Isto devido talvez, ao excesso de cloreto na terra, principalmente o de sódio. Experiências já se fizeram de culturas nos campos de têsos com bons resultados, os quais melhores seriam com o emprêgo de máquinas que tornassem o solo mais fôfo e permeável. Esse excesso de cloretos ou de outros sais talvez seja a causa da imunidade dos nossos matos aos catastróficos incêndios que, não só no estrangeiro como no país, devoram imensas florestas, propagando-se com rapidez e furor indomáveis. Aqui,

quando o fogo dum roçado, em plena canícula estival, consegue transpor os aceiros, vai morrer mais adiante, vencido pelo frescor do mato verde. Por isso é que o vianense sorri zombeteiro quando ouve acusarem-se os balões e os foguetes, de incendiários de florestas. Dos nossos balões de São João e das festas de igreja, a maior parte cai nos matos e não há memória de nenhum incêndio aí por eles provocado.

## CAPITULO II

### AS ÁGUAS

No princípio tudo eram águas. Águas do mar, sem dúvida. Depois veio o “imenso atêrro” e repeliu-as e soterraou-as. Porém as águas do céu continuavam a cair e a seu tempo, cobriam o atêrro dum mar doce. Mas o atêrro continuou. Ergueu a terra firme e reduziu o mar doce. E a terra firme, varrida pelas chuvas, entregava-lhes a areia com que se restringiam lentamente os limites das águas. Estas, perdendo sempre terreno e represadas por certas lagens “que contribuíram talvez, para a formação dos lagos em rosário de Maracú”, concentraram-se nestes e cavaram o rio, abrindo caminho para tornarem ao seu reservatório natural.

Os “lagos em rosário do Maracú”, no dizer expressivo e simbólico de Raimundo Lopes, são os sete seguintes: Formoso, Capivarí, Cajarí, Maracassumé, Aquirí, Itans e Viana, que é o coletor de todas as águas. Há ainda no município, na área dos campos altos, as pequenas bacias lacustres de erosão chamadas Laguinho e Jacaré, que despejam diretamente no Pindaré e no Mearim o seu excedente líquido, pelo grande igarapé do Saubeiro, que corre todo em nosso território e desemboca no estuário do Mearim de cujas águas se alimenta.

Nos grandes invernos, o lençol líquido ainda nos dá uma visão retrospectiva e resumida do antigo mar doce, no qual se transforma, num circuito de muitas léguas, o rosário dos lagos. Destes, só o Viana, já em franca velhice e um dos mais instáveis, cabe totalmente dentro do nosso território; os três primeiros são de Penalva e o último, de Matinha. Pelo ocidente, o de Maracassumé, em parte linha divisória das duas comunas, lança à sua direita um grande braço gradualmente estreitado, que se enfia longamente em território vianense, na direção geral do norte. É o Piraqueú. Comunica-se com o de Viana pelo igarapé do Sapo, que aí é o cordel do rosário. O outro fio sai da parte oriental do lago, em direção leste, volve em seguida para o norte, até o Aquirí onde se expande e espria em forma lacustre, oblongolanceolada, encurvando-se aos poucos para o nordeste e estreitando-se gradualmente, até morrer à beira do mato, em lugar onde, no inverno chegam as águas da calha do Piraí. É mais provável porém, que seja esta calha a origem do Maracú que daí partindo, forma o lago do Aquirí, sai dele já com ares de rio e os nomes de Iragapé-das-Colhereiras e Igarapé-do-Engenho e penetra no lago de Viana. Daí sai pela parte sul e, depois de um sinuoso curso, sempre em sentido geral do sul, lança-se no Pindaré, passando pela cidade de Cajarí, que lhe descança à margem direita.

Nos campos altos, fora da zona de “invasão do mar” e das “terras caídas”, correm pequenos cursos d’água, engrossados no inverno por outros ainda menores, que tecem uma rede de pequenas calhas de escoamento. No verão esses riachos se estrangulam em poções que, nas grandes estiagens secam completamente deixando o fundo argiloso esturricado, entorroadado.

Ao lago de Viana vão ter todas essas águas escoadas. O principal desses cursos d’água dos têsos é o Igarapé-do-meio, vindo depois em extensão o de Pindoba-rala, em cuja margem sul há uma pequena disjunção da mata de babaçú, donde lhe vem o nome. E nos campos baixos, deixado pelas vazantes, resta sempre no fundo das enseadas, um poção com água doce e peixes até alto verão, cada um com o seu igarapé sangradouro, que amiude seca antes daquele.

Referindo-se ao nosso lago, disse no século XVIII o jesuita padre José de Moraes: “O famoso lago onde se ajuntam as águas do Pindaré, para depois continuarem o seu sossegado curso...”, donde se infere que as águas do rio vinham ter ao lago. Se assim era nesse tempo, também o é agora, mas só em parte. Das águas do Pindaré, menos da metade penetra em nosso lago; a maior parte por aqui não passa em sua descida para o Mearim. A porção que nos toca, vinda pelo Maracú no comêço da enchente, é engrossada depois pela do Igarapé-do-Mistério, que coleta as águas de vasta zona dos campos baixos, fora das nossas linhas territórias e as vai lançando no Pindaré, até que os primeiros repiquetes do rio o façam arrepiar carreira e o obriguem a despejá-las no lago. Esta invasão do curso do Mistério é característica dos grandes invernos; nos pequenos, a força dos minguidos repiquetes é incapaz de deter e fazer recuar essa torrente impetuosa.

Estas águas e mais as das chuvas, dos rios do mato e das bacias do Cajarí e do Mrcassumé, cooperam na formação do nosso já citado mar doce temporário. Alcançado no lago o ponto de transbordamento, as águas das bacias lacustres do aquirí e do Itans, que no princípio da enchente vêm ter ao de Viana pelo Igarapé-de-Engenho, voltam por onde vieram e procuram saída para os grandes rios através dos têsos, pelas calhas de escoamento, deste modo ajudando com eficiência o Maracú no seu pesado trabalho de drenagem, do qual participa ativamente o igarapé do Jacaraí, que despeja no Pindaré, em Cachoeira, o extenso lençol líquido da baixa de Imbaúba e adjacências. Esta violenta drenagem, tanto mais violenta quanto maior a cheia, iguala nos dias da enchente máxima as entradas líqüidas e deste equilíbrio resulta que a cidade, apesar de edificada à beira dum lago sujeito a enchentes que vão a mais de quatro metros acima do nível médio do

verão, é indene de inundação, a não ser nas pontas das ruas que acabam nos campos, cujos moradores levantam casas dispostos a acrescentar-lhes girais de emergência, girais que se reconstruem sempre que a água o exige.

O escoamento ganha maior impetuosidade, livre da pressão das grandes marés, depois da quebra das águas vivas da última lua de abril. É crença arraigada entre o povo, que as águas da enchente começam a baixar depois do dia da Ascensão, mas a observação demonstra que a vazante se inicia quando as águas da primeira lua de maio começam a quebrar, isto é, quando as grandes marés da lua entram a diminuir com a progressão do satélite. Muitas vezes a enchente progride depois da Ascensão e muitas vezes declina antes. E a vazante, que se estabelece definitiva na primeira quinzena de maio, está em função da redução das grandes chuvas e da baixa das águas das marés de quarto no pré-estuário do Mearim.

Desde então começa o volume líquido a decrescer, até agosto ou setembro, quando atinge o seu nível de verão, já descobertas as várzeas verdejantes. Daí em diante, as águas do lago de Viana se mantêm constantes, crescendo um pouco nas grandes marés e diminuindo em águas mortas, mas sempre com o atraso de uma semana; quando no Pindaré já são mínimas as marés, no lago ainda as águas estão grandes. No Aquirí e no Maracassumé porém, é progressiva a redução do volume líquido, salvo quando a água salgada os invade. Em capítulo anterior já se fizeram referências às entradas periódicas do salso elemento no lago de Viana pelo Maracú e excepcionalmente, por motivos fortuítos, nos de Aquirí e Maracassumé, referências essas que melhor colocadas ficariam aqui. O capítulo “O Terreno” usurpou muita matéria ao das Águas.

Falemos agora das águas subterrâneas. Na zona da mata são comuns os “olhos d’água” permanentes, isto é, afloramento de lençóis de infiltração que no inverno dão nascente a grandes e extensos igarapés de margem sombreadas de compactos e farfalhantes jussarais e concorrem com as chuvas para a formação dos bamburrais dos alagadiços dos poços e dos grandes vazadouros chamados “rios do mato”.

É sempre boa e abundante a água nesta zona, não só a das nascentes, como a dos poços que se cavam. Nos campos, porém, a água potável é escassa, o que estorva o aumento da densidade populacional em largos trechos. As águas de infiltração carregam-se de sais de origem marinha, de que são ricos os terrenos argilosos e sedimentares da região e os poços que se abrem de ordinário as vertem salobras, cruas, e intragáveis, exceto no Ingá e adjacências, em que a água é potável. Mas aí os poços são instáveis por falta de solidez do terreno de areia grossa.

Na cidade também, via de regra, são salobras as águas dos poços, mas logo adiante, nos subúrbios, numa faixa de terra que vai da Mousinha para o nascente até o Vinagre ou mais além, parece deslizar um grande lençol subterrâneo de doce linfa, leve e agradável ao paladar, embora em rigor, não seja perfeitamente potável, por lhe falta o cálcio. Mas cálcio aqui é fruta rara e por sua falta não é que o povo se prive da única água de que se supre. Este lençol tem um afloramento perene na antiga fonte do Mousinha, hoje transformada em poço. Nos campos baixos, a água aparece a poucos metros de profundidade, salobra, pesada, inútil para tudo. Só nas Castanheiras, lugar próximo da margem sul do lago, em plena mata higrófila, a água é boa de beber, mas os pocinhos abertos, em pouco desabam, por falta de consistência do terreno de areia solta.

## CAPITULO III

### O CLIMA

O nosso clima sub-equatorial, quente e super-úmido, é definido por clima sudanês de baixada (Raimundo Lopes), com temperatura oscilante entre 32 e 34 graus à sombra, durante o dia e 26 a 27 à noite. Só nos dias muito encobertos do princípio do inverno (janeiro e fevereiro), sem sol, com chuvas esparsas e ventos frios, o termômetro acusa a máxima de 24° de dia e a mínima de 23° no decorrer da noite e, nesses dias de friagem é redobrada umidade, o povo habituado mas não conformado ao calor dos dias de sol, ressentido-se e do calor para o frio transfere a sua eterna queixa.

Nesses dias, com a tristeza do céu turvo e nebulado contrasta o jubiloso rejuvenecer do mundo vegetal que, restabelecendo o vigor da fotossíntese, dantes prejudicada pelo excesso de calor e radiação, veste-se de novas folhas de um verde mais intenso, de um brilho mais vivo. Seja pelo aumento de sua função clorofiliana, seja por outro efeito telúrico, químico ou físico, o certo é que as nossas plantas se mostram sensíveis à chegada das chuvas, que lhes lavam as folhas cobertas de poeira, embaciadas e tristes, que lhes suprem no solo a água necessária à vida. A relva parece outra, tão limpa e viridente que se torna em poucos dias; as árvores lançam no espaço novos ramos, que brotam tenros e delicados, para logo se revigorarem festivos como se quisessem transmitir a quem os vê, a sua alegria de viver. Os cipós, dantes enervados como se dormitassem ao calor do estio, lançam em derredor novas e possantes gavinhas, ou a tudo se enroscam na ânsia de expansão e domínio. As ervas e arbustos, brotando súbitamente das sementes que o vento profusamente semeara por toda parte, invadem os caminhos, as ruas e praças, os quintais, os sítios, os cemitérios, os terreiros e as roças, para tormento do lavrador, que tem de sair a campo e abrir luta bem travada e suarenta contra um inimigo numeroso e tenaz.

O mês mais quente do ano é o de maio. Com a cessação ou diminuição das chuvas, o sol fustiga violentamente o grande espelho das águas, a evaporação acentua-se com saturação completa do ar pesado de vapor d'água, reduz-se grandemente a evaporação cutânea, cresce o calor interno e o homem sofre horas angustiosas de mormaço, de enervação, de malestar, assim de dia como de noite. Mas em junho, o vento sul, o “vento das febres”, como antigamente era chamado, por coincidir a sua chegada com os princípios do grande surto anual das febres palustres, ameniza um pouco a situação, soprando, em horas incertas, do lago para a cidade. Daí em diante as

noites se refrescam, os ventos gerais de NE mitigam o calor, salvo nas horas caniculares, em que os ares refervem em bocorno abrasante. E, quando param com o declinar da tarde, toda a natureza sustida por um repentino espasmo, sem uma fôlha que se mexa, sem um pássaro que cruze os céus, cai em modorra, abatida pelo calor enervante, até que já noite, uma brisa fresca restitui ao vivente o prazer de viver, consolando-o do anterior sofrimento.

Em novembro caem as primeiras chuvas do inverno, depois de um, dois ou três meses de completa ausência, seguindo-se a fase chuvosa de dezembro. Mas a esta “segue-se o verão de janeiro, curtíssimo e irregular suspensão de pluviosidade, cuja explicação é bem simples. É que então o equador térmico e sua faixa de chuvas pairam alguns dias ao largo da costa sobre o equador astronômico e em direção às Antilhas. Mas a constância do anticlone marítimo açoriano logo suspende essa translação boreal do máximo pluvioso que, repelida para o sul, reincide sobre o Maranhão, determinando de novo, de fevereiro a junho, a segunda parte do inverno, plenamente desenvolvida, ao inverso da primeira e até excessivamente, porque junho, em teoria, devia ser mês de sêca.” (*Raimundo Lopes*)

E de fato, março e principalmente abril, são os meses de maior altura pluviométrica, isto é, são os meses em que mais chove, com frequentes tempestades, relâmpagos ofuscantes e trovões aterradores. “O Maranhão é um dos lugares em que mais chove na Terra”. E o nosso regime pluvioso alcança a mesma altura nos campos e no mato, porque independente da ação condensadora da floresta; outras são as suas causas.

Mas nada têm os invernos de regulares; a um excessivamente grande, sucede um excessivamente pequeno. Depois de dois ou três grandes consecutivos, vem um ou vêm dois pequenos e assim sempre com a mesma e constante irregularidade, que desnorteia e desacredita os adivinhos e profetas do tempo.

Às vezes, tudo a enchente avassala, tentando até inundar os campos altos, onde o gado é condenado a passar o tempo dentro d'água e a dormir na lama. Só à criação de peixes favorecem as grandes invernadas; à lavoura prejudicam grandemente, em particular à de mandioca que, com a estagnação das águas das chuvas nas roças, morre de apodrecimento das raízes, doença que supomos de natureza microbiana, favorecida a vida do germe pelo calor do sol e a excessiva umidade da terra. Já os invernos pequenos são benfazejos, tanto para a lavoura quanto para a criação. Estragam menos as estradas e caminhos, que mais cêdo se consolidam para o restabelecimento mais precoce do tráfego.

Aos nossos adivinhos e profetas do tempo falecem elementos em que firmem com segurança as suas previsões sobre o tamanho do inverno. No Nordeste, quando o há, desde cedo as formigas, as abêlhas, os calangros, os tejús, as aves, os pássaros, os gambás e certas árvores começam das condições meteorológicas. Entre nós, aqueles seres vivos não recebem e não reagem a essas mudanças, certamente por falta ou perda dos reflexos provocadores dessas reações, em virtude da regularidade da seqüência das estações. Só o japi constrói seu ninho em árvore baixa, prenunciando a enchente pequena mas até ele, com toda a sua sagacidade e inteligência, sofre, como todo profeta, espetaculares e inesperados fracassos, que muitas vezes chegam à perda da própria casa, levada pelas águas. Também a rã costuma raspar a sua cuia, mas isto só quando a chuva já vem perto, sendo que de ordinário ela só se entraga a esse trabalho de raspagem depois da chuva.

Aqui não se cogita de saber se há inverno, mas de conhecer-lhe o tamanho, o que é mais difícil, porque não há nunca ausência completa de chuvas. Inverno chama o vianense à enchente inundante e não à freqüência das chuvas. Quem aqui se mete a profeta, em pouco tempo se desacredita, com a falência completa do seus vaticínios, não raro depois de pequenos sucessos iniciais. Alguns se põem a “observar os astros”, principalmente a posição das “Sete Estrelas”(Pléiades), como se esta não fosse a mesma no céu em dado dia do ano e se as constelações pudessem retardar o seu giro aparente, obedecendo a mudanças de condições meteorológicas locais, ou inversamente, se a posição das estrelas fixas pudesse influir nas quedas barométricas provocadoras das chuvas.

O que não perde o crédito, apesar do fracasso em que incorre quase sempre, é a experiência de halomancia da véspera de Santa Luzia. Ao lusco-fusco, o experimentador coloca em linha, ao relento, sobre uma pequena tabua, seis pedras de sal mais ou menos iguais, cada uma das quais, a contar da esquerda para a direita, representa um dos seis primeiros meses do ano por vir. Ao amanhecer verifica quais as pedras que total ou parcialmente se deliram, ou permaneceram enxutas e daí conclui pela freqüência, escassez ou falta de chuvas nos meses representados. Euclides da Cunha considera aceitável esta experiência, que “tem base positiva”, porque demonstra a existência de maior ou menor quantidade de vapor d’água nos ares e maiores ou menores possibilidades de depressões barométricas capazes de atrair o afluxo das chuvas. Pensamos porém, que ela é inaceitável, porque, sendo idêntico o grau de umidade atmosférica atuante sobre cada uma das pedras, claro é que a maior ou menor delinquescência depende da menor ou

maior agregação dos cristais, da maior ou menor porção água entre eles embebida. E nessa desigualdade está a razão do êxito aparente da experiência, porque, se iguais fossem as pedras, todas igualmente se diluiriam. E por isso não é preciso apelar-se para a ação do sobrenatural atribuída à experiência, cujos eventuais sucessos se enquadram nos nossos limites do cálculo das probabilidades, “Conta-se que no Ceará fizeram esta experiência diante do naturalista George Gardner, mas o sábio, fazendo observações meteorológicas e chegando a resultado diferente do atestado pela santa, exclamou em seu português atravessado: Non! Non! Luzia mentiu.”(*Silvio Romero*). E o que mais admiração provoca nos entendidos e nos experientes, é a crença inabalável do povo nas “Previsões do tempo” do Almanaque de Bristol, feitas com um ano e mais de antecedência, quando é sabido que os meteorólogos só podem prever o tempo com uma antecipação de quarenta e oito horas, no máximo.

## CAPITULO IV

### A CIDADE E OS POVOADOS

A cidade assenta sobre terreno acidentado, mas os seus argutos fundadores não puderam encontrar melhor local para erigi-la. Ponto de convergência de vasta região campesina e lacustre, de fácil acesso às fundas águas dum grande rio navegavel, no vértice duma língua de terra firme possibilitando profunda penetração na floresta virgem e rápida defesa, todas estas virgens levaram-nos a perferir a fundação em chão revolto, a procurar local mais plano, mas menos vantajoso, várias léguas distante, na mata.

A ondulação das ruas que descem em fortes pendores para o campo, favorece em alto grau, a ação corrosiva da erosão, que de longa data lhes vem rebaixando o leito. E ultimamente, a passagem de máquinas aplainadoras e o tráfego de caminhões pesados, agravaram a situação, desagregando o solo no verão, para facilitarem no inverno a ação das águas impetuosas que arrastam as terras e, abrindo fundas valas, transformam em barrancos o leito das ruas, deixando as casas no alto da ribanceira a exigirem escadas de acesso, quando não ameaçadas de desmoronamento. Sem o calçamento dessas ruas, a cidade acabará despejando-se nos campos.

A área central de ruas calçadas e largura bem proporcionada à altura das casas que se sucedem unidas, tem um aspecto agradável e perfeito de centro urbano, que outras cidades do interior maranhense não conseguem apresentar. De feição colonial típica, com ruas estreitas que se cruzam enviesadas (obliquidade essa imposta pela necessidade de se acompanharem as curvas da borda do campo), a cidade dá as costas para o lago, mostrando-lhe os fundos das casas da primeira rua. No trecho mais antigo do perímetro urbano, a maior parte das casas, construídas no século passado, na era do esplendor do açúcar e do trabalho escravo, pelos donos de engenho, ou por abastados criadores, são pesados edifícios de grossas paredes de tijolos ou pedra, todas do mesmo estilo tradicional, com grandes salas, quartos e corredores e a ampla e indefectível varanda do fundo, acompanhando toda a largura do prédio. Várias delas, na época da decadência que sucedeu ao treze de maio, foram abandonadas e demolidas, não obstante a solidez de suas paredes.

Desse núcleo primitivo a cidade foi se irradiando lentamente, sem saltos nem estrangulamentos, pelas ruas que aos poucos se prolongavam e prolongam, para atenderem à exigência de novos terrenos, primeiro para o norte, depois também para o nascente, onde é maior a expansão. No princípio são palhoças e choupanas, depois entre

elas vão surgindo com progressiva frequência, as casas de telhas pequenas, baixas, pobres, mal divididas, quase sempre inacabadas, de paredes nuas, contrastando as antigas na pouca altura e na pequenez dos repartimentos internos, imitando-as no descuido arquitetual, na assimetria, na ausência de elegância, de beleza e arte. Os ricos, nos raros prédios que levantam ou reconstróem, primam, com raras exceções, pelo conservantismo avesso de toda idéia de reforma renovadora e capricham em manter inalterado o mesmo feitio antigo da cidade, pelo que o atual estílo de bungalow, dominante na arquitetura residencial do interior em quase todo o país, não é de admirar que ainda não exista na cidade. Os pobres, ou vivem em palhoças que avultam em número, em todas as ruas fora do restrito núcleo primitivo, ou com grande esforço e desejo de progresso, fazem as citadas casinhas de telhas, baixas, feias, de beiral saliente. Essas palhoças e casinhas formam as novas ruas, sem obedecerem ao rigor dum perfeito alinhamento e daí o aspecto desagradavel dessas vias públicas.

Em seus começos, a cidade só tinha uma praça, a da Matriz. Construindo a igreja e delimitando-lhe em frente o respectivo largo, não puderam os jesuítas, por falta de tempo sem dúvida, demarcar novas praças e assim o povoado começou de espriar-se sem elas, para a direita e mais ainda para a esquerda, com suas ruas estreitas e tortuosas, até cobrir toda a ponte entre as duas águas do lago à esquerda e da reentrância da Gurgueia à direita.

Coberta esta parte da península, a nova vila entrou a dilatar-se para o norte galgando eminências<sup>2</sup> e descendo depressões por três ruas principais até atingir outra reentrância do campo por nome Enseada da Mousinha.

Derivou então para o nascente o seu lento restejar, durante o qual, ninguém se lembrou de localizar outro logradouro público, até que em tempo relativamente recente num transitório e curto período de eficiência administrativa municipal, foram abertas por desapropriação e demolição de velhas casas arruinadas, as atuais praças Oito de Julho em frente a Prefeitura e Duque de Caxias, ambas na parte mais antiga da cidade, que ainda hoje continua a crescer sem uma só praça ou largo em sua parte nova, uma vez que tal nome não merecem os pequenos espaços vazios fronteiros à capelinha da Barreirinha e às igrejas de São Sebastião e de São Benedito.

Com a área terrestre de 818 quilômetros quadrados e a população de 22827 habitantes (em 1 de julho de 1950), Viana situa-se entre os menores municípios do Maranhão em tamanho e entre os mais densamente povoados, com 27,906 habitantes por

quilômetro quadrado. Esta alta densidade demográfica - alta para um Estado de população escassa e dispersa - ocupa o quinto lugar em todo o interior maranhense. Na cidade e arredores agregam-se 22 por cento da população do município, segundo o recenseamento de 1 de julho de 1950. Os restantes 78% espalham-se na zona rural mais que na dos campos, nos quais é pequena a concentração populacional não só pela escassez d'água potável, que os torna êrmos em longos trechos, como pelos métodos de trabalhos pastoris, que não exigem braços em grande número, cooperativo como é todo o serviço que se executa.

Nos campos vive o homem em casas de soalho ou de girau alto, que mitigam a umidade do solo nos meses de chuva, construídas sobre esteios de madeira de lei com paredes de taipa as antigas e de tabuas, as modernas. São todas do mesmo tipo característico da zona, com uma larga varanda ocupando toda a frente<sup>3</sup> e atrás dela dois ou três quartos, constituindo o caixão da casa. Por trás destes, sob um prolongamento do teto para baixo, uma segunda varanda mais estreita com um quartinho numa das cabeças e, num puchado, a cozinha destapada. São cobertas de telhas ou de pindoba, consoante às posses de cada um e tomam os nomes de “fazenda” ou de “retiro”, de acôrdo com o número de cabaças de gado que possui o dono, embora, por vezes seja melhor que a da fazenda a construção do retiro. Localizam-se esparsas pelos campos, buscando quanto possível, acostar-se a algum arvoredor, ou se aproximam, formando pequeninos povoados de meia dúzia de casas distanciadas de cinqüenta a cem metros umas das outras.

Em frente do prédio ou à sua direita, levanta-se, os currais de pesadas peças lascadas de burari, de tarumã prêto ou de mangue, mantidas em posição horizontal por estacas duplas do mesmo material. A esquerda nunca se situam os currais, porque isso seria a ruína, embora nem um só fato concreto se conte que justifique a abusão, a qual, entretanto ninguém se arrisca a desfazer.

Nos matos é diferente a habitação. Nada de casas de girau com varanda corrida na frente, como nos campos. Há-as de diversos tipos: a palhoça do caboclo (ou prêto ou branco); a casa do lavrador farto, coberta de pindoba, mas tapada de barro, com divisões internas de palha e pavimento de terra batida; as casas de povoado, cobertas de telha com paredes de taipa ou de tijolos, portas de tábuas, caiadas ou pintadas, ladrilhadas ou assoalhadas, em geral baixas as pequenas para moradia, as maiores para domicílio e comércio; as grandes residências senhorias, já bem poucas, com numerosos quartos e

---

<sup>2</sup>Em seus pontos mais altos, a cidade está a vinte e cinco metros acima do nível do mar.

dois pavimentos, assobradadas, lembrando as casas-grandes dos antigos engenhos<sup>4</sup>. As casas dos dois primeiros tipos aparecem quase sempre solitárias à beira das estradas e das veredas, ou à ourela dos campos baixos, mas às vezes agrupam-se algumas em pequeno número e, nas proximidades das povoações vão ficando mais freqüentes.

As povoações vão se formando, umas lentamente, outras de maneira rápida, de acôrdo com os recursos econômicos da zona em que se fixam. Bacurizeiro, por exemplo, uma das maiores e mais próximas da cidade, da qual dista apenas sete quilômetros, situada em terreno alto e enxuto e atravessada ao meio pela linha telegráfica, é quase estacionária; não tem grande movimento comercial, porque a sua produção agrícola não avulta no quadro das exportações, mas conserva inalterado o seu coeficiente demográfico, graças a sua lavoura de sustentação e à proximidade do lago do Aquirí, que lhe facilita meios de subsistência barata. Estacionárias são também Piraí, Taquaritúia, a centenária e decadente Vila Nova de Anadia, Santa Bárbara, Caru e outras menores, porque à proporção que os pioneiros avançam mata a dentro, novos núcleos vão surgindo prósperos (três Palmeiras, Canajuba e outros) com ativo comércio e este deslocamento de população não deixa margem de crescimento rápido aos povoados que vão ficando atrás, desfalcados do seu elemento humano e só muito lentamente crescendo por aumen-to vegetativo. Seria necessária uma forte corrente emigratória apoiada em sólidas vanta-gens econômicas para mantê-las em ascensão e compensá-las da constante sucção do centro. A característica de todos esses núcleos humanos é a falta de alinhamento das casas, que acompanham as sinuosidade da estrada que as atravessa, umas mais para dentro outras mais para fora, desordenadamente<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> As margem do Pindaré e do Maracú, as casas ribeirinhas não têm aberta a varanda da frente e sim fechada por alta parede de tabuas com janelas; em tudo o mais se assemelham as acima descritas, dada a identidade física do terreno úmido e alagadiço.

<sup>4</sup> Nas “fazendas de lavoura”, que nos tempos da escravidão floresciam na zona da mata, seus ricos proprietários habitavam grandes casas confortáveis. Com a libertação dos escravos e consequente abandono desses centros de produção, as casas-grandes foram aos poucos desaparecendo e o termo “fazenda” recolheu-se humilhando à zona dos campos.

<sup>5</sup> De uma pequena monografia do município de Viana, publicada pelo Conselho Nacional de Estatística, colhemos que a população deste município em 1-VII-1956 foi estimada em 26.156 habitantes com uma densidade demográfica de 32 habitantes por quilômetro quadrado. Três páginas adiante informa a mesma publicação que “dispersa por uma área de 790 quilômetros quadrados em 1955, a população de Viana atingia na mesma data, 25.898 habitantes (estimativa do DEE), de que resulta uma densidade demográfica da ordem de 33 pessoas por quilômetro quadrado”. O Anuário Estatístico do Brasil, do ano de 1953, dá ao nosso município uma “área terrestre” de 818 km<sup>2</sup>, uma população de 22.827 habitantes (em 1-VII-1950) e uma densidade demográfica de 27,906 habitantes por km<sup>2</sup>.

## CAPITULO V

## A FLORA

O solo do município de Viana divide-se em duas áreas florísticas distintas, a da mata e a dos campos<sup>6</sup>. A vegetação camprestre, dominante não só no Brasil, como em toda a América do Sul, não o é aqui, onde ocupa menos de metade da superfície total.

Na parte ocidental do território, nos limites com o município de Pinheiro, restam ainda pequenas manchas insuladas da antiga *Hylaea* amazônica, que está quase completamente exterminada pelo machado e pelo fogo. E à *Hylaea* arrasada não é permitido recompor-se. Abatida para a lavoura certa porção da floresta virgem, em que não há em toda a redondeza, num raio de muitos quilômetros, um único pé de babaçú, dentro de cinco anos, no terreno abandonado após a colheita, cresce um compacto pindobal que, vindo sem se saber de onde<sup>7</sup>, a pouco e pouco se vai insinuando na capoeira em formação, acabando por dominá-la. E assim se estabelece a mata do “tipo maranhense”, na qual sobrevivem e prosperam, de permeio com a famosa palmeira, inúmeras espécies hileanas, quando o homem não transforma o terreno em campo artificial de criação de gado.

Mas nem sempre é possível ao babaçú essa vitória-relâmpago, pois muitas vezes, só vários anos depois, ele vai surgindo esparso, aqui e ali, não raro levado pelo homem, no meio do mato que se refaz. Diz Barbosa Rodrigues que essa palmeira veio “das Guianas e, depois de conquistar as matas da Amazônia, entrou nas de Mato-Grosso, estendendo-se até a Bolívia”. E, se é verdade que as nossas terras altas foram primeiro ocupadas pela floresta do tipo amazônico, é forçoso concluir que o babaçú nos veio de fora, como intruso, avançando na posse do terreno à medida que a floresta recuava acossada pelo homem, hipótese esta cuja exatidão ainda hoje se comprova.

---

<sup>6</sup> A feitura dum mapa fitogeográfico que, com fidelidade e exatidão revele a fisionomia florística do município, exigirá da paleta do autor, quatro gradações de côr, uma mais escura que caracterize a área da mata da terra firme e três as dos campos, sem falar da parte incolor, que assinala o leito dos lagos. Nos limites das duas áreas, bordando a mata, uma tonalidade menos carregada, acompanhará em faixa estreita todas as saliências e reentrâncias do campo, representando a mata higrófila e a mata ciliar, a pestana da margem esquerda do Maracú e do Pindaré e ainda designará as esguias matas-galerias que sombreiam os pequenos igarapés temporários. Outra tonalidade ainda mais clara demarcará os domínios do capim-de-marreca, nos campos inundáveis. A quarta côr determinará o nosso trecho da “Zona dos campos do litoral”, em que predomina o capim-açu com suas companheiras de *habitat*, ao lado dos arvoredos de mangue. A área camprestre lembrará assim uma manta de retalhos, em que sobressairão as manchas escuras das ilhas-de-mato e dos mangais.

<sup>7</sup> Quando os naturalistas que a dispersão dos vegetais a grandes distâncias seja tarefa cometida às correntes aéreas, marítimas e fluviais às aves e mamíferos frugívoros e omnívoros que, comendo os frutos com as sementes, vão depois dejetá-las muito longe. A nenhum destes agentes, no caso do babaçú, se pode imputar essa responsabilidade, poque é ele um fruto relativamente grande, pesado e rijo que só a cutia se atreve a roer para comer-lhe a substância amilácea do mesocarpo. Feito o que, abandona-o no mesmo lugar em que o acha isto o é, debaixo da palmeira, por não ter interesse em levá-lo adiante e por não poder fazê-lo. Resta apenas a hipótese de que as enxurradas do inverno e os rios do mato possam transportá-lo a lugares nunca dantes atingidos, onde só germina depois que o solo descoberto recebe luz e calor suficientes.

Por sua vez, a área campestre subdivide-se em campos de têsos, que já fazem parte da “zona dos campos do litoral”, campos baixos alagáveis, matas higrófilas de várzea e flora hidrófita ou aquática dos paúes e dos lagos permanentes. Nas matas de terra firme, nos lugares onde depressão do terreno acumula as águas das chuvas, formando poções, charcos, bamburrais, lagôas do mato, ou nos igarapés-do-mato (grandes sulcos condutores das enxurradas para os campos baixos), dão-se ocorrências da flora higrófila dos campos, com quase idêntica vegetação mantida por idênticas condições de umidade do solo, predominando a Arariba, a Geniparana, o Marajá, ausentes quase totalmente o Algodão-do-campo e o Jiquiri.

Nos limites dos campos de têsos com os campos baixos inundáveis (justamente aí onde morrem em nosso território, os campos do litoral), interfere uma envaginação da terra firme que, atravessando o Igarapé-do-Engenho, segue mais ou menos na direção do sul, até alcançar a margem esquerda do Pindaré, nas imediações da Cachoeira e do Maracú, defronte de Cajari, formando ilhas em cujas pontas e abas o babaçú tenta descer ao baixo, com água a subir-lhe ao tronco de dois a quatro palmos e mais nas grandes enchentes. Nos trechos inundáveis desta área, a vegetação hidrófita, que se banha nas águas dos invernos, ora se adensa em intrincada e sombria mata com árvores de todos os tamanhos e formatos, com titaras, marajás e cipós grossos como amarras de navios; ora se esgarça em cerrados de jiquiri, algodão, corticeiras, matapastos, tiriricas e outros numerosos arbustos; ora se abre em campo limpo, em que o capim-de-marreca no verão cobre o solo, até onde o permitido a sombra. Condiciona estas alternativas florísticas, a altura do terreno, isto é, a maior ou menor profundidade das águas hibernais. E as matas-galeras que percorrem os têsos em vários sentidos, acompanhando os igarapés vazadouros das águas pluviais - nos quais prosperam abundantes as forraginosas Canaranas (*Echinochloa polystachia* H.B.K. e *Panicum megiston* Schult.) - têm os mesmos característicos florais acima citados, com a diferença do revestimento do solo, que aqui é de capim-açu (exceto na zona do salgado, onde os igarapés e rias mantidos pelas marés sombreiam-se de pestanas de mangues). Outras árvores florestais acompanham o babaçú na tentativa de invasão da mata-de-várzea, que será vencida quando o terreno levantado por sedimentação, transformar-se em terra firme. Modificadas então as condições edáficas do solo, a atual vegetação clímax desaparecerá, estabelecendo-se em sucessão a mata de babaçú, que por sua vez realizará outro clímax. A mesma disjunção florestal acima mencionada prolonga-se para leste, na zona limítrofe dos têsos e dos baixos, formando as ilhas de Sacaitáua, Perenal, Limoeiro e outras menores, com o mesmo

facies florístico e solo maduro. E assim, onde o terreno se alteia um pouco acima da planície campestre, aí interfere a “mata maranhense” com o babaçú que a caracteriza.

À proporção que secam as águas do inverno despejadas no Pindaré pelo Maracú e pequenos tributários da margem esquerda, vai-se o terreno cobrindo do Capim-de-marreca (*Paratheria prostata* Griseb.), que aproveita o resto da umidade superficial para crescer rapidamente, formando, em amplas e belas campinas, as pastagens de verão. Em dilatados trechos dessas campinas em volta do lago de Viana, é notória a progressiva decadência dos pastos, que de ano para ano se torna mais enfezados. Parece que a camada superficial do solo está a esturrar-se cada vez mais depressa, sem dar tempo à *Paratheria* de adquirir o viço e vigor de outrora, não obstante a adubação de limo que lhe deixam as águas; ou então o sal deixado pela água do mar em suas repetidas incursões lagoa a dentro está a prejudicar o desenvolvimento dessa graminácea. Essas repetidas da água salgada pelo Maracú até o lago, não chegam a modificar-lhe o revestimento florístico das margens, nas quais não conseguem vingar as plantas halófilas. No lago ela devasta a vegetação limnantófila, mas esta rapidamente se refaz, logo que chegam as águas do inverno. Nos campos de têsso, livres das inundações anuais que condicionam a existência do capim-de-marreca, este não pode subsistir e cede o terreno ao Capim-Açu (*Paspalum ligurari* Nees e *Paspalum plicatulum* Mich.), que no princípio do verão, já frutificado, sêco e lenhoso, e queimado para ressurgir viçoso e tenro às apresenta ocorrências na mata de babaçú, nem nos campos baixos. No mato a isso se opõe a vocação do terreno e nos baixos, o ciclo vegetativo daquela graminácea, que não suporta a submersão periodódica total. Em muitas partes a enchente o alcança, mas não chega a cobri-lo totalmente e, quando se retira, em vez do capim-de-marreca, aparece o Andrequicé (*Laersia hexandra* Sw). Além disso, é admissível certa tendência halofila do capim-açu, que lhe restringe a área de expansão não obstante a qual, à sombra dos mangais ele não prospera; aí é o Capim-mimoso (*Paspalum vagina-tus* Sw.) que reveste o solo, de parceria com a Paturá-do-salgado (*Sporobolus virgi-nicus* Kunth.). Os nossos campos de têsso, com seus mangais na zona do salgado e suas matas-galerias ou matas de aspecto de verdadeiras savanas. Neles, de longe em longe se vê um exemplar solitário da Carnaúba (*Copernicia cerifera* Mart.), restos talvez dos primitivos carnaubais, que se extinguiram após sistemática destruição das sementes pelos porcos e pelo fogo. Outra árvore que aí vive é a Quiriba (*Tecoma caraiba* Mart), quase sempre, solitária, ou então em pequenos grupos no meio do campo, sem descer ao capim-de-marreca, sem se aproximar dos arvoredos. Merecem ainda especial menção as ervilhas pequenas que, em toda a área

campestre e às primeiras chuvas, alastram-se humildes e medrosas pelos espaços desnudos e por entre os capins, com suas florinhas de várias côres.

À beira do mato, em terrenos que no inverno a água cobre até mais de dois metros de altura, forma-se a mata higrófila da área dos campos, a “mata de várzea”, em que predominam as seguintes árvores: o Criviri (*Mouriria Weddellii* Naud.) alto, frondoso de tronco e ramos tortuosos; o Arapari (*Macrolobium acaciaefolium* Benth.) também copudo e grande; a abundante Arariba (*Symmeria paniculata* Benth.), que forma grandes moitas e fornece boa lenha; a Ingarana ou Ingá-do-campo (*Pithecolobium glomerulatum* Benth.); o Marajá (*Bactris maraja* Mart.), pequena e elegante palmeira muito espinhosa, de estipe cilíndrico e fino, muito usado em estacas de cêrcas de pau a pique e na ornamentação dos locais das festas de arraial<sup>8</sup>; a espinhosíssima Titara (*Desmonchus polycanthus* Mart.), palmeira prostada e escandente, semelhando imensa cobra verde a querer galgar o tópo do arvoredo, de fôlhas terminadas em sarmentos com espinhos recurvos, em ganchos, frutificando em cachos escarantes; a Geniparana (*Gustavia augusta* L.), de cheiro desagradavel e grande flor branca; o feio Trapiá (*Crataerva tapia* L.), de fôlhas cáusticas; a vulgar Imbauba (*Cecropia* sp.) com longas raízes exsertas e cilíndricas, donde mana abundante seiva muito usada na medicina popular (A Farmacopeia Brasileira registra, não a seiva, mas os brotos da imbauba); a Gargauba (*Cordia tetandra* Aubl.), que finge de amendoeira (*Terminalia catappa* L.), com seus verticilos de ramos horizontais caule vertical; útil e belo Genipapo (*Genipa americana* L.); a Popoca (*Coccoloba ovata* Benth.), ótoma madeira para palitos; a fruta-de-rato ou Tukurubá-do-campo (*Lucuma* sp.); a pequena e leitosa Jonaubunha (*Tabernaemontana rubro-striolata* Mart.); o Bacuripari (*Rheedia floribunda* Miq.); mediano e elegante; o Lacre-do-campo (*Combretum lanceolatum* Pohl); o Cambucá (*Marlieria edulis* Ndz.), azedo e boa madeira para estacas; a Canabrava (*Gynerium sagittatum* Beauv.), graminacea de grande porte com sua vistosa e bela inflorescência em bandeira, meneando-se à mercê do vento e cujo pedicelo é a útil flexa, de vario uso tendo também o colmo suas aplicações caseiras; o Matapasto (*Cassia reticulata* Willd.), pequena e de vida curta, mas extremamente prolfica; começa florescer em maio com belos cachos côr de ouro, cujas pétalas dessecadas o povo utiliza como purgativo e colagogo, embora acusando-as de produzirem hidropisia, depois de longo uso (No inverno lança da parte submersa do tronco, bastos fascículos de raízes adventícias, que no verão pendem sêcos como negras borlas de cauda de

<sup>8</sup>O marajá é umbrofilo, teme o sol forte e vive à sombra das companheiras do *habitat*, de ordinário em cerradas formações homoelitas; frutifica dentro d'água, em cachos, no fim do inverno e o fruto drupaceo, negro e redondo, tem mesocarpo adocicado muito apreciado pelos porcos.

boi); a frondosa rosacea Itaquipé-do-campo (*Licania* sp.), cuja cinza fortifica o barro das loucas; o Cachimbeiro (*Cassia bicapsularis* L.) que fornece o taquarí dos cachimbos; a Estrela (*Randia formosa* Jac.) de flores muito aromáticas; a vigorosa Castanheira (*Machaerium inundatum* Mart.) uma das poucas árvores do baixo com amago resistente e durável; a frondosa e inútil (*Cynometra bauhiniaefolia* Beth.) que suporta a feia alcunha de sapo-do-campo; a helmintocida Gameleira (*Ficus doliaria* Mart.); a grandalhona e bafosa Sumauma (*Ceiba pentandra* L.) a Cararobeira (*Terminalia guyanensis* Eichl.) cuja casca se utiliza na tingidura caseira dos panos pretos; a odorífera. Cidreira famosa pelas suas altas qualidades estomáquicas; a Arariba-vermelha que pouco se afasta das margens do Pindaré; a leguminosa Achuí que dá tanino para curtume; o Crivirí-açú ou Crivirí-bravo (*Mouriria acutiflora* Naud.); o Tarumã-preto (*Vitex orinocensis* var. *multiflora* Huber.) de madeira dura e durável na terra; uma Securidaca sem nome vulgar, nem catalogação científica, com grandes panículas de flores rãs, além de muitas outras árvores de vários portes e famílias diversas, que formam, quando o homem as não devasta, sombra mata quase sem subosque, que os cipós tornam de difícil acesso. Êste cipós ou trepadeiras são a aromática Carobinha (*Mikania scandens* Willd.), o Cipó-escada-de-jabotí (*Bauhinia cumanensis* H.B.K.) de haste chata e ondulada, o Cipó-Cigana (*Cydista aequinotialis* Lim.), o cipó-sabugo (*Calyptrium excelsum* Willd.), o Cipó-arraia (*Cissus spinosa* Baker.), a forraginosa Feijão-do-campo (*Vigna luteola* Benth.) de flores amarelas, a Cabacinha (*Luffa operculata* L.) vio-lentamente purgativa e hidragoga, usada em clisteres, o Croapé (*Banisteria* sp.) e o Na-dira, cipós de amarrar, o Cipó-de-leite (*Roulinia* sp.) e outros de nenhuma importância.

Algumas das árvores acima citadas ostentam certa independência do meio em que vivem. O genipapo, a sumaúma, o matapasto, por exemplo, florescem e dão frutos em terreno enxuto da mata, sem precisarem de que a água lhe lave o tronco no inverno. A imbaúba abunda mais no alto do que no baixo<sup>9</sup>, sinal de que ali encontra condições de vida vizinhas das de sua zona própria. Esta mesma vegetação higrófila constitui a mata ciliar do Maracú e do Pindaré até Cachoeira, ou pouco abaixo e a dos igarapés que através dos campos e têsos, transportam as águas pluviais para os rios e lagos e também os moitais, pois todos estes tipos de vegetação coexistem nos nossos campos. Na Ca-

---

<sup>9</sup> Não só estas, mas muitas outras árvores do baixo se vêm em terra firme, vegetando normalmente, sem necessidade de imergirem o tronco na água da enchente anual. O contrário porém, não possível verifica-se; se uma semente de árvore do alto germina no campo inundável, a água de enchente a elimina. Já os arbustos e ervas do mato, por serem de desenvolvimento mais rápido, têm tempo de germinar, crescer, florescer e frutificar no baixo como em seu meio natural, mas desaparecem com a inundaçãõ. Donde se conclui que as plantas da mata de terra firme só não prosperam nos campos, porque não suportam a asfíxia das águas e não por lhes faltarem no

choeira, a mata ciliar, a pestana do rio, entra em conflito com o mangue, que lhe disputa a riba e tenta subir mais alto, pelas bôcas dos igarapés; de São José para baixo triunfam os mangais, que se estabelecem imensos, beirando os rios. Segundo o professor Ricardo Fróes, o nosso mangue pertence às seguintes espécies: *Rhizophora mangle* L. (mangue vermelho), *Laguncularia racemosa* Gaertn. (mangue branco) *Conocarpus erecta* L. (mangue tinteiro ou tigi) e *Avicennia nitida* Jacq. (mangue soró ou siriba).

À beira dessas matas higrófilas, aproveitando as últimas saliências do terreno e a menor fundura da enchente anual e antes que se estenda em solo mais baixo, o campo limpo, vegetam promiscuas as seguintes espécies arbustivas e herbáceas: o Jiquirí (*Mimosa asperata* L.), o Algodão-do-campo (*Ipomoea fistulosa* Mart.), a pudica e mimosa Sensitiva (*Mimosa pudica* L.), os Massambês (*Bleome spinosa* L. e *Cleome paludosa* Wild.), o Chá-de-periquito (*Croton bidentatus* Muell. Arg.), a Malva-rosa-do-campo (*Lippia betulaefolia* H.B.K.), a Erva-cidreira (*Lippin alba* Mill.) e muitas outras. O Jiquirí é uma Mimos arbustiva e vigorosa, que rasga a roupa ou o couro de quem lhe passa ao alcance dos acúleos rijos e aduncos; seus mimos são sádicos. O algodão-do-campo é a famosa praga de difícil extirpação que onde quer que consiga brotar - e qualquer terreno lhe serve - aí se desenvolve e prospera e se alastra invasora, por isso que frutifica abundantemente e se reproduz tanto de sementes como de estolhos, prejudicando as pastagens; só as grandes enchentes, quando a submergem totalmente, conseguem erradicá-la temporariamente. A essas grandes enchentes devem os nossos campos baixos o encanto dos seus relvados extensos e incomparáveis. Sem elas, estari-am eles hoje mudados em cerrados com predominância dos algodoais afeando a paisagem. As fôlhas estioladas do algodão-do-campo são purgativas e usadas em infusos pelo povo. É planta leitosa e tóxica para os gados; as cabras que a comem uma vez, comem-na até morrerem duma paralisia progressiva do trem posterior; preferem a morte ao abandono do tóxico que as inebria. Os bovinos contraem também o mesmo vício, mas a paralisia não os ataca, morrem de magrém, “hidrôpicos”. A *Ipomoea fistulosa* também lança do caule quando submerso pela enchente, numerosas raízes adventícias. Em certos lugares, esta vegetação arbustiva forma, com algumas árvores pelo meio, pequenos ter-chos de compactos jiquirizais e algodoais, que se estendem pelos têsos e baixos, espar-samente, sôbre o tapête verde do capim-de-marreca, quando nos campos inundáveis. Uma leguminosa cesalpinoidea, por nome Cortiça-de-espinho (*Bauhinia microphyla* Vog.), arbustiva e frus-

---

terreno elementos de vida. Esta conclusão não se aplica aos campos altos que, apesar de não inundáveis, neles não se vêem árvores da mata, às quais é adversa a excessiva acidez ou alcalinidade do solo.

tescente, de fortes estípulas espinhosas, que lhe dão grande agressividade, as agarradiças e cortantes Tiriricas (*Scleria stipitata* Witt. e *Scleria microcarpa* Nees.), grandes ciperaceas prostadas e algumas trepadeiras e massambês contribuem para justificar o nome de “cerrado” também atribuído a esses trechos de difícil penetração.

Nas enseadas, nos baixos, em certos trechos dos lagos, nas lagôas do mato, nos charcos, onde quer que se estagnem as águas das ebchentes hibernais, cobre-se grande parte da superfície líqüida com as grandes fôlhas orbiculares, plantas, cordiformes na base e de bordos lisos das duas Guapéuas. Nestas plantas tão afastadas em sua organização floral quanto aproximadas em sua forma física e maneira de viverem juntas, as fôlhas prendem-se ao rhizoma, na vasa, por um longo peciolo cilíndrico, que cresce, como o limbo, na mesma proporção em que sobem as águas. A semelhança dos limbos, que descansam espalmados sempre à flor d'água, é perfeita até na côr vermelha-arroxeadada da face dorsal, que fica por baixo, encoberta. Mas uma pertence à família das genciánáceas (*Limnanthemum Humboldtianum* Cris.) e uma flor com pequena corola branca, de lacínios ciliados, sai do peciolo por um curto pendúnculo e mantém-se ereta acima do limbo, que a protege da maresia. A outra é uma ninfeacea (*Nymphaea* sp.) e a sua grande flor solitária, globosa e cônica quando ainda fechada, prende-se diretamente ao rhizoma por um longo pendúnculo que a leva à superfície, sem nenhuma ligação com a fôlha. Habitante dos mesmos paúes e participando dos mesmos destinos, há ainda outra bela ninfeacea (*Nymphaea* sp.) com o mesmo nome vulgar lombo redondo, de cêrca de quarenta centímetros de diâmetro, de bordos dentados e revirados para cima.

Nas baixas de pouca profundidade vive em formações fechadas, ocupando grandes extensões, o Junco (*Heleocharis* sp.), ciperacea de haste cilíndrica e fistulosa, prêsa ao rhizoma na lama, a qual fornece copioso material para esteiras de selas e cangalhas e também a Cortiça (*Aeschynomene* sp.) e a Aninga (*Dieffenbachia* sp.) hidrofila e gregária, que prospera outrossim na lama da beira dos rios, nas bôcas dos igarapês e até nos charcos temporários da terra firme. Em outros trechos dos campos baixos, o Capim-chorão (*Hymenachne amplexicaulis* Steud.) vegeta no inverno em áreas pantanosas da parte oriental dos campos altos, a grande marantácea Guarimã-do-campo (*Thalia geniculata* L.) cresce compacta e abundantemente até cêrca de dois metros de altura e fornece com as sementes rhizomas, farta alimentação a porcos e patos.

O Capim-arroz (*Luziola Spruceana* Benth.) ocupa em formação fechada, uma vasta área da margem sul do lago de Viana, no Gibirí e no Rio-Velho, vegetando com singular exuberância em todo esse terreno imaturo e alagado, formando belíssimas

pradarias, que dão maior realce à imponente paisagem lacustre. A Luziola tomou o terreno às plantas aquáticas e flutuantes e está elvando-o enxugando-o consolidando-o para, em posterior fase de desenvolvimento evolutivo e novas condições edáficas, entregá-lo ao capim-de-marreca, que tornará então possível o advento da mata higrófila, a qual antes passará pelo estado de savana com o criviri e a arariba por pioneiros, ou de cerrado com as plantas que o caracterizam. Esta futura mata de várzea atingirá aí o climax ecológico vegetal do presente momento evolutivo, se o homem o permitir. Em pequenas associações vivem também dentro d'água, nos campos baixos, a Sororoca-do-campo (*Canna* sp.) com grandes e largas fôlhas algo assimétricas exibindo o seu alegre pendão de flores amarelas e a Negreira (*Jussiaea leptocarpa* Nut.), que contém substância tintorial preta. E a sempre submersa Barba-de-bode, com suas fôlhas e hastes reduzidas a filamentos, também ocupam muito espaço.

Nesse meio aquático temporário, as plantas flutuantes, ora em associações homoclitas, ora de primeiro com algumas ou todas as suas partes do mesmo habitat paludial, constroem uma vigorosa comunidade vital. A orelha-de-veado (*Eichhornia azurea* Kunt.) em duas variedades, uma com grandes e racimos de vistosas flores ceruleas e fôlha com peciolo dilatado, globoso ou fusiforme; outra com cachos pequenos de flores brancas ou ceruleas sem dilatação do peciolo, em grandes toiceiras chamadas "Balcedos", desliza ao sabor dos ventos, ou se acumula em recantos, enseadas e igarapés, fechando-os toralmente às canôas. Em certos invernos grandes, os Balcedos descem do alto Pindaré e penetram o Maracú em tão grande cópia, que obstruem o Gibirí e logo se esparramam por toda parte, acumulando-se depois nas enseadas e igarapés. Integrando os Balcedos, aparece com frequência uma parkeriacea (*Ceratopteris thalictroides* Bongn.), planta acaule, de aspecto extravagante, com grandes fôlhas profundamente recortadas, quase reduzidas às nervuras e peciolo inchado, fôfo, achatado. A leguminosa mimosoidea Tripa-de-vaca (*Naptunia oleracea* Lourd.) - sensitiva como a Mimosa púdica e como quase tôdas as nossas mimosoideas arbustivas e herbáceas - de caule tenro e verde revestido de espêsso tecido branco e flácido, deita-se à superfície, confiada nesse dispositivo que lhe garante a flutuação. A Samabaia (*Cabomba aquatica* Aubl.), tôda submersa, com fôlhas filamentosas, reduzidas as nervuras, mostra na extremidade do caule fora d'água, duas pequenas fôlhas orbiculares, flutuantes, verdes na parte central e arroxeadas na dorsal, ou mesmo purpurinas em ambas as faces, protegendo um pequeno cacho de florinhas amarelo-alaranjadas. Planta muito distante e diferente da Samambaia do sul (*Lycopodium*). Associada a ela e com o mesmo nome (Samambaia), uma lentebu-

lariacea (*Utricularia oligosperma* S. Hill.) flutua imersa, sem fôlhas aéreas, lançando fora d'água apenas um garrido cacho de flores amarelas. A pequenina aracea Mururú ou Fumo-bravo (*Pistia stratioides* L.), rica de cloreto de sódio e algues preconizada internamente na cura do diabetis e externamente contra a conjutivite, nas cheias atapeta de verde amplos trechos de águas paradas. O capim-boiador (*Paspalum repens* Berg.), abundante e boa forragem e o esquisito e inseticida Japacamim (*Polygonum spectabilis* Mart.) formam toiceiras deslizantes. Quando a água se retira, todas estas plantas flutuantes tentam salvar-se metendo na terra ainda úmida, os seus fascículos de raízes, mas o sol impiedoso não lhes concede que sobrevivam; anula-lhes este último recurso de salvação, secando sem tardança a umidade superficial. Com a chegada das novas águas, as sementes deixadas na terra germinam e novas plantas flutuam.

O solo maduro, de umidade profunda por sua natureza argilosa, permitindo a embibição do ar e de humus, determina com o clima, a natureza do revestimento florístico da nossa terra firme, da “mata maranhense” (parte integrante da “Zona dos Cocais” de Raimundo Lopes) assim chamada porque nela predomina o famoso Babaçú - (*Orbignya* sp. Mart.). Este predomínio lhe é disputado pela família das leguminosas, a mais numerosa em gêneros e espécies de todo porte, desde o (*Desmodium triflorum* D. C.) humilde, anônima e cosmopolita ervinha rasteira, até o gigantesco Jatobá (*Hyminaea*). As palmeiras dominam em número de indivíduos, as leguminosas em número de espécies, número só comparavel ao das compostas.

Além do babaçú, a bela família das palmáceas poucas espécies mais apresenta da flora indígina, nenhuma delas com fôlhas em leque. A Bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.) afasta-se cada vez mais das zonas habitadas; o Anajá (*Maximiliana regia* Mart.) “exclusivamente hyelano”, por isso mesmo escasseia mais e mais; a Mocajuba (*Acronomia solerocarpa* Mart.) também mingôa de número. Só o espinhoso Tucum (*Bactris setosa* L.) é vulgar e poupado, por ter valor comercial o seu coquilho e por ser duravel como esteio de palhoças. A Jussara (*Euterpe oleracea* Mart.) também vive ainda em bastas formações nos alagadiços e nas cercanias dos olhos d'água. Da carnaúba só restam raros sobreviventes nos campos altos e o marajá e a titara são hidrófitas. Nas ilhas de mato do sul do município, existe outra palmeira chamada Pirinã (*Orbignya Teixeiraana* Bondar.), e pouco diferente do babaçú e sem a importância deste.

O nosso mato é hoje constituído de capoeiras empobrecidas, mas que procuram, quando deixadas em repouso pelo homem, recompor-se, restaurando a floresta. Os pin-dobais vão se fazendo palmeirais, os novos Paus-darco (*Tecoma*), crescendo rapidamente.

te, forcejam por vencer a sombra, para expandir-se em pleno sol. E com eles, o Angelim (*Andira antihelminthica* Benth.) a prestimosa Paparaúba (*Simaruba amara* Aubl.) que é o nosso pinho, o Jatobá, o Piquí (*Caryocar brasiliensis* Camb.), o Cedro (*Cedrela*), a Andiroba (*Carapa guyanensis* Aubl.), o Bacurí (*Platonia insignis*), a Sapucáia (*Lecythis*), a Imbira (*Apeiba tibourbou* Aubl.), árvore de rápido crescimento e de grande valor econômico, porque do seu liber se extrai, por maceração nágua, uma filaça resistente, o Cupú (*Theobroma grandifolium* Schum.) de fruto muito apreciado, o imponente Axixá (*Sterculia chicha* St. Hill.) cujas grandes fôlhas palmatinervas servem de fôrros de farinha, o belo Tauarí (*Couratari fagifolia* Miq.) de cuja casca se extrai estôpa para calafeto de embarcações, o rijo Buragí (*Couratari*) parente próximo do famoso Jequitibá sulino e que lascado em estacas dura trinta anos na terra, a Faveira-de-curtume (*Cassia fastuosa* Will.) cuja copa na florescência se transmuda numa munifi-cência de cachos de ouro, a pequena e perfumosa Buragica (*Amphirox surinamensis* Eichl.), a Murta e a Murta grande, ambas do gênero *Eugenia* mas ainda não classifica-das. Isto para só falar das mais conspícuas, porque ao seu lado, inúmeras outras espécies de árvores de grande e mediana porte, luta pela vida até que o machado implacavel vinha deitar o resultado de todos esse estupendo esforço de sobrevivência e recuperação.

As trepadeiras, os arbustos e as ervas rasteiras e prostadas também são incontáveis e sua enumeração fastidiosa. Vivem em exuberantes associações heteróclitas, umas acolhendo-se à sombra do mato alto, outras procurando o sol nas capoeiras ralas, nas clareiras, nas vizinhanças das habitações, outras a umidade. Seria um nunca acabar a citação de metade ao menos de suas espécies. Registram-se sômente a Sororoca (*Ravenala guyanensis*), o Guarimã (*Ischnosiphon aruma* Aubl.) pela sua importância industrial (a fôlha para revestimento interno dos cofos de milho, farinha, arroz, açúcar e de tudo o que se encofa e o caule para fabricação dos tipitís, das canastras, dos balaios, dos cêstos e urupemas), o Cantã (*Monotabma plurispicatum* Koern.) cujas longas e largas fôlhas servem igualmente de fôrro aos cofos de farinha e de cobertura aos molhos de fumo, o Camará-de-chumbo (*Wulffia stenoglossa*) muito apreciada pelos cavalos, as trepadeiras Guapéua (*Salacia laevigata* DC) e Maracujá-do-mato (*Passiflora* sp.)<sup>10</sup> pelos seus saborosos frutos, o Cipó-mixila (*Doliocarpus dentosus* Mart.) que substitui com vantagem os rebenques e chicotes, o Cipó-tarira, o Cipó-preto, o Guela-de-guariba (*Bauhinia coronata* Benth.) que são os nossos cipós de amarrar, o avassalante e africano Melão-de-São-Caetano (*Momordica charantia* L.) e as seguintes pelas suas propriedades

medicinais: Cipó-mundoca, Cipreste ou Acipreste (*Wandellia diffusa*), Erva-de-bucho (*Cassia occidentalis* L.), Fôlha-de-padre (*Cassia Hoffmansegii* var. *Gardneriana* Don.) estutuque (*Epaltes brasiliensis* DC.), Enxuga (*Vernonia scorpioides* Pers.), as Jurubebas (*Salanum cuneifolium* Dun. *Solanum toxicarium* Lam. *Solanum juripeba* Rich. e *Solanum grandiflorum* R. e P.)<sup>11</sup>, Bacurauzinho (*Euphorbia thyifolia* Brum.), Espinho-de-crôa (*Smilax*), Camapú (*Physalis*), Catinga-de-bode (*Ageratum conyzoides* L.), Quebrapetra (*Phyllanthus difusus* Muell. Ar.), Língua-de-vaca (*Elephantopus mollis* H. B. K.), Trimocó (*Heliconia* sp.), Lombrigueiro (*Tinantia Sprucii* Clarhe.), Pimenta-longa (*Piper* sp.), o amaríssimo Paratudo (*Rauwolfia ternifolia* H.B.K.), as Malvas e Malvaiscos (todos do gênero *Sida*), a Grama (*Commelina agraria* Kunt.), a Vassoura-de-botão (*Borreria verticillata* Meyer.), o Camará (*Lantana camara* L.), a Jalapa-da-terra (*Operculina convolvulus* Manso), a Erva-moura (*Solanum nigrum* L.) e outros muitos. Os capins superabundam mais variados em gêneros e espécies na terra firme que mesmo nos campos, a começar do cosmopolita Capim-de-burro (*Capriola dactylon* L.) São em geral gramináceas de gêneros diversos e ciperáceas. Nos campos artificiais que substituíram a antiga floresta, prepondera o Capim-purão (*Imperata brasiliensis* Trin.) famoso pelas suas boas qualidades forraginosas, quando novo. Em toda a área de nossa terra firme, a relva que uniformemente reveste o solo, é constituída principalmente pelo capim Pacuã (*Axonopus compressus* Sw.) e pelo já citado capim-de-burro, que aí são como o capim-de-marreca nos campos inundáveis.

---

De epifitas é muito pobre a nossa flora, talvez por causa das queimas periódicas dos roçados, que destroem esses curiosos vegetais, já de si mesmos poucos numerosos. Das grandes e famosas orquidáceas que valem ouro, não há notícia entre nós. Desta família raros exemplares se encontram pequeninos e humildes, de espécies sem importância para os cultores. Sobre velhas árvores, fora das zonas das queimadas, em terrenos não aproveitados para as lavras, aparecem com frequência os Carrapatinhos (*Peperomia* sp.) e algumas bromelias e pelas estipes do babaçú sobem de ordinário as baunilhas (*Vanilla*), o Tracuá (*Philodendron* sp.), várias polipodiáceas e minúsculas cactáceas. São frequentes as Atracas (*Ficus*, *Brosimum* e *Clusia*) que, de epifitas no comêço da vaidade,

---

<sup>10</sup>No mato, como nos campos, há ainda outras passifloráceas não comíveis.

<sup>11</sup>A verdadeira jurubeba mencionada pelos autores é o *Solanum paniculatum* L. que aqui não ocorre. O *Solanum juripeba* apresenta notável dimorfismo foliar e o *Solanum grandiflorum* é uma pequena árvore de fôlhas grandes e grandes flôres roxas. Em outras regiões do país, o seu fruto chamado Fruta-de-lôbo, é comestível mas não aqui. Existe ainda outro *Solanum* arbóreo, inerte, não classificado de fôlhas pequenas, elípticas e sem espinho, ambos de flôres brancas.

lançam depois raízes que profundam no solo, enquanto as outras abraçam a árvore e a matam por lhe interceptarem a circulação da seiva na casca. Só conhecemos aliás, quatro espécies de Atracas. Uma (*Ficus* sp.) pouco freqüente, de grandes fôlhas coriáceas, elípticas de base atenuada, fruto redondo, bem maior que um carôço de jussara; outra (*Brosimum* sp.) de fôlhas menores e fruto miudinho, muito comum no babaçú, ambas não catalogadas pelos fitógrafos. A terceira é uma espécie de *Clusia*, vigorosa, de grandes fôlhas duras, obovais. A quarta é o Apuí ou Atraca-grande (*Ficus* sp.), planta leitosa, de fôlhas luzentes, elípticas de base e ponta atenuadas e frutos pequenos. Quando consegue matar e cobrir totalmente o hospedeiro, transforma-se numa grande e frondosa árvore de tronco volumoso, da qual existe no lado sul do largo de Nazaré um soberbo exemplar. O babaçú preado pelas atracas reage desesperadamente por vários anos, mas a lenta e inexorável asfixia aos poucos lhe vai quebrantando as energias, até matá-lo estrangulado.

Quanto às plantas parasitas, só conhecemos o vulgar Tentém (*Struthantus syringifolium* Mart.) muito freqüente principalmente na área dos campos, onde não escolhe árvore para se hospedar e o (*Psittacanthus cupulifer* H. B. K.), menos assíduo, arbustivo, erecto, de fôlhas grandes, duras, coriáceas e vistosas flores amarelas e vermelhas, hóspede ordinário dos cajazeiros e goiabeiras. Ambas estaslorantáceas são semi-parasitas porque, como plantas clorofiladas, assimilam o carbono do ar, tirando dos hospedeiro apenas uma parte da seiva.

Das criptogâmicas vasculares além das polipodiáceas acima citadas, só aparece um feto arborescente, vulgarmente conhecido por Tajá-de-cobra, de um a dois metros de altura, de caule vertical, liso, indiviso, rajado, com um verticilo de fôlhas profundamente lobadas e franjadas, colocado no ápice do caule. Nasce dum rhizoma, na estação das chuvas, em terreno enxuto. O caboclo não o corta nem arranca, porque isso “faz dôr de cadeiras”. Não falaremos dos linquens, das algas, dos fungos, das hepáticas, seres vivos de grande valor para o cientista, mas sem nenhum interêse para os leigos que nos limitamos a admirar os belos painéis verdes - nos quais sempre se imiscuem a graciosa e pequenina (*Pilea muscosa* Lindl.) e a Erva-frieira (*Piper nodosum*) - que cobrem os muros, os troncos de velhas árvores, as paredes, assim como as Orelhas-de-pau, os cogumelos Chapeu-de-sapo, que às primeiras chuvas, amanhecem tenros e mimosos fora

da terra, espalhando os seus esporos para perpetuidade das espécies. Seres que a redobrada umidade hibernal faz ressurgirem após o estiolamento estival.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup>A identificação da maior parte das espécies vegetais citadas neste capítulo fez-se a nosso pedido, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, mediante material que para esse fim colhemos a remetemos. Muitas outras também foram classificadas, há já muitos anos, no extinto Horto Osvaldo Cruz do Instituto de Butantan e na antiga Seção de Botânica do Museu Paulista, com material por nós enviado. E das poucas restantes, os nomes botânicos colheram-se em fontes merecedoras de crédito. Pode, portanto, o estudioso da nossa flora, louvando-se nas autoridades científicas acima apontadas, confiar na exatidão da nomenclatura que apresentamos. Estará assim livre de emaranhar-se na babélica confusão da nossa sinonímia vulgar e de cair nos enganos muito comuns em publicações deste gênero, dos quais nos empenhamos em preservar o nosso trabalho.

## CAPITULO VI

### A FAUNA

Na zona dos campos, a avifauna prepondera sobre os mamíferos, que aí são raros. Os poucos que aparecem, têm de regressar ao mato alto, quando as águas hibernais a isso os obrigam, até mesmo os pequenos símios que se abrigam nas árvores da mata higrófila. E a Capivara, que de primeiro abundava à beira dos rios e brejos e, no inverno se tornava prejudicial, porque, subindo para o mato, devastava as lavouras, hoje está extinta por exterminadora e inexorável caçada, desde que a sua pele se valorizou. Só o Guaxinin, da mesma família do Quati, vive nos mangais, seu habitat permanente.

No verão, grandes bandos de grandes e pequenas garças brancas e morenas (estas em muito menor número), pela manhã se concentram nas baixas e sobretudo nas partes mais rasas dos lagos e aí passam o dia pescando de pé, com o bico, os peixes de que se alimentam, até o escurecer, quando regressam em grandes grupos, a moitais próximo, onde habitualmente pernoitam. No inverno emigram para outras paragens, porque a sua pesca, um tanto canhestra e de pouco rendimento, só é possível em águas pouco profundas. Os Atins, de que há duas espécies, mais ativos e laboriosos que elas, passam o dia voando contra o vento sobre águas rasas. Ao avistarem um peixe pequeno próximo da superfície, caem sobre ele de improviso, físgam-no com o bico e, subindo sàpidamente, o soltam no ar, para logo o apararem em posição favorável à deglutição.

Os Socós, os Taquaris, os Jaburús, os Carões, os Bijejús, os Maguarís, as Colhereiras e outras grandes pernaltas e paludícolas, já são raros e pouco frequentam os nossos pântanos e lagos, por temor dos caçadores.

São ainda comuns nas praias dos lagos, as pequeninas e graciosas Baleínhas (chamadas algures Batuíras) “que parecem rodar sobre carretilhas, tão ligeiro elas trocam as pernas; de repente estacam em meio da carreira, para examinarem algum inseto ou qualquer migalha e logo continuam a rodar” (R. V. Jhering). Paludícolas ou limícolas são ainda os Maçaricos, os Cocosinhos ou Sacarregas, os Sargentos, as Japiaçocas (que põem os seus quatro ovos nas fôlhas planas da guapéuas, em pleno sol) e as Jaçanãs (que põem sempre seis ovos nas moitas de capim flutuante), estas últimas muito caçadas pelo sabor de sua carne sempre gorda. As japiaçocas substituem o pinto nos regimes dietéti-cos e são caçadas por meio de uma garrafa vazia amarrada pelo gragalo à ponta de um cordel, que o caçador escondido na tocaia de fôlhas, vai puxando

devagar. As aves, alarmadas com o lento rastejar desse estranho ser, aproximam-se curiosas de vê-lo mais de perto e então recebem uma carga de chumbo que as dizima.

O vigil e impertinente Tetéu, sempre pronto a dar sinal de alarme, vive nos campos e nidifica no chão; para defender a prole, atreve-se a atacar o próprio homem.

Em via de extinção para nós está o saboroso Pato-do-campo, que pouco já vem aos nossos lagos e baixas. E a Cigana ainda aparece em bandos reduzidos, nas árvores à beira do Maracú e dos igarapés circunvizinhos. E a Ema, que outrora percorria em grupos numerosos os campos de têsso, desapareceu totalmente, exterminada pela crueldade do homem.

As Marrecas de várias espécies ainda vêm em grandes bandos aos nossos pântanos, onde sofrem ativa perseguição dos caçadores, já de tocaia e “chama”, de dia, já de facho à noite. O caçador prepara de ramos verdes uma tocaia à beira do dágua, quase sempre na lama e amarra perto, ao alcance do tiro, uma marreca mansa que, vendo ao longe as companheiras, logo se põe a chamá-las com o seu canto característico. Em breve pousam algumas junto dela e o caçador descarrega-lhes em cima a espingarda, matando várias de um tiro, muitas vezes até a própria “chama”. E à noite, pousadas no chão, um homem aproxima-se rapidamente com um facho na mão, encandeando-as, enquanto outro lança sobre elas uma tarrafa. Candieiros de querosene incandescente e lanternas elétricas são menos eficientes nestas caçadas, não se deixando as aves deslumbrar por essas luzes. De poucos anos a esta parte, começaram a aparecer por aqui, novas espécies desconhecidas de marrecas, trazendo uma delas na perna um pequeno anel de alumínio com uma inscrição em inglês. Prestimoso colaborador do homem, o “boi marrequeiro” coopera eficiente na caça da marreca, quando pacientemente adestrado e educado para isso. Tranquilamente pastando, ou fingindo que pasta, vai-se o boi aproximando passo a passo do bando de marrecas pousado no capim ou na lama, levando escondido o caçador à ilharga. Ao tomar chegada, isto é, ao chegar ao alcance do tiro, o homem mira a caça com o cano da arma apoiado ao lombo do animal e faz fogo. Há bois marrequeiros exímios na sua arte e conta-se que no momento exato, fazem sinal ao caçador com significativo piscar de olhos.

Numa noite escura de janeiro do ano de 1900, um enorme bando de marrecas voando baixo sobre a cidade, ofuscou-se com as luzes da igreja em que festejava São Sebastião e caíu todo na praça e nas casas vizinhas, sendo apanhadas em grande número. Até um cego de nascença, Ricardo Simas, cantor do côro e que estava sentado num banco do largo, pegou duas que lhe caíram aos pés. Ainda hoje, em noites escuras de

inverno, atraídas pelas luzes da cidade esses bandos de palmípedes vôm sobre ela em alegre e festiva algazarra, nunca mais, porém, houve outra “chuva de marreca”.

Os Meuás são patos de tamanho médio, que pescam de nado, disposto em grande arco que lentamente se fecha, encurralando os peixes, que alí mesmo são ingeridos. Ao entardecer levantam vôo e, depois de executarem magníficas e admiráveis evoluções como se obedecessem a uma voz de comando único, dividem-se em grandes grupos e dirigem-se para os pousos noturnos, voando sobre a cidade. O Meuá não é caçado, pelo mau sabor de sua carne. Da mesma ordem dos palmípedes aparece ainda raramente o Mergulhão, que só sabe nadar; em terra tem o andar de cambeta. outras aves paludícolas e ribeirinhas vivem na zona, que por seu nenhum valor utilitário e por evitar maior tédio ao leitor, aqui se não mencionam.

Não é nosso o famoso Urubú-rei, que nunca dá aos súditos vianense a honra de uma visita. Só temos o urubú comum ou Xen-Xen e o Gereba, o primeiro abundantíssimo nos campos, nos matos, nas ruas, nos quintais, ubíquo e intrometido, sempre de tocaia, pronto para furtar um pedaço de carne duma cozinha por um instante abandonada, ou para cair sobre um animal morto ou moribundo, de qualquer porte. Nas horas de sol, abandona-se ao sabor das correntes ascendentes, permanecendo horas no céu, devassando tudo, gozando o prazer das alturas, livre do calor da terra reunindo-se de ordinário em grandes bandos, evolucionando nos “bailes de urubú”. Ao anoitecer, os que estão nos campos próximos, voam para a cidade, cujos coqueiros adotam por dormida habitual. O Gereba, tímido e introvertido, não se aproxima do homem; vive de preferência à beira dos campos, alimentando-se de pequenos animais mortos, sem se acercar dos cadáveres dos animais de maior mole corpórea. tem vôo lento, solene, majestoso, às vezes rente do chão, cabeça vermelha e a parte anterior das asas ligeiramente dobrada em ângulo obtuso.

Na zona do campo vive ainda a maior parte dos nossos Gaviões desde o grande Papauruá ou Chapeu-de-couro ou Gueguéu hoje raro quase do tamanho dum urubú, castanho côr de cupú, até o Caracará, perito catador de carrapatos do gado, além do Carrancho, de porte altivo e atrevido, grande comedor de pintos e filhotes de outras aves, o qual foge e apanha dos bentivis, dos pirás, dos japís e de outros pássaros, quando presente que lhes quer devorar a prole. Nos campos, como nos matos, vivem ainda outros pequenos falconídios e corujas, mas não temos, felizmente, a grande Harpya, do Brasil Central, que caça mamíferos de certo tamanho e atreve-se a atacar o homem.

Nesta zona ainda habita a Pomba-do-ar ou Pucaçú, de carne saborosa, que ao cair da tarde, oferece-se, nos moitais onde dorme, ao tiro do caçador, e também as Rolas-vermelhas ou Sangue-de-boi, o agregário Anum preto, outro catador de carrapatos, os Pirás etc. Entre os pequenos pássaros canoros dos campos, basta citarem-se os Bigodes, as Graúnas pretas ou castanho-escuras, que vivem em copiosos bandos e levantam vôo uma vez, em verdadeiras ondas, a Urumará de peito vermelho vivo, que do alto se atira verticalmente, com um longo assobio mavioso. Nos mangais da costa aparecem bandos de Curicas e Papagaios de várias espécies.

Dos reptéis paludícolas, o maior é sem dúvida o Jacaré, em suas duas variedades amarela e preta, que últimamente, com as constantes incursões da água salgada e o crescente consumo de sua carne na alimentação humana, vai se tornando reduzido em números, não só no Maracú, em cujas margens faz a sesta aquecendo-se ao sol, como nos lagos e igarapés. A mesma redução de número vem sofrendo a grande e temível Sucurujú, outro reptil aquático que ainda se não adaptou às alternativas de água doce e salgada.

A zona dos campos do litoral, na parte oriental do município, a terrífica Cascavel restringe a âmbito de sua malignidade. Não desce aos campos baixos, não sobe à zona da mata, mas na pequena região em que habita, obriga o homem a viver em eterna vigilância e sobressalto, tomando permanentes precauções em defesa da própria vida e da dos seus animais. Os cavalos pernoitam amarrados de queixo para cima. Ái do que baixar a cabeça até tocar o chão, porque amanhece morto, picado pelo terrível ofídio que à noite, saindo dos seus esconderijos nas toiceiras de capim-açú, infesta os caminhos, os terreiros, os currais, os cercados, subindo não raro ao soalho das casas. Das outras cobras desta região, só merecem registros a Caninana e a Papo-ovo, não venenosas, que engolem vivas a Cascavel e a Rabo-sêco ou Pinta-de-cascavel, também venenosa e cuja extremidade caudal, ao invés de se ir afinando normalmente, na parte final se estrangula, para terminar em apêndice rombo e cêco. Esta, nos campos alagaveis e no inverno sobe às árvores como a Cobra-cipó e lá fica até as águas abandonarem o terreno.

A conhecida Cangapara, quelonio que lembra no seu formato a tartaruga amazônica, já desapareceu dos lagos e baixas onde vivia, sendo hoje espécie extinta, assim como a Capinninga, que tinha o mesmo habitat. Dos quelonios desse meio, ainda sobrevive o apreciado Jurará, cujo número decresce dia a dia, em conseqüência das periódicas caçadas que sofre. Aos campos inundáveis em volta dos três lagos, nunca vieram esses quelonios.

Dos anfíbios, especialmente dos batráquios, sapos, sapinhos, rãs, e gias, seres que à exceção das Pererecas arborícolas, não se podem afastar da água, onde desovam e passam as primeiras fases do seu ciclo biológico, nenhum há que apresente interesse utilitário que mereça especial menção. Mas, baixando-se apenas um degrau na escala filogenética, entra-se, figuradamente é claro, no reino líquido dos peixes, de decidida importância para o vianense.

Incontestavelmente, pelo seu valor econômico, como pelo sabor de sua carne, ocupa o primeiro lugar entre os peixes de escama, a Curimatá, cujo tamanho pode chegar a dois palmos e que é sempre o mais apanhado nas pescarias. Disputa-lhe essa primazia a abundantíssima Tarira que tem a vantagem de conservar-se por vários meses, quando salgado e sêca ao sol, fazendo as vezes de bacalhau na Semana Santa. Nos poções dos campos e enseadas completamente sêcos e entorroados no verão, no dia seguinte ao da primeira grande chuva, as taririnhas fervilham na água empoçada, o que leva o caboclo a crêr que vieram das nuvens com a chuva. Maior que a curimatá entre os peixes de escama, só há a aristocrática Pescada, depois da qual só merece referência especial a ferroz Piranha, pela crueldade e rapidez com que devora o animal que lhe chega ao alcance dos afiados dentes. Mas dizem que ela só o ataca quando parado dentro d'água. Teodoro Cidreira, homem forte e destemido, lançava-se de cabeça para baixo no meio dum cardume de piranhas e nadando, dava-lhes pontapés a tórto e a direito, voltando em seguida ileso à canôa.

Por ser o menor dos nossos peixes escamosos, não pode deixar de citar-se a Piaba, superabundante nas grandes cheias, quando, pescada de caniço e isca de farinha d'água molhada, dá ceia a muita gente de poucos recursos e prazer a moças e senhoras que, nas belas tardes de maio a pescam por desporto.

Deixando de parte outros pequenos peixes de escama, de sabor mais ou menos agradável, cuja enumeração tomaria muito espaço e nos afastaria dos moldes sintéticos e resumidos deste ensaio, passamos a citar os peixes de couro, cuja variedade é bem menor que a dos escamosos. De todos o maior é o Surubim, que pode, quando bem feito, chegar até dois metros de comprimento e, se bem gordo e novo, não cede em sabor o lugar a nenhum outro. De menor tamanho, mas igualmente saboroso são o Liro de carne amarela, o Tubajara e o Mandubé, até o pequeno Mandí, que tanto tem de gostoso quanto de gordo e o Bagrinho, o menor de todos. E, pelo estranho do seu feitio original, não pode ser aqui omitido o Tubí, esguio, comprido e chato, cuja bôca é um tubo cilíndrico de bordos revirados. Mais parece um ciclotomo que verdadeiro peixe.

Dos peixes cartilaginosos só temos a Arraia, a temível Arraia que vive quase sempre dietada na areia do fundo, à espera do homem ou animal, para cravar-lhe o terrível esporão serrilhado, com o qual injeta um líquido cáustico e tóxico, produzindo profunda e dolorosíssima ferida de difícil cicatrização.

Como não estamos estudando a fauna campestre e palúdica do ponto de vista do zoólogo, que para tanto nos falece competência e o sapateiro não deve ir além do sapato, deixamos de mencionar representantes de outros Phylla de seres inferiores, que nos não interessam, nem ao leitor, ao que supomos, se bem que o vianense não possa esquecer os Anofeles (as nossas conhecidíssimas Pragas) que tanto o apoguentam em certas épocas do ano e lhe injetam o paludismo. E, por falar em insetos, cumpre citar o Caturro, esse inofensivo bezouro preto luzídio, que em noites do princípio do inverno, invade a cidade, vindo dos campos baixos, onde se cria, aos milhares, em procura das luzes, a cuja volta gira em círculos, até que as apaguem e assim como veio, desaparece. No dia seguinte só se encontram os que ficaram mortos ou prêsos em qualquer lugar. Patos e porcos regalam-se comendo-os gulosamente. O Caturro não penetra na zona do mato alto, porque a sua biologia é condicionada à natureza edáfica dos campos baixos. E, pelos danos que causam, merecem ainda registro as Varejeiras causadoras das bicheiras, as Mutucas e Maroanhas, sugadoras do sangue dos bois e cavalos, que de dia não deixam em sossêgo, nos meses de inverno. Em compensação, nas margens do Baixo-Pindaré, outros insetos, as Meliponas, nossas abelha selvagens, fabricam no ôco do pau, um mel branco-amarelado, opalescente, muito mais aromático, mais fluído e mais doce que o da abelha doméstica, porque preparado exclusivamente do nectar das flores e não de açúcar.

Penetremos agora na área do mato, para vermos o que aí nos resta da antiga fauna e o que desapareceu. Neste particular, pode-se dizer que Viana é a terra do “já teve”. Já teve a Anta arcaica, já teve o fero Queixada que anda em varas, já teve o Guariba e o Cuchiú, já teve a onça pintada e a Sussuarana, já teve o Cachorro-do-mato, o Tamanduá-bandeira, o Tucano, o Jacú, as Araras e já teve o Jabotí. Todas estas espécies e muitas outras já se foram para além das nossas fronteiras, corridas pela espingarda e pelo rifle, varridas pela civilização que as destroe.

Dos felídios ainda nos resta o Maracajá, de duas espécies, cuja pele valorizada em breve o levaria a completa extinção. Dos suídeos, o Caititú ainda se atreve a viver perigosamente, em áreas de mata menos devastada e a penetrar nas roças. Nunca tivemos o Veado-galheiro e, dos cervídeos, só o Veado-do-mato, pequeno, castanho,

com uma linha longitudinal de pequenas pintas brancas na barriga e dois cornos pequenos e retos, recobertos de couro. Dos desdentados ainda se encontram o tamanduá Mambira e o Tamanduazinho, cuja pele coberta de longos e sedosos pêlos é muito procurada para bolsinhas de moedas, os Tatús de três espécies, as Preguiças. Atualmente a Paca é o maior dos nossos roedores, depois que a Capivara desapareceu; prefere as capoeiras e vive em buracos que cava no chão, de onde sai à noite em busca de alimentos, sempre pela mesma trilha da véspera. Tirando partido desta constância de itinerário, o caçador prepara-lhe a armadilha, que consta de um cordel atravessado na trilha a cerca de um palmo de altura, ligado ao gatilho da espingarda escondida no mato a pouca distância. Ao passar a paca faz força no fio e a arma dispara. Nestas armadilhas muita gente tem caído e também na de veado, que é mais perigosa, porque mais alta. A Cutia é outro roedor ainda freqüente nos palmeirais, de cujos frutos se alimenta, comendo a substância amilácea do mesocarpo. A sua pele curtida é muito utilizada em calçados populares. Da mesma ordem fazem parte o Coelho-do-mato que já vai rareando e o Rato-do-mato, que às vezes causa prejuízos à lavoura e também o pequenino e trêfego Quatipurú, talvez o menor dos nossos mamíferos, que às árvores sobe e desce em carreira vertiginosa, com sua cauda grande e plumosa sempre levantada. E já que citamos o quatipurú, é de justiça não esquecer o Quatí, da família dos procionídeos, que ainda aparece em pequenos bandos e no verão desce aos campos baixos. Entre os cachorros do mato, da família dos canídeos, só nos resta a Raposa, que não é a verdadeira raposa do Velho-Mundo. Todos conhecem os seus hábitos rapaces de ladra de galinhas e de outros pequenos animais.

Dos marsupiais nosso torrão só abriga o pequeno Mucurí, pouco maior que uma ratazana e a malfazeja e conhecida Mucura. Notavelmente corajosa porque nãmiamente estúpida, atreve-se ela a construir seu ninho até dentro das casas, onde passa o dia a dormir, para de noite sair à cata de galinhas, pintos e ovos e de outras aves e até de frutas, com que equilibra a sua dieta, Os apreciadores de sua carne comparam-na à da galinha, depois de lhe retirarem a glândula da nauseabunda catíngia.

Aqui, como nos campos, as aves sobrepujam em número de espécie e de indivíduos, aos mamíferos, mesmo depois de desaparecidos os grandes voláteis acima citados. Hoje só restam, além da Pequapá, da Perdiz da Jurití, da Sururina e outras aves mais ou menos galináceas e que não voam, ou o fazem com dificuldade, pássaros pequenos, entre eles sobresaindo pelo número, o Bentiví, que está em toda parte, sempre esperto e vigilante, omnívoro, valentão e intrometido, caçando insetos e larvas,

roubando pimentas engulindo caroços de jussara. É o primeiro pássaro que canta às cinco e meia da manhã, despertando o mundo alado com um canto especial para a hora, diferente do habitual e onomatópico “bem-te-vi”. Grande apreciador de jussara é também o Araçari, pequeno tucano de voz agradável e assíduo freqüentador dos jussarais. Mas o maior cantor das nossas matas, que não hospedam o famoso Yapurú, é o Bico-de-brasa, pássaro preto com o bico vermelho, pouco numeroso, que vive em lugares sombrios e se alimenta exclusivamente de larvas de insetos, pelo que se não pode domesticar. O seu canto é harmonioso e, quando ao cair da tarde, se juntam três modulam um concerto de rara beleza e harmonia, cada qual fazendo a sua parte, com notas diferentes, mas formando um conjunto melódico de grande efeito. O Japí, que vive tanto no mato como no campo, é um belo pássaro preto e amarelo, gregário e tem fama de inteligente e sagaz imita as vozes de muitos outros pássaros e animais, menos do Bentiví por medo de represálias. Constroi seu ninho em forma de saco com uma abertura redonda e lateral na parte superior, forte e cerradamente tecidos de fibras de palmeiras, dependurado da ponta das fôlhas dos coqueiros ou dos galhos de outras árvores altas, em colônias mais ou menos numerosas. O seu parente Corrupião, da mesma família dos icterídeos, famoso pela sua plumagem preta com ricos ornatos dourados e brancos e mais ainda pela sua bela voz, é raro na zona da mata pròpriamente dita; vem do Mearim só até as ilhas de mato da parte meridional do município. Outro icterídeo, o Chico-preto, vive na mesma área do Japí e, como bom “gaudério”, põe os ovos no ninho daquele, para quelhe crie os filhos na suposição de serem seus.

Mas o maior musico de nossa fauna (depois do Bico-de-brasa) é sem dúvida o Sabiá, de que há duas espécie, depois do qual, por brevidade, aqui apenas são citados os Canários Vinvim e da mata, o Curió afinados cantos e a irrequieta e pequenina Corruíra, mais conhecida entre nós pelo nome impróprio de Rouxinaol, de côr de rapé, que vive nos telhados e nos quintais, alegrando o ambiente com seus agradáveis trinados, mas sem se submeter ao cativoiro, como os canários. Não é possível omitir-se do ról dos vates alados, o nome da Sericoria, ou ainda Saracura como dizem os pernósticos, ave que não voa, de canto forte e algo desafinado, num engrolado e variado. Depois de mansa, não se faz de rogada para cantar, quando a isso solicitada. E, para terminar este nunca acabar de citações, mencionaremos de relance: os Picapaus com sua esplendente plumagem de cores vistosas e penachos marciais; os Piriqitos de quatro espécies, desde a Jandaia de cabeça e corpo amarelos, asas e cauda verdes, até o pequenino e mimoso Piriquito-vassoura, todo verde; as Andorinhas e Tesouras; as Pipiras azul e escura, que

se tornam prejudiciais, pelos danos que causam às frutas; as pombas, dentre as quais são mais comuns a Sangue-de-boi e a Fogo-pagou; os Beija-flores, falsos e verdadeiros. Os primeiros são relativamente grandes e com frequência posam parados nos galhos das árvores, sem a perpétua agitação dos verdadeiros. Uns e outros têm bico longo, linda plumagem verde matálica com reflexos aureos, na qual se representam “as cores de todas as pedras preciosas e o brilho de qualquer dos metais”, exceto no menor de todos, em que é castanha escura. Este último, que é o vertebrado de sangue quente e tem menos de uma pelogada de tamanho, com bico maior que o corpo, não encontra igual em ligeireza e na maestria com que se libra parado no ar, beijando as flores. E por aqui ficamos antes que os patos comecem a passar.

Menor qua a dos mamíferos e muito menor ainda que a das aves, a classe dos répteis no mato é representada apenas pelas ordens dos ofídios e dos lacertílios, visto estar extinta a dos quelonios, com a morte do último jabotí sem sucessores. Os ofídios mantêm como seus representantes, seis ou oito espécies de cobras, dentre as quais sobressai por sua fereza e malignidade, a temível Surucucú-pico-de-ananás, cujo veneno violento abate em poucos instantes o maior e mais robusto mamífero. Mas, por fortuna do homem, além de escassa, de dia é lerda e dorminhoca; de noite sai à caça e se anuncia por um silvo característico. Em contraste a Gibóia que não tem veneno e depois da sucurujú é o maior dos nossos ofídios, chega a ser criada em casa, nos telhados, para expurgá-los de ratos e morcêgos. Além destas, arrastam-se ainda no solo, a Papaovo, a Caninana, a Boiúna e outras não venenosas e também a Jararaca, cujo veneno não é mortal.

O Camaleão com sua horrenda catadura paleontológica, que tanto tem de mal encarado quanto de saboroso a sua carne; os Tejús, ladrões de pinto e de ovos, que mais parecem cobras com pernas; os Calangros desconfiados e espantadícos; as Troíras com seu expressivo menear de cabeça, as Osgas passeando à noite pelas paredes e caçando insetos e as Cobras-de-duas-cabeças, são os nossos únicos lacertílios, todos falsamente acusados de venenosos, sem que nenhum deles realmente o seja. Quase todos fazem sua habitação dentro da terra como trogloditas.

Penetramos agora no mundo cruel dos insetos. Esta classe é a mais numerosa de todo o reino animal. Há maior número de espécies destes antropodes, que de todos os outros animais reunidos. É obvio, portanto, que num escrito como este, não é possível citarem-se-lhe todas as ordens e muito menos todas as famílias e assim, vamos tratar apenas dos mais notórios.

Do ponto de vista econômico, é a Saúva um dos mais danosos insetos, pelos prejuízos que causa, tanto nas plantações do caboclo, quanto no que este deixa de plantar para que ela não coma. A saúva habita uma certa faixa de terreno correspondente mais ou menos às terras patrimoniais do município, chegando quase às portas da cidade. Mas ainda não quis invadí-la e conquistá-la, por alta deferência para com o vianense, cuja indolência e ignorância a deixam viver e trabalhar em paz. Correndo parelhas come-la em danificações, os Cupins causam, não raro as mais penosas surpresas, destruindo em poucas horas, roupas, papéis, livros, móveis, madeiras etc. “Von Humboldt notou que na América do Sul tropical, os livros de mais de quarenta ou cinquenta anos de existência, constituem grandes raridades, visto que, passando essa idade, se convertem geralmente em pasto para nutrir termitas. Trata-se, evidentemente, de um exagêro do barão Von Humboldt, cujas proporções equivalem às de uma mentira”(Almir de Andrade).

Os Cupins vivem na terra sempre prontos a atacar o que quer que seja que lhe dê proveito; uma pequena abertura no ladrilho, uma diminuta racha no cimento e ei-los que irrompem destruidores. Outros fazem suas grandes e negras moradas nas árvores e madeiramento dos tetos, de onde partem longas e numerosas galerias cobertas, que servem à sua atividade nefasta. Há ainda os termitas que levantam os altos Tapicuens, sólidas construções cônicas de barro amassado, com altura até de dois metros e mais, que o povo supõe obra de vagalumes, porque de noite, pausados nelas, as iluminam.

Prejudiciais são por vezes os gafanhotos e as borboletas, cujas largatas, em certos comêços de ano e em bandos numerosos, devoram roças inteiras de mandioca, de milho, de feijão, mas nunca nas proporções de verdadeira calamidade pública, que as formidáveis nuvens de grandes gafanhotos (nuvens que encobrem a luz do sol) ocasionam periòdicamente nos Estados do extremo sul. Deus louvado, não sofremos aqui flagelos. Prejudiciais são ainda os bezouros do arroz, que destroem este cereal, quando plantado antes de março, visto desenvolverem em fevereiro a sua atividade predatória. Outro bezouro prejudicial é o *Rhynchophorus palmarum*, que todos os anos coopera com o raio na morte de vários coqueiros da cidade, comendo-lhe o palmito quando ainda em estado de larva.

Prejudiciais não são as Cigarras, notáveis pela beleza de sua coloração metálica e por sua saudosa estridulação inspiradora dos poetas do amor e da saudade, assim como a horrenda Tiranaboia ou Jequitiranaboia, que não tem nenhum veneno e só à sua fealdade confia a própria defesa. Mercê de Deus não temos o Barbeiro, transmissor da doença de Chagas, mas também não temos a *Papilio innocentiae* de Taunay, nem as “borboletas

azuis” do poeta; somos pobres de lepidopteros diurnos que “são entre os insetos o que os beija-flores são entre as aves: jóias primorosas pela delicadeza e pela exuberância de cores brilhantes” (*Thering*). Mas temos os grilos gritadores, os Macaquinhos (*Libelulas*), que passam o dia no ar, as mariposas que à noite invadem as casas para morrerem buscando luz, como Goethe, os Turús urticantes, os piolhos dos animais, os persevejos horrivelmente fedorentos, o Bicho-da-seda caboclo, que se alimenta das fôlhas das cajazeiras, o inesquecível Maroim, o deleitoso Bicho-de-pé, os noturnos Vagalumes, estrelas pulsateis, as inúmeras famílias de formigas, dentre as quais a temida Tocandira, que é o gigante da ordem, as Cabas (respeitadas pelo seu ferrão) solitárias que fazem os ninhos de barro e as sociais que os constroem abertos como a Caba doméstica. ou fechados, todos geométricamente divididos em alveolos, desde a pequenina e enfeitada Beija-moça, que faz o seu chapim globoso e coberto duma sólida massa impermeavel pendurada num galho, até a grande Taturana, cuja casa, também coberta, tem o feitio de um tatú e cuja ferroadada é dolorosíssima, merecendo ainda especial referência a Muda-fala, pelo fato de sua também dolorosa picada enrouquecer o paciente por algumas horas.

E vamos passar adiante, sem mesmo nos referirmos a outras classes do phylum dos artropodes (camarões, carangueijos, aracnóides, centopeias etc.) e à dos moluscos (caracões, buzios etc.), para nos determos na dos vermes cilíndricos com citação exclusiva da minhoca, pela sua grande importância econômica. Para alimenta-se das substâncias nutritivas contidas na terra, come-a em grandes quantidades e defeca-a depois finamente triturada e propícia à penetração de raízes e do ar que respiram. Da minhoca disse Darwin: “A charrua é uma das mais antigas e das mais preciosas invenções humanas. Muito antes, porém, de sua existência, já a terra era de fato arada com regularidade, como continua a sê-lo, pela ação das minhocas. Pode-se chegar a duvidar de que haja outros animais que tenham desempenhado na história do mundo parte tão importante como a que é executada por estas criaturas inferiores”.E as nossas terras, que a charrua não ara e as máquinas não trabalham, só a minhoca se encarrega de preparar para a agricultura, Em paga de tudo isto, acaba enfiada em anzois para isca dos mandís.

Dos macacos, só já temos quatro espécies pequenas , duas maiores e duas menores; das duas maiores uma é pardo-vermelhada e a outra preta; das menores uma é preta e a outra pardo-avermelhada. São ainda muito contraditórios e os únicos representantes da ordem dos Primatas, porque os Guaribas, os Cuchiús e os índios já retiraram para sempre das nossas terras. Na segunda década deste século, os índios

Urubús começaram a fazer, de vez em quando, mortíferas incursões em povoações da zona da mata. Aproveitando-se da ausência dos homens válidos, ocupados nos trabalhos das roças, atacavam de surpresa, matavam a flechadas, velhos, mulheres e crianças e fugiam às carreiras, levando quanto podiam carregar. Para pôr côbro a esses constantes massacres, reuniram-se cêrca de sessenta homens armados de rifles, espingardas e facões, foram à aldeia, mataram grande número de índios, queimaram-lhes as casas e voltaram ilesos, depois de muitos dias de operações. Desde então, nunca mais os Urubús sobreviventes se animaram a empreender novas incursões depredatórias. A história desta expedição punitiva, desde a sua organização até a volta triunfal, conta Bento Mendes com miniciosa abundância de pormenores, em sua autobiografia pitoresca intitulada “Terra Queimada”.

## CAPITULO VII

### O BABAÇÚ

Assim como o súbito desaparecimento do petróleo levaria a atual civilização a um colapso irremediável, assim a extinção rápida do Babaçú seria para o homem do povo uma catástrofe dificilmente superável, não porque a falta da indústria extrativa da amendoa lhe desorganizasse irreparavelmente a economia, senão pela falta da pindoba, sem a qual não sabe viver. Os usos variados da pindoba, qual o mais útil e indispensável, constituem um verdadeiro complexo sociológico, que muito pròpriamente se poderá chamar o Complexo da Pindoba.

Que é a pindoba? É a fôlha da pindobeira (ou pinduqueira, como diz o vulgo) e pindobeira é a palmeira nova, ainda sem estipe. Cada pindobeira ou mesmo palmeira adulta que se abate, dá origem, num raio de 2 ou 3 metros, a verdes rebentos que brotam das raízes da planta abatida e logo entram a crescer resistentes e vigorosos, como verdadeira praga. E só isso a Orbignya não se extinguiu em vastas zonas do município, no tempo em que se alimentavam cavalos de sela e animais de tração e se cevavam porcos com o seu palmito, numa imolação diária de centenas de indivíduos.

A fôlha madura completamente expandida, com sua altura de 4 a 5 metros, seus numerosos pares de pinulas perpendiculares ao raquis foliar, é a “Pindoba-brava” e esse raquis forte e duro, concavo na face ventral e convexo no dorso, toma o nome de “Talo, muito utilizado em cêrcas de pouca duração e outros serviços menores. Mas o grande tesouro do vianense é a “Pindoba mansa”, sem a qual a vida se lhe tornaria e cuja extração não mata nem prejudica a árvore. É sempre a penúltima fôlha terminal (a última por estar ainda muito pequena, não se corta senão daí a semanas, depois que passa a penúltima), ainda imatura e fechadas, isto é, com as pinulas acamadas longitudinalmente sobre o raquis. Para ser utilizada, exige que seja destalada. “Destalar” a pindoba é despregar as pinulas do talo, ao qual devem ficar presas apenas pela base da nervura, em posição perpendicular e sempre dobradas ao comprimento. Uma vez destalada, está pronta para os diversos usos a que serve.

Com a pindoba brava forram-se as cêrcas e os estaleiros de secar carne e traira, cobrem-se as latadas para as festas, defendem-se as paredes de taipa do impacto das tempestades. Tiradas de pindobeirinhas bem novas, é forragem tenra e mole de cavalos e bezerros prêsos em chiqueiros. Com o pindoba mansa aprontam-se os abanos e mensasbas, cobrem-se as casas, os depósitos, os galinheiros, as estrebarias, os chiqueiros de

por-cos na zona do mato, as capelinhas das desobrigas, os botiquins e casas de sorte das festas de arraial, os banheiros e fossas fixas, fecham-se e forram-se os campos de futebol. De todos estes usos, o que maior cópia de material reclama, é sem dúvida a cobertura das casas e revestimento das paredes. Cobre-se o teto colocando-se uma fileira de duas fôlhas unidas, em toda a extensão a cobrir, começando pela parte inferior, pouco acima da ponta dos caibros e a estes amarrada por imbira torcida, ou melhormente por cipó de tracuá, que dura três anos. Uma segunda fileira colocada de 15 a 20 centímetros mais acima, cobre a primeira e assim por diante, até a cumieira. No fechamento das paredes, o serviço vem de cima para baixo, em fileiras de duas fôlhas unidas. Na segunda fileira, pouco abaixo da primeira, em altura variável, conforme se deseje maior ou menor vedação, as duas pindobas são amarradas uma por fora, outra por dentro a assim todas. Rente do chão uma vara fortemente presa aos esteios e “enchimentos” mantém firmes e unidas as pindobas da última fileira, cujas pontas se aparam. Pronta a casa, fecha-se com portas e janelas de meansabas, que é uma espécie de esteira mais ou menos retangular, tecida de quatro meias fôlhas de pindoba mansa, cujas pontas se entrelaçam, formando uma trança no meio. A meansaba presta-se ainda a outras serventias. Mas, de todos os objetos feitos de pindoba, o de uso mais complexo e multifário, é inegavelmente o “Cofó”. Para fazê-lo, o operador toma de duas bandas de pindoba destalada, as porções de que precisa, consoante o tamanho desejado, desbasta-lhes os talos até se tornarem bem flexíveis, junta os dois, colocando um logo abaixo do outro e tece com as pinulas, um cêsto fachado, mais ou menos oblongo, mais ou menos bojudo, rematado no fundo por uma trança cujas pontas enfia no tecido. E está pronto o famoso Cofó, o necessário, o insuperável, o insubstituível cêsto.

Nele vem das praias o peixe fresco e para São Luís vai a carne sêca, guardam-se nele o açúcar bruto, as frutas, o arroz a farinha, o milho, o gergelim, o peixe salgado, a tarira sêca. Nele se vendem os legumes, o milho verde, o camarão, as garrafas de leite. Em cofos vai a mandioca para os poções a fermentar. Enfim, o cofó é o omnimodo e fiel servidor, sempre solícito e prestimoso, pronto sempre a acudir a todas as necessidades urgentes, em todas as circunstancias. Só o que não entra em cofó é justamente o babaçú, que o quebrador leva em baldes de cuia ou saquinhos encardidos, ao barraqueiro, este o ensaca e remete ao comerciante comprador. Além da pindoba, o “pambé” do pecíolo, grande, largo, forte, coriáceo e impermeável presta-se a diversos usos e pôsto de maceração em águas por alguns dias, libera uma fibra grossa e resistente, que substitui com vantagem a da piassava.

Em todas as idades é útil o babaçú; quando ainda na puerícia é forragem; na mocidade é a pindoba cujos méritos já acima se evidenciaram. Na idade madura é a palmeira, alta, elegante, especiosa, esplêndida de beleza e imponência, carregada de frutos, cuja amendoa é o que todos sabem. Além do ativo comércio que desenvolve, pisada com água dá, por expressão o nutritivo “leite” ou “vinho”, que apura o sabor ao peixe, à cutia e a outras caças e com o bagaço intrega o famoso “arroz de côco”. Na velhice e na morte ainda o seu estipe vai servi de assoalho às casas de girau, quando não é atravessado numa vala para conter a enxurrada e reter-lhe a terra. E que não daria ela se lhe fôsse aproveitada a casca do fruto admirável? Casco que hoje apodrece aos montes, lavando ao aniquilamento eterno uma riqueza apreciável.

Há cêrca de quarenta anos atrás, o número de palmeiras em produção nas zonas próximas da cidade, em terras municipais, não era a quarta parte do de hoje. Naquele tempo, a então recente indústria extrativa da amendoa ainda não dera tempo ao caboclo de deixar formar-se junto da casa, a palmeira, que então se não poupava da extração do palmito, cujo consumo na alimentação de cavalos da cidade e arredores, era incalculável. Muito palmito ainda se extrai diàriamente, mas é impresdindível que assim se faça para desbaste dos pindobais cerrados e para que estes se não transmudem em palmeirais, com escassez da fôlha providencial. Além disso, cada palmeira abatida reproduz-se multi-plicada por dez, nos rebentos da raíz e, sem aquele oportuno desbastamento, a carência de espaço vital acarretaria o atrofiamento da maior parte das novas plantas e, em caso de formar-se um palmeiral, este seria pouco produtivo. Mas hoje em dia, cada coqueira que está fora dos roçados e escapa dos desbastes, é poupada e assim também se salvam as que nascem perto das casas, em tôrno das quais formam ao crescerem, um pequeno pal-mar, conservado como subsídio da receita doméstica, a cargo das mulheres. O homem não concentra seus esforços na indústria da amendoa; caça, pesca, prepara sua lavoura de manutenção e se entrega a outros trabalhos eventuais, salvo quando é pre-guiçoso, ou o nomadismo herdado do aborígene, não o deixa radicar-se em parte alguma. E como as nossas terras são inçadas da praga tenaz e recalcitrante do babaçú, o lavrador ao roçar em palmeiral ou capoeira alta, é obrigado a abatê-lo impiedosamente, para dar luz ao terreno e aproveitar o talo com que o cerca. Abandonada a roça pela coclusão da colheta, o pindobal entra a refazer-se em pouco tempo está apto a fornecer a pindoba.

## CAPITULO VIII

### A PESCA

Várias maneiras se empregam de apanhar peixes nos lagos, rios, igarapés, baixas e poções. A Cambôa e a Moponga são pescas coletivas, em que se reúnem várias canôas, cada qual com dois tripulantes e cujo produto é repartido igualmente, para recompensar a igualdade de esforço individual. Ao chegarem próximo do ponto de venda, juntam-se todas as canôas, uma encostada à outra e o chefe da turma, que é sempre o pescador mais inteligente, ou mais atilado e de mais forte personalidade, faz a divisão equitativa, passando o pescado das canôas mais cheias para as mais vazias, sem reclamações.

Na cambôa, as canôas se dispõem em círculo que lentamente se vai fechando, arrebanhando o peixe, que é em seguida apanhado pelas tarrafas lancadas em ordem. A moponga ou ponga difere da camboa em que é “batida” em lugares pouco profundos, nos meses do “abaixamento”, isto é, durante o mês do refluxo das águas de enchente hibernal. Põem os pescadores as tarrafas abertas verticalmente dentro d’água, uma após outra, formando um arco e mantidas em posição por varas fincadas no fundo. Feito o que, partem a pé, ou mesmo nas canôas de certa distância, batendo (daí a expressão “bater moponga”) fortemente com varas na superfície da água e procurando aumentar com gritos o barulho. Assim acossado, o peixe tenta fugir espavorido e vai prende-se nas malhas das tarrafas.

De ordinário se fazem de noite estas pescarias coletivas e de noite também se lançam, ou melhor, se distendem, só em águas profundas, as grandes rêdes quadradas, que se mantêm verticalmente graças a pequenos flutuadores amarrados no lado superior, em oposição aos chumbos que ficam na parte de baixo e fixadas por uma vara em cada cabeça. Quando pressentem que nelas já se prenderam os peixes, os pescadores colhem-nas para as canôas, onde o maior trabalho é, quando há sirís, desagarrá-los das malhas em que se emaranham. É nova entre nós a pesca com essas rêdes quadrangulares e foi iniciada por pessoas de fora e de recursos, que podiam gastar bom dinheiro em prepará-las. O nosso caboclo pescador não tem espírito inventivo; pesca como pescavam os seus tetravós, há séculos. As invenções de sua arte lhe chegam de fora.

A pesca pelo Musuá também se pode considerar coletiva, porque ocupa mais de uma pessoa. O Musuá é um tambor cilíndrico de mais de dois metros de altura por cerca de um de diâmetro, sem tampa, cerradamente tecido de grosso cipós em sentido

transversal, traçados por entre varas longitudinais. Mais ou menos a meia altura, abre-se uma fenda estreita e vertical com pontas de cipós prolongadas para fora, a fim de facilitar a entrada ao peixe que aí deve penetrar. Coloca-se o tambor em pé, firmado na vara, apenas um palmo fora d'água e lança-se-lhe dentro um animal morto. Atraídas pela carniça, as piranhas vão entrando pela abertura, até encherem completamente o musuá, no qual ficam aprisionadas por não acertarem com a fenda de entrada, que não lhes serve de saída. Horas depois os pescadores põem o cêsto na canôa, sempre em posição vertical e fazem então a colheta de dezenas de dúzias de piranhas.

O Socó é outra espécie de cêsto cônico, sem fundo nem tampa, de pouco menos de um metro de altura com o diâmetro menor de cerca de vinte centímetros, feito de telas de marajá mais largas na extremidade inferior, que tem ponta afiada, amarradas em tórno de duas rodas de cipó, a inferior com o dobro do diâmetro da superior. A pesca do socó na da tem de agradável e divertida e mesmo não parece, como a do musuá, uma verdadeira pesca. O operador entra n'água até o meio da canela, ou até o umbigo, conforme a fundura e, segurando o aparelho pela parte de cima, mergulha-o rapidamente até tocar o fundo. Mete então a mão pela abertura menor, que ficou fora d'água e pega o peixe que acaso se tenha deixado surpreender e apanhar. E assim como pega o peixe, pode pegar outro animal que não deseja. Durante o verão, o socó colhe os peixes das baixas e porções, até que a água se reduza a lama. Entram então os porcos e aproveitam o resto.

No comêço das enchentes usam fachear o peixe. À noite o facheiro entra n'água até o joelho e, à luz dum facho, corta o peixe que lhe passa ao alcance do facão, em verdadeira caçada sub-aquática. Ainda à noite em plena cheia, dois pescadores levam a sua canôa para debaixo do mato e aí às escuras, fazem a pesca do bagrinho com pequenos anzóis e isca de bicho de côco, Pesca rendosa, mas arriscada, por possíveis encontros com jacarés, sucurujús e outros répteis, que aliás já se vão tornando raros.

Outra pesca interessante é a da “flecha”. No auge da enchente, quando nas enseadas e baixas abunda a vegetação aquática, dois homens aí penetram em canôa, um na pôpa sentado a remar e outro em pé, à prôa, arco e flecha nas mãos. Flecha de canabrava com ponta de ferro aguçada. Depois de alguns minutos de imobilidade e silêncio, o flecheiro de arco retesado, espera, com a atenção concentrada nos olhos, o momento exato de que a plantinha da superfície começa a submergir puxada do fundo pela curimatá. Despede então o tiro com admirável perícia e precisão herdadas dos seus antepassados silvícolas e a seta vai certa atravessar o peixe pelo meio, dentro d'água. Apanhada a arma com a curimatá esperada, novo tempo de silêncio e imobilidade, para

que os peixes se restabeleçam do susto e voltem a puxar novas plantas. São famosas as curimatás de flecha, pela sua gordura e excelente sabor.

No comêço da enchente, no “Princípio dágua”, como diz o caboclo, as curimatás procuram lugares pouco profundos, no capim de véspera submerso mas ainda vivo e aí desovam em quantidades assombrosas. É a Piracema, que ocorre quase ao mesmo tempo em várias zonas. O homem aproveita a ocasião para apanhar quase no sêco, centenas e centenas de peixes, com a mão, de puçá, de cacête, de facão, de todo modo e as piranhas fazem tremenda devastação nas ovas, que comem até largar. Sem as grandes migrações anuais do Pindaré e do Formoso, as nossas águas estariam hoje quase vazias de peixes. Puçá é uma espécie de saco da malha com que se apanham peixes pequenos em águas poucas.

Análoga destruição em massa da fauna ictiológica realiza-se anualmente nas “tapagens”. Quando a vazante começa a descobrir os pontos mais altos dos campos até antão submersos, o peixe toma a percução de procurar descer aos lagos e rio antes que lhe falte o elemento vital. Mas nisto está a sua perdição, porque o homem lhe barra todos os caminhos e o aniquila implacavelmente. Se a saída é um só, por um estreito e barrancoso igarapé, faz dupla barragem de talos a pique de margem a margem, deixando uma abertura na de cima. Por aí entra o peixe em sua fuga, mas encontra logo adiante fechada a passagem pela outra cêrca. Quando o encarregado do serviço nota que o “curral” já está cheio, fechada a abertura da cêrca de cima e aí entram as tarrafas a funcionar em lanços sucessivos, até que não mais reste um só peixe encurralado. Reabre então a abertura da cêrca para entrada de novos cardumes. E nesta faina insaciavel, gasta dias e dias, enquanto houver o que pegar, ou até que seque a enseada ou baixa.

Se o campo é largo e o peixe pode escapar por outras saídas, faz o pescador extensas cêrcas de varas de menos de metro de altura e bem forradas de pindoba brava, por dentro dágua, até atingir o sêco. E na embocadura do igarapé coletor dessas águas, lavanta o curral, que então tem quatro lanços de cêrca e forma quadrada, ou então coloca numerosos matapís ao longo da cêrca. O Matapí é um musuá de dimensões reduzidas, por cuja abertura entra o peixe na sua ânsia de evadir-se e fica prêso. a este conjunto de barragens é que se chama a “tapagem”. Dantes pertencia ao município a concessão da licença para exploração dessas tapagens, competindo ao prefeito decidir da conveniência de concedê-la ou não em cada caso, de acôrdo com as circunstâncias do momento. Depois passou esse direito ao Ministério da Marinha e a seguir ao da Agricultura e desde

então não houve nenhuma fiscalização. O extermínio consuma-se livremente. Em anos abundosos, uma boa tapagem deixa milhares de cruzeiros de lucro líquido.

Há também os pescadores avulsos, que vão numa canôa tarrapear donde lhes parece haver peixes, nos lagos, nos igarapés, nos rios, nas baixas. O da prôa atira longe quanto possível, um pedaço de pau leve, para atrair o peixe, enquanto o da pôpa impele a canôa devagar, até chegar junto ao pau e nessa ocasião o outro lança a tarrafa. É parco o rendimento desta pescaria, cada lanço não passa de meia dúzia de peixes, pela maior parte pequenos. Para atirar bem aberta a tarrafa, o pescador serve-se das duas mãos e dos dentes. Tarrafa é uma rêde redonda, de malhas de fio, maiores ou menores, com uma dobra na parte inferior, em toda a circunferência, formando uma espécie de saco e pedaços compridos de chumbo prêsos em toda a extensão da fimbria. O tecido de malha não vai até o centro da rêde; o terço central se forma de fios que se reúnem no centro e se continuam torcidos em longa corda, por onde o operador segura a rêde, quando a lança nágua. A de malhas miudas serve à pesca do camarão que no verão vem ao lago em cardumes imensos, com a água salgada, cresce rapidamente triplicando ou quadruplicando de tamanho e aí fica, por maior que seja a enchente posterior. O mesmo sucede ao Sirí, que vem mas não torna.

A pesca de linha limita-se à do mandí, além das do bagrinho, do jejú, da piaba e da piranha, estas três de caniço. O mandí vive no fundo e o anzol tem de descer até lá, para oferecer-lhe a isca de minhoca, levado por uma longa linha sem caniço. Os grandes surubins já se não entregam no Gibirí e no Igarapé-do-engenho, senão no baixo Maracú e no Pindaré, aos anzóis dos caniços ou aos “espinheis”, isto é, aos anzóis cujas linhas se amarram a uma corda estendida horizontalmente sobre a água.

A salga da tarira é uma modalidade de pesca que assume proporções de uma pequena indústria. Quanto maior o inverno, tanto mais abundante se cria esta prestimoso peixe, que se presta a prolongada conservação, quando salgado e sêco ao sol. Descoberto o campo da orla dos lagos, o pescador ergue aí o seu rancho, verdadeiro tijupá de pindoba e dá início desde logo à atividade da salga. Alta madrugada sai com o companheiro, de canôa, a tarrafiar, até às primeiras horas de sol e volta para ter tempo de preparar todo o peixe apanhado e de aproveitar o sol da segunda metade do dia. Primeiro tira a cabeça da tarira, depois abre-a pelo dôrso, retira-lhe as vísceras, golpeia-lhes as carnes ao com-prido, salga-se e põe-na ao sol com o carnal para cima, em giraus forrados de pindoba brava. Um dia ou dia e meio de sêca, e está pronta para a venda. Concluído este bene-ficiamento, suspende duma alta forquilha fincada à frente do

rancho, a tarrafa aberta por uma vara transversal, para enxugar, almoça e dorme até de tarde. Acordado, senta-se junto da tarrafa já enxuta e conserta-lhe os rasgões das malhas. Mas quando o peixe superabunda e a sêca já vai adiantada, faz até duas pescarias por dia, trabalhando à noite. E assim passa o verão, comendo com a mulher e os filhos, sempre do mesmo peixe, bebendo da água impura e barrenta do lago, numa vida como pior não há em primiti-vidade e desconforto (desconforto que ele não sente, alheio de todas as práticas de asseio (exceto o banho diário no lago) e higiene, nas integrado totalmente à natureza, com a roupa reduzida ao mínimo exigido pela decência. Os filhos impúberes brincam nus o dia inteiro ao sol, tanto em terra como nágua. É raro ver-se solitário um rancho de pescador; comumente eles se agrupam em núcleos que podem chegar a mais de dez, arruados em fila, o mais possível perto do mato, no qual os moradores se vão desobrigar de suas necessidades fisiológicas. O rancho, sem divisões internas, é retangular, com cinco metros no máximo de comprimento e cêrca de três de largura. A cumieira não vai além da altura de três metros e os beirais quase tocam o solo. Uma abertura quadrangular na frente e outra no fundo, fazem as vezes de portas, que se fecham por meansabas. Aí nesse âmbito escuro e mal cheiroso, onde à noite fumea uma lamparina até a hora da dormida, dormem os moradores, guarda-se o peixe e dependuram-se cofos que servem de armários e gurda-roupas. A um canto, um pote, coberto a bôca por uma cuia, esfria a água de beber. Fora do rancho, no fundo, três tacurubas formam a trempe em que se põe ao fogo o caldeirão. De cada lado exterior e no fundo, um rêgo cavado ao comprido, defende a habitação da entrada das águas de alguma provavel chuva de verão.

No número dos moradores do rancho incluem-se um ou mais cachorros magros, um ou mais porcos que aproveitam os refugos do peixe. As galinhas não dormem com os donos, passam as noites empoleiradas na cumieira, ao ar livre, defendidas das raposas, das mucuras e dos ladrões. Nesses núcleos de vida temporária, de ordinário uma barraca num rancho com as mesmas características arquitetônicas, anti-higiênicas, primitivas e desconfortáveis, expõe à venda a farinha, o sal, o fósforo, o fumo para a masca e para o cachimbo, o açúcar, o café, o querosene e a banana, para supremento dos pescadores.

## CAPITULO IX

### A CRIAÇÃO DE GADO

Assenta sobre a criação de gado um dos pilares da nossa economia, do gado vacum em primeiro lugar e dos porcos em segundo. Há também, em terceiro lugar, alguns rebanhos de cavalos.

O nosso boi é semi-selvagem; no campo nasce e nele vive, só vindo aos currais na ocasião das “farras” ou em pequeno para receber o ferro, o sinal do dono nas orelhas e a vacina, e para ser “relhado” até amansar. Enquanto amansa, a vaca é ordenhada e o pouco leite que dá, ou é consumido em casa do vaqueiro, se mora longe da cidade, ou para lá vai a ser vendido, se perto. Findo esse curto período de trato, no comêço do inverno, o bezerro vai com a mãe para o têsso, onde é desmamado. O pasto duro do capim-açú incha-lhe o ventre e, com um ano de idade, magro e pançudo, ele é o “barrigudo”, nome que passou a designar o novilho dessa idade, em virtude da grande maioria deles apresentar a pança dilatada, característica do bovino inadequadamente alimentado. E assim, até o que escapa a esse mal e normalmente se desenvolve, não escapa da alcunha, é “barrigudo” como os outros até os três anos, quando passa a “garrote”. As fêmeas também são aleivosamente “barrigudas” e só depois de três anos passam a “novilhas”, até o primeiro parto, quando então recebem as honras de vaca.

Com três séculos de adaptação, o nosso adquiriu uma admirável resistência às condições adversas do seu modo de vida na estação das chuvas, quando muitas vezes, em anos de grandes enchentes, passa os dias comendo dentro d’água e dormindo à noite na lama. Atravessa assim os meses de inverno, ao sol e à chuva, dia e noite. Dura condição de vida que outras raças bovinas não agüentam, nem mesmo o rústico zebú e que a nossa suporta admiravelmente, como se estivesse em seu habitat natural, pois aí cresce, engorda e se refaz.

Terminada a estação das chuvas, descobertos os campos baixos, para eles, forte e gordo desce o gado dos têsos e começa a emagrecer com a mudança do pasto, atenasado pelas “pragas”, mutucas, maruanhas e outras “imundícies”. Mas logo se restabelece, tanto mais depressa quanto ainda encontra as baixas cheias do capim-boiador, chorão, arroz, mururú e outras plantas aguáticas ou flutuantes, que vai buscar até com água quase a cobrir-lhe o lombo, muitas vezes só com a cabeça de fora. Com este estranho modo de pastarem submersas, as vacas entregam as têtas à voracidade das piranhas, que as devoram, ficando imprestaveis para a criação.

Transposta esta fase do perigo das piranhas, inicia-se a da sêca pròpriamente dita, em que as pastagens se vão estiolando, as águas diminuindo de volume. E aí começa nova dificuldade. Os animais entram a ficar prêsos à lama argilosa das baixas, onde morrem “atolados”, se não são socorridos antes de manifestar-se a caquexia, ou que os urubús comecem a comê-los vivos, arrancando-lhes primeiro os olhos, depois rasgando-lhes o ventre pelo anus e pelo reto. Quase todo animal que nos campos cai e não se pode mais erguer, nem defender-se de qualquer maneira, antes de morrer já é devorado deste modo pelos urubús. Antes acabar de morte violenta num matadouro, que ser comido em vida, aos pedacinhos.

Se há chuvas no verão, o verdadeiro paraíso do gado são os nossos campos, mas se não chove e a água salgada invade os lagos e se espraia pelos campos, os pobres bichos, quando os donos não os levam a outras paragens mais favoráveis, bebendo dessas águas não bebíveis, empanzinam-se e enfraquecem, embora se vejam livres dos carrapatos. Com o gado grande os cuidados dos vaqueiros limitam-se às mudanças de pasto e à cura das “bicheiras” (Não se fiam de curas por meio de rezas, nem acreditam em capaço pelo rasto). Quando o carbúnculo hemático irrompe nos rebanhos, então correm a imunizá-los desse mal terrível com a vacina preventiva. Contra a febre aftosa nada fazem, a não ser o tratamento local dos animais de maior valor. Também não combatem a “broca”, doença infecciosa que, de alguns anos a esta parte, deu para roer o sabugo do chavelho, levando em poucos dias o animal à caquexia e à morte. Lá um ou outro menos conformado, serra a ponta e despeja creolina dentro, tapando depois o buraco com um tórno de madeira bem ajustado. Quando ainda aplicado em tempo, este tratamento muitas vezes salva o animal. O berne, que no sul do país tantos prejuízos acarreta aos criadores, aqui praticamente não existe, de tão raro que é. E, a não ser o algodão-bravo, ou algodão-do-campo, que alguma rês raramente adquire o vício de comer e o paturá-do-salgado, que é inócuo para o bovino mas entontece os cavalos, fazendo-os andar oscilantes como ébrios, não notícia de outras plantas tóxicas para o gado em nossos campos, nem mesmo nas pastagens artificiais da zona da mata, onde com mais probabilidades poderiam existir. Pelo menos os criadores e vaqueiros não se queixam de envenenamentos dos seus animais, isto devido talvez à falta de observação, à falta de quem lhes desperte a idéia de que certas doenças misteriosas, em vez de atribuídas a picadas de cobras, deviam sê-lo à ingestão de plantas venenosas. Para elucidação deste assunto, seria necessário que pessoa competente se dedicasse a estudá-lo em bases experimentais, ou que algum botânico assinalasse aqui a presença de uma

ou mais ervas venenosas já classificadas e provadas por nocivas em outras regiões do país.

Os criadores não dão sal ao gado, porque não é necessário - o nosso terreno o tem em abundância - não cavam tanques, nem levantam açudes, porque “Deus é grande” e “talvez chova no verão”. Fazem as tapagens do engenho, do Suçopará e do Sapo e ficam à espera de que a Providência não deixe que as transponha a água salgada. E, quanto a pastagens, “havendo água, o resto o boi arranja”, como ensinava um velho vaqueiro. Dantes davam de quando em quando, um boi a São Sebastião e com isto se julgavam desobrigados de quaisquer providências tendentes a evitar a manqueira e o carbúnculo, entregando tudo aos cuidados do santo, até verificarem maior eficácia nas vacinas naqueles cuidados e hoje fiam mais delas que do santo. Assim também a continuarem as tendências invasoras do mar, talvez se resolvam eles um dia cooperar com a Providência, metendo mãos a obras que garantam na sêca abastecimento d’água doce aos seus rebanhos.

Vai por mais de quarenta anos, alguns criadores menos obstinados entraram a adquirir reprodutores zebús que, com o tempo, foram aos poucos melhorando os rebanhos em tamanho e capacidade leiteira, de modo que o nosso boi é hoje maior que o “boi baiano”, o boi sertanejo, que só lhe leva vantagem no tamanho descomunal dos chavelhos. Cria-se também muito gado na zona da mata, nas capoeiras e campos artificiais em que o machado e o fogo transformaram a antiga floresta, que o homem não consente se reconstitua porque prefere o campo ao mato, no interêsse de sua criação. E o gado aí criado é forte, grande, gordo e precoce. O “barrigudo” de um ano nada tem de barrigudo, é maior que o garrote de três anos da zona do campo. E assim não pode deixar de ser, dado o conjuto máximo de condições favoráveis que o terreno oferece, com suas ótimas aguadas permanentes, sua superabundância de excelentes gramináceas, ciperáceas, leguminosas, comelináceas e outras plantas forraginosas e um solo alto e sempre enxuto, mesmo na maior fôrça do inverno.

---

O vaqueiro vianense não usa indumentária característica. Camisa de riscado, calça de pano grosso, chadéu de palha de abas largas seguro por um barbicacho de imbirá, descalço, esporas de ferro ou de bronze, de grandes rosetas, firmadas sobre os calcanhares e presas na frente por uma correia, um facão na cintura, na mão por chicote um pedaço de relho, uma corda de couro à garupa e, às vezes, o “farrão”, ei-lo preparado

para o trabalho do campo. Nada de chapéu, de gibão, de perneiras e joelheiras de couro, nem luvas nem guarda-pés, que tudo é dispensável. O campo é limpo e algum cerrado de jiquirí, de algodão, de titara, de matapasto ou tiririca de espinho, que ele vence apenas com alguns rasgões na pele ou na roupa, não o obriga a encoirar-se com aumento excessivo do calor do sol abrasante. Os arreios do sendeiro também se resumem numa sela “vaqueira”, de cromo, com duas grandes gualdrapas quadradas de sola, apertada sobre uma esteira de junco, por uma cilha de corda de imbirá, sem peitoral, com um rabicho prêso por duas correias enfiadas em dois buracos do casco de madeira e prêso ao rabicho um vidrinho com creolina ou mercurio doce, loros de sola sustentando estribos pequenos de ferro, em que o cavaleiro enfia apenas o dedo grande do pé. Os arreios de cabeça abreviam-se numa cabeçada de sola sem bride, uma só rédea com as pontas prêsas ao cabeção de ferro ou de bronze, que sofreia animal. Pendentes do arção posterior, dois alforjes de couro levam o “frito”, para enganar o estômago, quando a viagem é longa. Assim vestido e montado, o vaqueiro entrega-se à lida, “correndo o gado” freqüentemente, levando-o aos bebedouros, quando a sêca “aperta” mudando-o de pasto, dos têsos para os baixos no verão, dos baixos para os têsos no começo do inverno, atravessando então baixas, atoleiros e igarapés, molhado, enlameado. ou nas vaquejadas, exibindo o valor do seu cavalo na presteza do galope fechado, com que cerca a rês tresmalhada ou fugitiva. Por fortuna sua, o seu gado não “estoura”, não tem emotividade no grau extremo de provocar subitâneas manifestações coletivas de pânico. Se uma rês se espanta e dispara na carreira, as companheiras não a seguem e logo adiante pára. Impossível, portanto, o “estouro da boiada”, magistralmente descrito por Euclides da Cunha e Rui Barbosa, em páginas memoráveis. Mas o nosso gado tanto tem de tranqüilo quanto de teimoso. O que se obstina em ficar no têsos pelo verão, só bebe água quando os vaqueiros o levam ao Igarapé-do-Engenho ou Suçopará. Saciado, volta imediatamente e só torna quando novamente tangido. Este trabalho diuturno é uma estafa do vaqueiro e mais ainda dos sendeiros. No entanto, quando está no baixo, sabe o gado subir sòzinho ao seu pasto de inverno, mal apertam as chuvas de janeiro e antes que o paturá (aespícula do capim-de-marreca) se lhe crave nas gengivas e nos beiços.

Quando sai para não voltar no mesmo dia, o vaqueiro põe à garupa, sobre um pequeno xairel, uma “maca” de couro ou de lona, com alguma roupa e a rêde. Um grande trabalho, que lhe exige enorme e fatigante esforço e o surpreende de longe em longe, é o da passagem do gado a nado para a margem direita do Pindaré, quando as águas, em verdadeira inundação, cobrem a maior parte dos têsos. É trabalho insano e

arriscado, em que se perdem várias rêses afogadas ou arrastadas pela correnteza e o cavalo, feito canôa atravessam grandes extensões de campos alagados, com o cavaleiro às costas e risco para ambos.

A única festa típica do vaqueiro é a “ferra”, que o criador realiza aos triênios ou quatriênios ou quinquênios, para ferrar o gado novo e “dar sorte” ao vaqueiro. Prêso o gado de véspera nos currais, bem cedo começa a faína de laçar, em que se exibem os mais famosos laçadores. Encostadas aos moirões oito ou dez rêses mais ou menos da mesma idade, o vaqueiro escolhe duas para si, corta-lhes meia orelha e põe-lhes o seu ferro. São as “sortes”. E tudo no meio de gritos festivos, ditos picantes e pilhérias espirituosas dos mais folgazãos excitados pela cachaça que corre de vez em quando, entre nuvens de poeira. Se há no curral um garrote bravo, vai um dos vaqueiros esperá-lo à saída distante da porteira, com a vara de ferrão. O animal sai fustigado e parte furioso para o homem, que o espera firme nas pernas em fincapé e lhe crava o ferrão entre as espáduas. Após uns instantes de indecisão, em que os dois contendores se medem as fôrças, o boi foge vencido pela dor da agulhoada, isto na melhor das hipóteses, porque pode quebrar-se a vara, ou o homem cair. E depois vem o almoço regado a vinho, em que o anfitrião apresenta os melhores pratos de carne de boi e de porco e sobremesa de doce de côco. Terminados os trabalhos, os novatos são “batizados”, numa cerimônia de verdadeira iniciação, que acaba por fortes pancadas aplicadas com a pá da matalotagem no trazeiro do iniciando.

Hoje em dia, raramente se realiza uma “farra” em grande estilo, como as antigas. A maior parte dos criadores, para poupar despesas, incomodos e trabalhos da festa, dá sorte “no chiqueiro”, isto é, dá em bezerros a parte do vaqueiro. O nosso vaqueiro não sabe cantar em viagem, para o gado que conduz; apenas solta a espaços, uns gritos inarticulados, para estigar-lhe o passo.

A profissão exige decidida vocação, sem a qual se malogram todos os esforços de adaptação à vida do campo. Não basta conhecer os campos, manter-se firme na sela quando o cavalo dispara açodado em carreira desabalada, no encalço da rês fugitiva, nem derrubar o boi na carreira, puxando-o pelo rabo. Cumpre ter acuidado de vista, perspicácia, espírito de iniciativa e boa memória, para distinguir num chiqueiro cheio de bezerros, o filho de determinada vaca visto apenas de relance, horas antes, no campo; conhecer de longe uma rês grande, que não vai desde pequena, precisar a genealogia de cada animal de sua entrega e conhecer ainda todo o gado e todos os sinais e ferros da redondeza. Todas estas qualidades inatas e mais o interêsse e a vontade de vencer,

formam o arcabouço mental do bom vaqueiro. Assim apercebidos, muitos alcançam êxito e acabam donos de grandes magotes de gado aumentados à proporção que os do patrão mingôam e se extinguem. Isto deu origem ao axioma corrente de que só prospera a criação de gado cujo vaqueiro é o próprio dono.

Outras causas da decadência do criador é o roubo freqüente. Há ladrões que furtam para comer, há os que levam a rês para abatê-la algures e há os que clandestinamente embarcam para São Luís o boi alheio. Mesmo depois de abastado, o antigo vaqueiro quase nunca melhora o seu padrão de vida. Continua no mesmo regime parco e frugal, alimentando-se mais de peixe que de carne, sem legumes nem verduras em quantidade suficiente a alguma fruta por acidente. O leite é que supre as suas deficiências alimentares. E, apesar disso, é forte, corado (quando branco), relativamente robusto, de compleição atlética, devido isto ao muito leite que toma em pequeno. Aliás, o habitante do campo é aqui mais sadio e roubusto que o dono mato, não obstante beber água mais impura, mas talvez menos pobre de cálcio, ferro e por mais poupado pela malária e pelos vermes. Habitado desde que nasce, a reduzir ao mínimo as suas necessidades, não sente falta do conforto que cerca o homem civilizado. Sua casa de palha ou de telha, comumente assoalhada e tapada de tabuas, tem mobiliário resumido ao mínimo possível.

E o vaqueiro de porcos (o termo aqui é usado por extensão), geralmente vaqueiro só dos seus, porque os do patrão todos morrem ou desaparecem, vive ainda mais pobremente em palhoças mal tapadas, no meio dos campos, com girau de madeira ordinária, sob o qual a manada passa as noites abrigada das chuvas, para de manhã cedo lançae-se à sôlta na luta pela vida, à cata de alimentos que o dono não lhe dá. No verão desce com ela para o campo baixo e aí vive a vida mais primitiva, comendo peixes e algum porco que não seja da sua vara, num sórdido rancho de palha, à beira dum igarapé ou baixa, onde os animais têm de procurar os meios de subsistência, que não recebem do dono. o trabalho deste consiste em vigiá-los depois de grandes.

A criação de cavalos faz-se nos campos, como a do gado vacum, de verão nos baixos, de inverno nos têsos. O dono ou seu preposto divide as éguas em grupo de 6, 10, 12 ou mais, grupos chamados “lotes”, cada um dos quais é entregue à padreação de um “pastor”. O pastor, um garanhão quase sempre de meia idade, mas imprestavel, por qualquer motivo, para outros serviços, toma conta das femeas que se lhe confiam, como propriedade sua trá-las sempre reunidas, sem deixar que se tresmalhem e defende-as das incursões dos outros machos, que põe em fuga a coices e dentadas, depois de tremendas

lutas. Por isso, o ofício de pastor, que exige vigor, valentia e coragem, só se confia ao animal que possui aqueles requisitos indispensáveis.

Dizem que quando as filhas chegam à idade da reprodução, ele as expulsa do lote, mas alguns não o fazem. E aí, para evitar o incesto, o criador afasta-as do pai, para outro lote. Os nossos lamacentos têsos não São adequados às exigências desta criação e daí a alta percentagem anual de perdas, que muitas vezes descorçoam o criador. A umidade excessiva do terreno no inverno favorece o aparecimento da “esponja”, manifestação superficial de habronemose, muito comum nos equídeos. É uma ulcera que cresce rapidamente, formando um tecido esponjoso e duro, vegetante e cheio de granulações, que depaupera o animal e só cicatriza se cortada impiedosamente até mostrar o tecido são e depois cauterizada com ferro em brasa ou com manteiga de antimônio. O garrotilho também aparece epizootico com outras doenças infecciosas e parasitárias, mas mesmo com todos estes obstáculos de doenças, de pastos pobres, de pragas, mutucas, maruanhas, gafeiras, piolhos e carrapatos, de excesso de umidade hibernal, a criação de cavalos mantêm-se estavel nestas condições adversas de vida. E, cuidado algum de seleção de reprodutores, o nosso cavalo é geralmente pequeno, sem uniformidade de tipo, como o de todo o Norte, mas, o que lhe falta em altura, sobra-lhe em resistência, em velocidade de golpe e em excelentes marchas, quando ensinado por boas mãos de rédea. Criadores há que ao invés de cavalo, põem um jumento de pastor no lote, a fim de obterem muares, de mais valor que aquele.

## CAPITULO X

### A LAVOURA E INDÚSTRIA

Nas zonas próximas da cidade, onde a população rural é menos esparsa e o mato é todo de capoeira baixas, que são roçadas de cinco em cinco anos ou menos, pratica-se a pequena lavoura de sustentação, em que predomina o plantio da mandioca. Decorridos os poucos anos de repouso concedido à terra, no qual o mato intensifica o seu trabalho de recuperação, refazendo-se com rapidez proporcional às condições edáficas do solo, o lavrador roça-o em pleno verão, deixando de pé as pindobeiras e uma ou outra árvore, Dias depois, arroteados cuidadosamente os roceiros, lança fogo ao mato abatido e já murcho. Em seguida acaba de limpar o terreno, juntando em coivaras o que escapou do fogo, queimando-as até se transformarem em cinzas. Corta então os talos das pindobeiras crestadas e com eles tece as cêrcas, trançados em sentido horizontal, por entre estacas finas, de todo pau, Logo às primeiras chuvas de dezembro, planta o milho e em seguida a mandioca, o jurumum e outros legumes, menos o arroz, que só semeia em março, para evitar o bezouro que o ataca quando plantado antes. E logo que as plantas começam a mostrar as primeiras fôlhas à flor da terra, inicia a luta ingente contra a vegetação invasora, que parece brotar de cada gôta de chuva. São ervas, capins e arbustos de mil espécies, que em pocos dias vão cobrindo todo o terreno, num crescendo avassalador. Desta luta sai vencedor o homem sadio e forte, que não deixa morrerem asfixiadas as suas plantinhas, mas o fraco e opilado, combalido pelo paludismo, não raro desanima e perde grande parte do terreno invadido pela praga vegetal, concentrando em pequena área os seus esforços de doente. Em junho roçam-se ainda as “rocinhas”(assim chamadas por serem menores que os “janeiros”, dado este nome às maiores, cuja cultura se inicia no comêço do inverno) e os fumais. Nessas rocinhas, também chamadas “samgal” cultivam-se o feijão e a melancia, que nos verões chuvosos dá bons rendimentos, mas de ordinário as frutas são pequenas e de sabor inferior, revelando a pobreza do solo, ou a falta de seleção das sementes.

Para a cultura do fumo não se escolhem terrenos; todos servem, desde os da mata virgem até os dos arrabaldes da cidade, já exáustos e cobertos apenas de veteção arbustiva e rasteira, sendo porém, menor o rendimento destes últimos, tanto em volume de fôlhas, quanto em riqueza de nicotina, como é óbvio. Mas aqui ou ali, o fumo é planta que exige cuidados especiais e poucas chuvas, que muitas o levam de mais, tornando-o fraco e de mau sabor, São muitas semanas de constante e solícita assistência do

cultivador competente e prático, que só assim consegue um produto de qualidade superior. A colheta é feita aos poucos, de baixo para cima, à proporção que as folhas maiores vão chegando ao ponto ótimo, mas ainda verdes, antes de começarem a estiolar-se. Amarradas pelos peciolas duas a duas, por dois torçais de imbira, formam as “cordas de fumo”, que enchem a casa do dono, dependuradas pelas pontas, dificultando o trânsito. Colhido assim, o fumo não dá lugar ao aproveitamento da “segunda folha”, como se usa na Bahia e em outros Estados, em que o pé é decepado rente do chão e as folhas de uma vez, grandes e pequenas. Dias depois a soca começa a brotar, reconstituindo a planta e no devido tempo dá novo corte. Aqui o arbusto vai entregando as suas folhas paulatinamente, à medida que se vão fazendo bem maduras e permanece em pé o fim da vida, já sêco e sem folhas. Estas são elaboradas em molhos, isto é, em pastas oblongas, roliças, de pontas afiladas, cobertas de folhas de cantã, apertadas por tamiças de imbira ou de fibras de guarimã. Assim manipulado, o fumo dura até dois anos, sempre úmido, aromático, perfeito. Embora generalizada em todo o município e bem rendosa, esta cultura tem escala tão reduzida, que o nosso fumo de molho não dá para o consumo interno, sendo freqüente a necessidade de importá-lo.

Nas ribas inundáveis do Maracú, nos férteis terrenos aluviais da mata higrofila ciliar, lavram-se pequenas rocinhas de mandioca e milho que, mesmo no verão frutifica e grana bem, graças à grande umidade do subsolo; a mandioca aí se arranca e se trabalha antes que cheguem as águas do inverno. Mais abaixo, já no Pindaré, acima da zona dos campos de capim-açú e dos mangais, nos terrenos altos que só as grandes invernadas inundam, a essas rocinhas sucedem bananais de grande rendimento.

Mais para o interior, já em terras particulares, bem poupadas e descansadas, as roças se abrem em mato velho, em capoeiras até de vinte anos, com cocais em produção, que o roceiro abate por necessidade. Aí já não é mais a pequena lavoura de manutenção que se pratica e sim a lavoura comercial, com produção de arroz e de mandioca. Mas a grande lavoura, se assim se pode chamar, é a da mata virgem, ultimamente já nos últimos confins do nosso território, quiçá fora dele. Aí os “fazedores de deserto” (melhor seria que se chamassem “pioneiros da civilização”, porque esta não pode germinar e crescer à sombra das florestas) reunidos em grandes bandos, abatem e lançam fogo a uma imensa área florestal, que não cercam nem capinam; e, no comêço da estação chuvosa, plantam o arroz ou melhor, semeiam-no atirando as sementes aos punhados na terra, no mais primitivo processo de plantação. Preferem roçar na mata, já porque ali não há necessidade de cercas, já porque lá não chegam, levadas pelo vento, as derrubada de

árvores colossais, é compensado pela desnecessidade de cercas e capinas. Caindo na terra feraz e virgem, o cereal regado por chuvas freqüentes, desenvolve-se com exuberância, multiplica-se e cobre todo o terreno. Na época da colheita, que se faz pelo processo rudimentar da apanha manual, cacho por cacho, escasseiam os braços e grande parte das sementes, de madura cai ao chão inaproveitada. Todos os anos, invariavelmente, repete-se este desperdício, sem que a ganância bronca do caboclo o deixe compreender que só deve plantar o que pode colher. E a sua falta de inteligência e de espírito inventivo ainda não lhe concedeu que descobrisse um aparêlho, tosco embora, que facilitasse e desse maior rendimento à ceifa de arroz, adaptável às condições dos arrozais, nos quais não podem operar as ceifadeiras mecânicas.

Sobre estes processos rudimentares e emperrados de agricultura semi-selvagem, praticados por homens ignorantes, sem assistência técnica e com o mais fechado espírito de rotina, é que se funda a nossa economia agrícola. O lavrador faz o que aprendeu dos pais e assim, de geração em geração, a ignorância, a índole avessa de toda inovação e a falta de meios de aprendizagem pelo exemplo mantêm-no prêsso a esses métodos atrasados de lavoura. Mesmo assim, com todo esse acêrvo de qualidades negativas, ele triplicou em poucos anos a produção do arroz, depois da penetração a fundo dos transportes motorizados no interior do município. A entrada dos caminhões facilitando a descida do produto, estimula o desejo predatório de maior penetração, dantes refreado pelas dificuldades de transporte. O caboclo sabe que trás de si vai o comprador e com isso procura saciar quanto o seu instinto nomádico de destruição da mata.

A cultura do arroz e da mandioca absorve toda a atividade do lavrador. A mamona é plantada apenas nas extremas, para dividir as partes dos cooperadores que conjugam seus esforços no preparo dum grande roçado comum e do gergelim a produção ainda é menor que a do carrapato. A do algodão está quase extinta e só a do milho avulta nos propícios. E do feijão, que dá bem em terras esgotadas e que poderia ser um produto de exportação, o que se colhe é insignificante. A razão é que o vianense do mato, o caboclo, só come feijão quando não encontra peixe, a carne, a caça.

A cultura da cana de açúcar está em franca decadência, em virtude da diminuição progressiva da fabricação do açúcar bruto, cujo consumo se reduz de ano para ano. A falta de braços, o aumento dos salários e a redução do consumo do açúcar bruto, devida à preferência do consumidor pelo produto branco, importado, ameaçam de próxima extinção essa indústria, que só na fabricação da aguardente encontra recursos de sobrevivência. A fácil e rendosa indústria da extração da amendoa do babaçú, não permite que

sobrem braços de opeário assalariado para outras atividades agrícolas. Pelo que os lavradores, isto é, os donos das roças, já trabalham associados, auxiliando-se mutuamente, num cooperativismo incipiente e promissor, o qual os donos de engenho não podem adotar em suas lavouras.

Na quebra do côco, que realiza em pleno cocal onde passa o dia com frugal e parca refeição, o caboclo obtém maior fêria que se trabalhasse a jornal. E como são mínimas as suas necessidades, ele as satisfaz com dois ou três dias de serviço por semana, auxiliado pela mulher e filhos, empregando os dias restantes em outros trabalhos, quando não prefere entregar-se ao dolce farniente.

A falta de uniformidade de tipos desvalorizada o nosso arroz nos mercados externos, Às máquinas beneficiadoras é impossível preparar um produto perfeito com sementes de dois ou três tamanhos misturados. E o lavrador, num só punhado que atira à terra, semeia essa mistura, que depois vai colher e vender; e deste círculo vicioso não pode sair, porque não encontra sementes de variedades puras.

Alimento básico do povo, a farinha d'água exige uma cultura em larga escala de sua matéria-prima, a mandioca, que é a preocupação máxima do lavrador. para não haver falta dela, planta-a tanto nos "janeiros", como nas "rocinhas", sempre temeroso de que o excesso de chuva lhe "alague" a raiz preciso. Mas não escolhe terreno para meter a maniva, enche-o todo, nos altos e baixos, naqueles porque tem certeza de não apodrecerá e nos baixos, para o caso de escassez de chuvas. De maneira que, em todas as zonas do município, desde os arredores da cidade, até a vizinhança da mata, não longe da grande lavoura nomade do arroz, assim como nas ilhas de mato da área dos campos, por toda parte, nas roças se vê a mandioca em várias fases de crescimento. E assim, já vai por mais de trinta anos que se não repentem as crises tremendas da falta absoluta da famosa raiz, apesar das devastações que periódicamente lhe causam as grandes invernadas. Antigamente, quando o babaçú não tinha valor comercial e a falta de farinha era absoluta, ninguém sabia onde a classe inferior do povo obtinha dinheiro para comprar a farinha de Curupurú, cara e de qualidade inferior. Eram meses e meses de subalimentação redobrada, de fome e miséria.

No meio da abundância de mandioca, o nosso produto não sabe senão fazer farinha d'água. Partidário intransigente da lei do menor esforço, não se dá ao trabalho de preparar a tapioca e o polvilho, além dos quais aproveitaria a farinha lavada para forragem. Nada disso lhe interessa, só a farinha d'água basta para encher-lhe a barriga e prover-lhe às necessidades. Até a própria farinha sêca, ele a prepara em pequena

quantidade, não só porque o consumo é muito reduzido como porque em sua fabricação, a raiz é descascada a faca e ralada no caitetú, com dispêndio de maiores energias. Ao passo que, no fabrico da farinha d'água, tudo é mais fácil e mais simples. Basta deixar de molho a raiz, em cofos num poção por três ou quatro dias, depois tirar-lhe a casca que se desprende facilmente, esfrelá-la com as mãos, passá-la em peneira, espremê-la no tipití, tirar da massa espremida os pedaços lenhosos e levá-la ao forno. Com todo este atraso nos métodos de trabalho, com toda esta desambição no aproveitamento da mandioca, o roceiro mesmo em zonas de capoeiras baixas, de terras devastadas e de rendimento mingado, consegue uma vida de relativo desafogo, mas sempre de baixo padrão muito condizente com a sua ignorância. Sem precisar de casa confortável, nem de comidas de melhores tempêros, os seus excedentes emprega na aquisição de animais de trabalho, cavalos e bois-cavalos, preferindo as éguas, que além dos serviços, dão cria todos os anos. E se mora à beira do campo, tem sempre a sua canôa e a vaca leiteira.

São fracas em geral as nossas terras. Não têm a assombrosa fertilidade que gabam nas suas os nordestinos. Cada vez mais enfraquecidas e exauridas por longas e contínuas lavras sem recuperação dos elementos retirados e sem repouso suficiente, talvez de futuro próximo necessitem de adubação e tratos agronômicos, sem os quais se irão aos poucos desertando, abandonadas por imprestáveis para a lavoura. Então assim as terras das primeiras léguas distantes da cidade. o milho que produzem é pequeno com alta percentagem de espigas curtas e falhas; da mandioca as raízes são pequenas, leves, delgadas; a cana de açúcar muito mal dá a primeira soca, quando dá; as frutas sempre pequenas e de qualidade inferior. O abacateiro não vinga nessas terras, nem na cidade, morre dentro do primeiro ano de vida, irremediavelmente; só muito para o centro consegue sobreviver e frutificar. A banana, de cabeça dura e sabor inferior; as variedades nobres, por exigirem maiores cuidados de cultivo e melhores terras, pouco se plantam. A laranjeira dá laranjas azêdas e de casca grossa e, nas grandes estiagens não resiste à sequeidão da terra. Só a mangueira e a goiabeira vencem todos os precalços do clima e da terra e produzem exuberantemente, suprindo o povo de suas vitaminas. O abacaxi, a batata doce, o cará, a macacheira, nada disso o caboclo planta em quantidade suficiente ao abastecimento da cidade, mas por incúria que por pobreza da terra e, de hortaliças só come o maxixe, a vinagreira e o quiabo, porque são sub-espontâneos. No verão aparece o tomate em grande cópia, cultivado por pessoas de recursos, em seus quintais; o pobre não cogita dessa cultura que lhe traria boas achegas à bolsa. No “centro” as lavouras produzem mais e melhor, porque se espaçam os anos de descanso

concedido à terra, que assim refaz o humus destruído, mas mesmo aí a exuberância primitiva, própria da mata virgem, decai progressivamente, denotando a carência de elementos que caracterizam a opulência da terra rica, elementos que, em assombrosa quantidade anualmente as chuvas excessivas roubam à terra sem restituição.

Contribui muito para a má qualidade do nosso milho a falta de seleção das sementes. À mentalidade primitiva do roceiro ainda não chegou a noção de que da boa qualidade da semente depende a melhoria da produção. Mas da farinha dágua, de alguns anos para cá, ele tem procurado melhorar a fabricação e o produto obtem hoje melhor classificação que dantes no mercado de São Luís e que o de outras zonas produtoras, sem contudo alcançar o primeiro lugar nas cotações. Isto quando há exportação, porque de ordinário, após um inverno grande, a mandioca sobrevivente não basta para o consumo interno e o de outras povoações limitrofes que de hábito, aqui se abastecem de farinha.

Só o roceiro inculto entrega-se à agricultura, desajudado sempre de auxílio de qualquer natureza, público ou privado. Quem tem seus recursos guarda-se com razão de aplicá-los nos trabalhos agrícolas, porque o lucro é nenhum e o prejuízo fatal. Sempre que tenta fazer, por exemplo, uma roça de arroz mediante trabalho assalariado, o produto da venda do grão sêco não recupera o capital empatado nas despesas, porque o método primitivo da lavoura praticada por mão de obra ronceira preguiçosa e indisciplinada, encarece sobremodo a produção, sem deixar margem de lucro. Eis porque a nossa lavoura toda ela é feita pelo roceiro como proprietário da roça. Ele não escritura o preço do seu trabalho e, como não sabe valorizá-lo, tudo o que apura da colheta considerada lucro líquido. E este trabalho desvalorizado e não compensado mantém a nossa economia agrária, que sem ele não subsistiria. Nos tempos da escravidão, havia na zona da mata as “fazendas de lavoura” que só à custa do trabalho servil se mantinham. Com a liberação dos escravos, prontamente se extinguiram estes fortes núcleos de produção de sua roça, do que se recebesse a jornal a paga de seu longo trabalho de muitos meses. Mas esta descompensação não lhe pertuba a vida, porque goza de certa independência relativamente a meios de subsistência. Caça, pesca, quebra seu côco, prepara sua farinha, come do seu arroz, dos seus legumes, cria seu porco, suas galinhas e patos e assim vai sobrevivendo na convicção da proficuidade do seu trabalho de roça, que não pensa em abandonar, por lhe ser muito difícil encontrar, no meio em que vive, outro ramo de atividade produtiva economicamente compensadora.

O beneficiamento do arroz para consumo local e pequeno exportação, uma moderna serraria que aparelha a madeira abatida nas matas, são as únicas indústrias que empregam força motriz de pequenas máquinas, quase tôdas do tipo “diesel”.

O açúcar bruto, alhures chamado “demerara” e a aguardente (cachaça ou restilo), ainda se fabricam em engenhos de tração animal, com moedas ligadas a almanjarras movidas a juntas de bois. O caldo é concentrado a fogo nu, em tachas de ferro semiesféricas e depois despejado em grandes taboleiros de madeira, as “resfriadeiras”, a cristalizar. Depois do que, o açúcar é pôsto em cofos que se dependuram sobre o tanque, para deixarem escorrer o “mel”, isto é, a parte que não cristalizou. O açúcar sai mais ou menos quimado, conforme a perícia do “açucareiro” ao dar o ponto e mais ou menos limpo, conforme o maior ou menor cuidado em retirar-lhe a bôrra ou “zurrapa”, que sobe na espuma, com a fervura. A cachaça é destilada do “mel de tanque” fermentado nas dornas, em alambiques de cobre muito primitivos. Por falta de mercado para o açúcar e de braços para os trabalhos, é decadente aqui a indústria açucareira, que talvez ainda possa sobreviver transformando em destilaria de aguardente, para cujo consumo não há produção que chegue.

A não ser isto, nada mais há entre nós que mereça o nome de indústria, além da fabricação manual de tijolos e telhas no verão. Situadas quase todas nos arrabaldes, à beira do campo, onde há depósitos de argila plástica, as olarias constam de uma ou mais latadas cobertas de pindoba brava, onde o barro amassado nos “barreiros”, é amoldado em telhas e tijolos que secam no chão e se cozem em fôrnos do modelo mais antiquado e de construção precária. Há também a fabricação caseira, mas intensa de potes, alguidares, canjirões, bilhas, panelas e pratos, vasos de quarto e de flores, cabeça de cachimbo etc., todos dos tipos mais grosseiros, modelados à mão, sem um só traço que revele senso artístico no fabricante. Todas estas “louças de barro” são trabalho de mulheres peritas, mas destituídas do sentido do Belo. E o excedente do consumo é ativamente exportado por via fluiar para outros povos do Pindaré e Mearim, onde têm preferência pela qualidade do barro e até para São Luís. Seria injusto omitir-se uma referência à indústria ameríndia canastras, dos balaios, das urupemas, cêstos e tipitis de fibras de guarimã, em cuja intensa fabricação se esmeram os caboclos moradores da povoação Taquaritiua. Exporta-se também muita corda de imbirá de todos os tipos e tamanhos, produtos de rudimentar e ativa indústria manual e também as esteiras de junco de descuidado acabamento. Estes e outros artesanatos dão meios de subsistência a muita gente.

## CAPITULO XI

### OS TRASPORTES

A navegação fluvial é o nosso único meio de comunicação com a Capital. Desde o princípio, os rios e lagos têm sido os únicos veículos da civilização em sua marcha de penetração para estas bandas e por muito tempo ainda desempenharão esse papel de importância essencial. Em virtude das disposições topográficas ou potamográficas, que facilitam o transito desde o lago até a baía de São Marcos, através do Maracú, do Pindaré e do Mearim e ao mesmo tempo opõem dificuldades insuperáveis às comunicações terrestres, o vianense não pode optar por outro meio de transporte, que não o fluvial.

E ainda bem que assim é, porque apesar dos pesares, além de mais barato, é permanente em qualquer estação e menos inseguro. Uma estrada de rodagem que nos puzesse em ligação por terra com São Luís, tornaria, pela longa distância a percorrer, excessivamente caro e anti-econômico o frete rodoviário. E é sabido que os economistas condenam os transportes rodoviários em longos percursos, por motivo fácil de perceber-se. Felizmente nosso trânsito terrestre mecanizado limita-se ao território do município, no escoamento para a cidade, da produção agrícola e extrativa.

Tempo virá, talvez, em que Viana seja ligada por estradas asfaltadas ou macadamizadas a Belém do Pará e às outras cidades da Guiana maranhense, mas, enquanto lá não chegamos, fiquemos no presente, que deste é o retrato que nos propusemos traçar. Paralelo ao aumento da produção do arroz e do babaçú, cresce progressivamente o trânsito de lanchas motorizadas no Maracú e no lago, favorecendo o intercâmbio comercial e social com a Capital. Mas, na zona dos campos e dos lagos, a canôa é o veículo insubstituível, principalmente no inverno, quando a profundidade das águas não consente na passagem a pé ou a cavalo. A canôa pròpriamente dita, é uma pequena embarcação de uma só peça inteiriça, cavada no puro cerne duma grande árvore e só empregada na pesca. Desde que seja um pouco maior e suporte uma carga de 300 quilos para cima, muda de nome, chama-se “Casco” e se emprega nos transportes. Há-os capazes até de carregarem 1.500 quilos ou mais e há-os ainda maiores, com leme, tabuas acrescidas no costado e cavernas, que lhes aumentam a capacidade e a resistência e lhes dão o aspecto de batelões, os quais são utilizados nos serviços de estiva no pôrto e também na condução de cargas nas zonas do Maracassumé e do Aquirí, nos tempos das cheias. São impulsionados a varas. Dois homens de pé, um de cada lado na prôa, firmam

ao mesmo tempo, cada um o pé de sua vara no fundo d'água e aplicam o peito à outra ponta, empurrando com fôrça. A este impulso, o casco avança e os dois vareiros continuam a empurrar, caminhando lentamente para a frente, sobre as estreitas tabuas das bordas. Ao chegarem quase à pôpa, retrocedem arrastando as varas, para iniciarem nova propulsão. E assim andam durante léguas durante a viagem toda. Sentado no banco da pôpa, o “patrão da viagem” manobra o leme. Nos cascos menores, sem leme e nas canôas, o vareiro não anda; em pé no banco da pôpa, impele e governa com a vara, firmando-a na vara, forcejando com as duas mãos, distendendo e encolhendo o corpo, num esforço violento contínuo por horas a fio.

O remo só é utilizado em águas profundas e a vela, tanto nas canoinhas como nos cascos de todos os tamanhos, é comumente empregada, apesar da inconstância dos ventos. É uma vela mais ou menos trapezóide, fixada por um dos lados maiores, a um mastro que atravessa o banco da prôa e se firma numa carlinga pregada no fundo. Abre-se por uma vara leve, em posição diagonal e a escôta é amarrada ao banco da pôpa ou enfiada entre os dedos do pé do viajero. Últimamente esta vela trapezóida vai cedendo o lugar à vela latina, triangular, com piques e cadernal, que não carece de vara diagonal para expandir-se.

O hábito temerário de sobrecarregarem os cascos, leve à morte várias pessoas, quase todos os anos, nas cheias, quando, ao atravessarem um lago ou um descampado, salteia-os de improviso vio lenta tempestade. E a imprudência chega por vezes ao ponto de soçobrarem apenas com a força dos ventos gerais de “abaixamento”. Os pescadores, esses é que não morrem afogados, não obstante o reduzido tamanho de suas canôas.

Tanto quanto o cavalo no verão, a canôa no inverno é o elemento vital do morador dos campos, sem a qual fica totalmente insulado e sem meios de se entregar a qualquer atividade. Mesmo quando mora em terra firme, à beira d'água ou perto, nela encontra a via mais fácil de transportar as suas utilidades, que os caminhos de terra, mesmo quando não esbarram n'água, são mais difíceis de percorrer, pelos inúmeros atoleiros. Mas no centro, longe d'água, o morador é no inverno menos afortunado, porque seu veículo perpétuo é o cavalo, quando não o boi-cavalo (boi amansado para suportar cangalha e dominado pela focinheira de corda de imbirá enfiada através do septo nasal adrede perfurado). Neles tem de transportar tudo, por mais lamacento e esburacado que esteja o caminho. Com a cessão das chuvas, o terreno começa a enxugar e aí vem operar a máquina niveladora; entope os buracos, desfaz os barrancos, aplaina o resto. Entram então os caminhões a trafegar até janeiro, quando a violência das

enxurradas começam a sua faina devastadora de todos os anos, transformando as estradas em barrancos profundos e lamaçais pegajosos, que o caboclo procura evitar abrindo atalhos pelo mato, os quais dentro em pouco se tornam atoleiros. E por estas vias ingratas o homem no inverno é obrigado a passar no seu cavalo ou boi atolado até os peitos, vias que de ano para ano mais cavadas vão ficando e lamacentas pelo passar dos carros e das máquinas raspadeiras, os quais desagregam a terra, facilitando em dôbro o posterior trabalho corrosivo da erosão.

O carro de bois, de duas altas e pesadas rodas de madeira de lei, ligadas por um grosso eixo do mesmo material, que lhes acompanha o rodar girando entre os cocões de pau-d'arco, ainda chia lento e saudoso pelos caminhos. Puxado por duas ou três juntas de bois, prestou outrora bons serviços como o principal veículo terrestre, mas hoje, proibido de entrar na cidade, restringe o seu campo de ação aos trabalhos dos engenhos de cana, ao transporte de lenha para as olarias, de pindoba para as casas e outros carretos de menor importância, se bem que no centro ainda leva muita coisa aos sítios de acesso dos caminhões. Também as antigas carroças de grandes rodas e raios de madeira desapareceram do meio urbano, cedendo o lugar a pequenos veículos de duas rodas com pneumáticos de borracha e de tração animal.

Os transportes rodoviários não substituíram completamente a condução de cargas em costas de animais, no interior do município. Grupos de burros, cavalos e bois transitam carregados, de uns lugares para outros, convergindo para os pontos de embarque e alcançando até a cidade de pontos aonde não chegam no verão os caminhões.

E já que falamos do carro de bois, justo é que citemos também o serviço de viação aérea feito por aparelhos de quatro lugares, vulgarmente chamados taxi-aéreos, que várias vezes na semana, levam e trazem passageiros e pequenas encomendas, principalmente de São Luís. Aproveitavam a princípio a planície marginal do lago, mas como no inverno as águas da enchente a cobrem, interrompendo por vários meses o serviço, há cerca de três anos um prefeito operoso, depois de árduo e demorado trabalho, entulhando grotões e rebaixando saliências, conseguiu complanar uma pista de seiscentos metros, que satisfatoriamente vai servindo, com a vantagem de ficar às portas da cidade. A natureza do nosso terreno acidentado em todos os quadrantes exigiu esse grande esforço, mas o local alto enxuto e perto da cidade, foi bem escolhido.

## CAPITULO XII

### O HOMEM

Mestiço de três raças, na mais inextricável e multiforme miscigeração que se possa conceber, o vianense apresenta contudo, os tipos normais das raças formadoras. A cada passo se depara, até mesmo na íntima classe popular, o tipo do português branco, moreno, de olhos e cabelos pretos, de nariz regular, assim como o branco alourado de olhos azuis, nariz fino, tez rosada e cabelos castanhos claros, tez e cabelos queimados pelo sol, mas reveladores de ascendência nórdica ou saxônica.

Progenie do índio guajajara domesticado pelo jesuíta, o nosso caboclo patenteia nítidos os caracteres típicos de sua raça na cor terrosa, nos cabelos pretos e duros no nariz chato, nas pernas curtas, na estatura baixa, não chegando a sua contribuição a um quinto do total da população.

Já o negro retinto, de cabelos cerradamente encarapinhado e curto, entra com uma quota de pouco menos de um quarto do total e apresenta os tipos mais diversos e heterogêneos, revelando procedência de diferentes zonas africanas. Ora baixo, grosso, nariz chato, prognata, lábios grossos, arcadas superciliares salientes, feições simiescas e acentuada esteatopigia; ora esbelto, nariz afilado, beiços finos, feições regulares, com exemplares de relativa beleza, principalmente entre as mulheres; ora o produto do cruzamento destes dois tipos, numa graduação quase infinita de formas intermediárias.

No meio da compacta massa de mulatos de todas as tonalidades epidérmicas e modalidade capilares, de cafusos e curibocas, de fulos e laranjos, esses tipos puros de raças diferentes não deixam de acusar a sua presença e não o deixarão jamais, enquanto houver possibilidade de se reencontrarem dois genes responsáveis pela mesma cor, possibilidade que, na constância dos fatores mendelianos, será um obstáculo irremovível à formação de uma raça brasileira uniforme. Este ideal de fixação duma raça nacional só será realidade quando uma subitânea mutação vier uniformizar o nosso plasma germinativo no tocante a caracteres raciais, ou então depois de lenta e longa evolução, com fixação progressiva de caracteres adquiridos, em que pese aos antilamarckistas. A não ser assim, a balburdia de cores continuará a apresentar-se através das idades, no mesmo povo heterogêneo atual. Porque de tudo aqui se vê. Dois negros retintos mas impuros, dão um mulato escuro, ou cafuz de cabelo liso. De dois brancos nasce um cafuz de cabelo fino, sedoso, de dois mulatos sai um branco ou brancarano, ou ainda outro mulato mais escuro e mesmo cafuz. Em três irmãos, filhos dos mesmos genitores

brancos, um sáí aos pais, outro é trigueiro escuro e outro alvo, aloirado, de olhos azuis e cabêlos claros. O caboclo guajajara também surge donde menos se espera. Todas estas suprêsas somáticas revelam a profunda miscinação de nossa gente, a qual só o futuro dirá se eugênica, se diegênica.

Mas o fato mais constante e evidente nesta mistura de côres, é o “branqueamento”, isto é, a tendência para o branco, manifesta em todaos os cruzamentos, sempre que há sangue branco, por pouco que seja. Raro é ver-se (mas se vê) um filho de dois mulatos sair mais escuro que os pais, É um produto excepcional, tendo em conta essa tendência clarificadora que levará, pare-nos, o branco a absorver ou diluir a outras côres. O que disto dirão os weismanianos não sabemos, nem tãopouco se estamos em contradição com a nossa anterior afirmativa de sobrevivência dos tipos puros das três raças. Mas o fato é inegável e até mesmo entre brancos é manifesta a tendência para um branqueamento<sup>13</sup> ca vez mais acentuado, de geração em geração, só de raro em não perturbado pela interferência de algum gene indesejável, que vem borrar a pintura. Enquanto os mulatos embranquecem, os brancos se tornam cada vez mais claros e com isto cáí por terra a hipótese de que o clima tórrido contribui para maior pigmentação da pele humana.

---

Em altura parece que o vianense entrou em fase de aumento, a julgar pelo que revelam as duas últimas gerações, cujos indivíduos, via de regra, são mais altos que os pais. Contudo, ainda há uma profusão de homenzinhos novos de metro e meio de altura e de mulheres ainda menores. Uma mulher de um metro e setenta centímetros considera-se de altura pouco comum a sobressai no meio da miuçalha. E o homem de um metro e oitenta só agora começa a aparecer, nas classes superiores em maior número que nas inferiores, devido isto talvez à diferença de regime alimentar e parecendo assim não terem valor absoluto os fatores hereditários, que ficam na dependência de maior ou menor abundância de alimentos completos e variados. E ao aventarmos esta hipótese de diferenças alimentares influindo no crescimento, entramos em terreno movediço e perigoso pela sua complexidade e que só pela autoridade dos especialistas se pode trilhar sem risco de aberrar por atalhos e desvios traiçoeiros.

O leite, o alimento por excelência da primeira infância e que decide da estatura e compleição futura do indivíduo, só nas classes remediadas é usado em quantidade su-

---

<sup>13</sup> Talvez por deficiência metabólica tendendo para o albinismo. Há crianças que nascem, como albinas, de cabêlos completamente brancos, os quais com o tempo passam a louros e acabam castanhos.

ficiente naquela idade, já o leite de vaca fresco, já o leite enlatado, sendo que o de cabra também se emprega entre os menos favorecidos de recursos. Só o pobre verdadeiramente pobre contenta-se com o leite materno, nem sempre suficiente e muitas vezes carente de princípio que a mãe subalimentada e desnutrida não pode oferecer e com papas e mingáus de farinha de mandioca; donde nessa classe a freqüência das diversas moléstias próprias de carências alimentares, que encaminham para o céu uma leva contínua de crianças no primeiro ano de vida. Só os fortes sobrevivem; a seleção natural exerce-se aí em toda sua plenitude, sem os entraves que lhe opõe a medicina em terras civilizadas. Não fôra o paludismo com suas funestas repercussões indeléveis sobre o fígado e o sangue, e também as verminoses e seríamos uma raça das mais fortes, rude mas proficuamente selecionada.

O habitante da zona dos campos, em que o branco predomina em proporção superior a dois têrços do total, em geral é forte, robusto e sanguíneo, sem dúvida por causa do leite que usa, tanto na infância, como pela vida em fora e por viver em terreno que, pela sua proximidade do mar, deve conter, provàvelmente, maior teôr de elementos minerais indispensáveis ao equilíbrio nutritivo.

O negro em regra é robusto, tem maior capacidade digestiva e de esforço muscular. Por ser praticamente das infestações do necto, por sua maior adaptabilidade ao clima, por ter suor mais copioso e generalizado livrando-se assim mais fàcilmente do calor interno, parece que é mais alto o seu metabolismo e daí a sua maior resistência. Mas nem todos são trabalhadores; há-os madraços e indolentes que, por preguiça não se podem alimentar suficientemente e esta subalimentação por sua vez os torna indolentes. E assim passam a vida dentro deste círculo vicioso, do qual se não esforçam por escapar.

O habitante da cidade e arredores, por mais pobre que seja e até mendigo, tem capacidade aquisitiva para, pelo menos uma vez ao dia, comer carne ou peixe<sup>14</sup>, este sempre titicado, com o qual absorve um suplemento de cálcio e fósforo das espinhas. “Titicar” o peixe é dar-lhe, depois de retiradas as escamas, profundos golpes transversais, afastados dois milímetros uns dos outros, desde a ponta da cauda, até a base da cabeça. Todas as espinhas, menos as da barriga, da cabeça e da coluna vertebral, são assim divididas em pedaços minúsculos, que desaparecem com fervura. E assim vai o vianense vivendo a sua vida com relativo equilíbrio de proteínas alimentares, apesar de não usar quase de leite e seus derivados e o pão de trigo só em quantidades mínimas. O

---

<sup>14</sup>Contrariando as naturais tendências vegetarianas dos povos de clima quentes, a nossa gente prefere os alimentos animais, o peixe e as carnes, que considera indispensáveis à vida.

resto de sua ração consiste na banana diária e outras frutas eventualmente, em legumes cozidos - quiabo, maxixe, vinagreira, jurumum - um pouco de arroz e na farinha d'água, que lhe dá forças para o trabalho, e às vezes ainda sobra para formar um pouco de gordura. Pobre de proteínas e vitaminas, ela fornece-lhe abundante substância amilácea, em quantidades bastante para as suas baixas necessidades energéticas, que são menores neste clima equatorial, em que a temperatura alta e a extrema umidade que satura o ar, levam o organismo a baixar o seu metabolismo como medida de defesa e adaptação funcional, para evitar a própria destruição por superaquecimento, diante das dificuldades que o meio ambiente opõe à perda do seu calor de formação (*Josué de Castro*).

Num prato fundo cheio de caldo quente de carne ou de peixe, despeja-se farinha d'água até secar o líquido. Depois de inchada a massa, está pronto o pirão, famoso pelo volume e pelo espaço que toma do estômago, ao qual chega de mistura com a carne ou o peixe. Se este é assado ou frito, faz-se acompanhar da farinha em natureza, ou molhada em água, a "tiquara". Com qualquer alimento, nunca se dispensa a farinha, seja leite, fruta ou café, mel ou garapa, jussara ou bacaba. Pau para toda obra, a farinha d'água misturada ao côco babaçú em depacinhos e água, dá origem a uma massa que assada a calor brando, constitui o "beijú", cuja relação nutritiva se estreita com as proteínas do côco. Os homens em trabalho tomam o "chibé", uma mistura de água, açúcar, farinha d'água e limão, que corrige a deficiência da mandioca em vitamina C. De acordo com o que ensinam os nutricionistas, à falta de leite na primeira infância e na fase de crescimento, se deve atribuir o lento desenvolvimento e a baixa estatura de nossa gente, muito embora não lhe faltem o peixe e um pouco de carne de boi ou de porco<sup>15</sup>, caça, aves e ovos (Não é admirar que o povo os coma, porque tudo pode faltar na casa do pobre, menos algumas galinhas e patos. Por isso sempre se encontram aves e ovos para comprar e ainda sobram para exportação).

Com estes suprimentos constantes de alimentos plásticos de origem animal, parece que não é a carência de ácidos aminados que impede o crescimento do nosso homem, em sua maioria, além de um metro e sessenta centímetros, senão a inferência de algum fator, sem dúvida dos médicos conhecido que retarda ou atenua a função especial da hipófise, fator que parece estar a afrouxar a sua atividade permitindo ao homem atingir maior altura. Muita carne sempre comeu o vianense, desde os tempos coloniais, em que agente era pouca e o gado sobejava. O porco quase não tinha valor e o peixe diariamente o excedente se lançava aos urubús. Esta fartura gerou a indolência, a falta de

esforço e de iniciativa, que ainda hoje são o nosso apanágio. No tempo da escravidão nos engenhos e fazendas de lavoura do centro, constantemente se abatiam rêses que o senhor mandava vir de suas fazendas de criação nos campos e com isso se mantinha sempre em dia o suprimento de carne dos escravos e demais moradores.

Aos olhos do leigo não se mostram aqui grandes manifestações da avitaminose A, e a não ser o pouco crescimento. Não há notícia de cegueira noturna e outras manifestações oculares que levam à cegueira incurável. Entre nós é mínima a propoção de cegos; até o tracoma, cuja existência os médicos têm verificado, aqui é doença benigna, que não tira a luz dos olhos. O regime alimentar do nosso povo, em suas classes mais pobres, sem leite sem manteiga, sem fôlhas verdes além do endro e da ceboli-nha usadas com as pimentas na condimentação do peixe e com poucos legumes, é compensado, no tocante a vitamina A, pelas gorduras animais do boi, do porco e do peixe, que são alimentos certos e freqüentes.

Das vitaminas do complexo B, aqui se não manifestam os grandes distúrbios de saúde que sua falta acarreta. Não há, em absoluto, o beribéri. Ao contrario, no tempo em que essa avitaminose assolava a Capital do Estado, doente que aqui chegasse, mesmo em estado grave, dentro de poucos dias estava restabelecido. E os distúrbios menores, as formas frustas da deficiência dos vários elementos do complexo, principalmente do B1, só os médicos reconhecem e sobre sua existência podem opinar. Nas frutas encontra o vianense uma ração de vitaminas C que o acoberta da respectiva avitaminose e delas a manga e a goiaba são as principais, não só pelo seu valor nutritivo, como pela abundância nos meses das respectivas safras. De outubro a fevereiro, a manga superabunda e o povo dela se empanturra a mais não poder. E faz bem, porque é uma fruta de altas qualidades alimentícias, tanto assim que, as vacas que a comem, dão mais leite sinal de que contém proteínas, cálcio e fósforo, três substâncias básicas da produção lactea. No inverno a goiaba, também abundante, fornece a vitamina C e sem dúvida outros princípios alimentícios. Além da banana de uso quotidiano, as laranjas limas e tangerinas, que, pela maior parte vêm de outros municípios, o côco manso, o mamão, algumas jacas, melancias, cajús e genipapos são as únicas frutas que merecem menção, pela quantidade. Não admira, portanto, que o escorbuto atribuído à ausência da vitamina C, seja raro entre nós, embora em outras terras já se tenham verificado surtos epidêmicos dessa doença onde não há falta daquela vitamina e vice versa, prolongadas carências daquele elemento não fazem aparecer o escorbuto.

---

<sup>15</sup> É muito grande o nosso consumo de carne de porco, apesar de considerada causadora de "impureza do sangue" e até da lepra.

Pela quantidade em que aqui é consumido no verão, o caldo de cana - a garapa - não pode deixar de aparecer nestas citações como alimento valoroso, já por ser açúcar, já por outros princípios minerais e orgânicos, que lhe conferem alto valor nutritivo.

À proporção que o homem se afasta do campo e penetra na zona do mato, o seu regime alimentar também se vai modificando<sup>16</sup>. Até uma légua distante ou pouco além, ainda o peixe fresco no verão pode chegar diàriamente, dos lagos do Aquirí e Maracas-sumé. Daí em diante, nos povoados, só o peixe ou carne salgadados sêcos entram na ração diária, que os frescos não são de todo dia, como na cidade. E não é raro faltarem peixe e carne e o habitante passar dias sem proteínas animais nos alimentos, se não “recorrer ao terreiro”, isto é, às aves domésticas e ao porco, que largamente são criados para esse fim. Nas povoações maiores e de certo movimento comercial, quase todas as semanas se abatem rêses e porcos e até o pão de trigo, já há padeiros que o preparam e vendem. Aí sempre é possível encontrar-se o com que matar a fome, mas o morador solitário, esse enquanto espera a carne ou o peixe, que tarda ou não chega, tem de passar o dia com o chibé, a jussara abundante e vitaminosa, o beijú, o poderoso mingáu de massa dágua, o angú, a tiquara, o arroz, a fruta, a macacheira, o jurumum<sup>17</sup>. Afora estas modificações, são quase idênticas às da cidade, as condições dietéticas na zona da mata, em particular no tocante ao suprimento de vitamina B e C, que uns conseguem em quantidades suficientes e a outros faltam, do mesmo modo que os alimentos minerais. Daí poque, num grupo de anêmicos, opilados, indolentes e apáticos, vivendo na mesma terra, comendo dos mesmos alimentos, bebendo da mesma água, há indivíduos robustos, corados, ativos e diligentes, que na lavoura conseguem abastar-se e chegam ao fim da vida como verdadeiros patriarcas, ou comerciantes ricos, se nascem dotados das qualidades inatas que levam o homem ao sucesso e à fortuna. A preguiça do caboclo, isto é, do nosso homem rústico sem distinção de côr ou de raça, ou é patológica - verminoses, carências de minerais, malária, redução metabólica - ou é de ordem psíquica e educacional. Bronco, sem cultivo da inteligência, sem instrução que lhe desperte o inte rêsse e a

---

<sup>16</sup>Em outros climas, em outras civilizações, o homem da floresta é mais sadio e robusto que o da cidade. Entre nós, o morador do mato é mais doentio e fraco que os dos campos e o cidadão.

<sup>17</sup>Quanto mais para o centro, mais fácil vão ficando os suprimentos de carnes frescas das caças do mato (veado, paca, tatú, cutia, camaleão, nhambú etc.). E nas extremas do município, ou talvez já fora dos seus limites, os braços de rios tributários de afluentes do Turí fornecem muito peixe.

ambição de uma vida melhor, reduz o mundo às coisas que o cercam, as quais julga estaveis e definitivas, sem tomar conhecimento do que possa existir fora do seu meio, no qual encontra a felicidade e a plena satisfação das suas restritas aspirações.

Tanto na cidade como nos matos, não obstante haver pessoas robustas e coradas e até gordas em alta propoção, grande parte do povo parece ter falta de sangue, principalmente mulheres. Vai por mais de trinta anos, encarregado pela Fundação Rockefeller, o Dr. Atico Seabra fêz a contagem da taxa de hemoglobina de quase toda a população, encontrando uma média geral muito baixa, como era de esperar em vista da alta proporção de infestações verminóticas, principalmente do necator. E até agora a situação não mudou para melhor. À par das verminoses, a pobreza de ferro e cálcio no solo e na água, a falta provavel de elementos minerais vestigiais (os micronutrientes) de capital valor na manutenção da saúde e mesmo da vida, a tudo isso parecem ligadas as causas da fraca vitalidade dessa gente, mais ainda que ao seu baixo metabolismo próprio do clima quente e úmido. Contudo, apesar dessa fraca vitalidade de origem carencial ou verminó-tica, ou metabólica, o nosso homem, provado em pequeno pelo rigor da seleção natural, por cujo crivo apertado consegue passar, é capaz, quando o oprime a necessidade, de longas e penosos esforços físico, que suporta sem afrouxar, mostrando grande resistên-cia. Até em folguedos bárbaros e brutais, como a dança de tampor e o bumba-meu-boi, êle patenteia com exuberância a sua notável energia física, pulando, correndo, dançando e bebendo cachaça dias e noites a fio.

Manifesta-se eficaz essa resistência orgânica contra as invasões de micróbios patogênicos em geral. Em grandes e largos ferimentos, em fundos golpes e outras soluções de continuidade da pele, muito freqüentes entre a gente do mato e do campo, a cicatrização se processa normalmente, vencendo não só a ausência dos mais comezinhos cuidados de asseio e antiseptia, como a medicação intempestiva e favoravel à proliferação de germes, sem um caso de tétano ou de gangrena, menos nos casos das “feridas bravas” que em carater epidêmico, rebentam espontâneas e lavrantes, nos pés ou nas pernas dos que andam descalços e são de cicatrização demorada. este poder de resistência e adaptação leva o organismo a adotar medidas de poupança, principalmente de minerais, permitindo ao vianense viver em terreno deles pobre, com seu metabolismo equilibrado. Não é tão grande essa pebreza de alimentos minerais, que impeça os vertebrados de acharem fósforo e sobretudo o cálcio com que constroem o esqueleto e satisfazem as suas outras necessidades, nem às mães dos mamíferos de fornecer leite aos filhos, assim como não favorece o aparecimento do raquitismo, muito raro entre nós.

No concernente às doenças pròpriamente ditas, às que se não originam de perturbações climáticas ou metabólicas, nem de desequilíbrios alimentares inerentes às nossas ingratas condições de clima e solo, a mais devastadora é indubitavelmente o paludismo, por sua tendência à cronocidade sempre danosa ao fígado, ao baço, ao sangue e pela extensão dos seus surtos epidêmicos, que coincidem com a cessação do inverno. De junho a setembro, durante o reflexo das águas dos lagos, os anofeles transmissores gerados aos milhões incontáveis nas águas paradas dos poções, das enseadas, dos bamburrais, das lagôas, atenazam o homem e os animais, inoculando-lhe os hemospórídios causadores das maleitas. Oficialmente chamado hoje “Malária”, o paludismo tem ultimamente diminuído os seus estragos na cidade e arredores, graças ao combate sistemático aos mosquitos e à distribuição larga dos novos anti-maláricos sintéticos, distribuição e combate executados pelo Serviço Nacional de Malária.

No tocante porém, à tuberculose e à lepra, até nós ainda não chegaram os cuidados oficiais. A primeira faz sossegada parece ter entrado em declínio, mesmo sem tratamento nem segregação dos doentes. Vivem eles apartados, em casinhas ordinariamente de palha, nos fundos dos quintais, ou em terrenos vazios não longe das casas dos parentes ou da pessoa encarregada de assistí-los e não são vistos andando pelas ruas e caminhos. Também aqui se não vêem os grupos de cegos e doentes sentados nas calçadas, a mendigarem cantando ao som de violas e harmônicas, como em geral nas cidades do Nordeste. Algum que aparece, de lá vem e logo passa adiante.

À sífilis e às outras doenças venéreas, temos por desnecessária qualquer referência especial, porque o quadro nosológico é aqui o mesmo quadro desolador de quase todo o interior do Brasil, nas classes populares. Cada vez mais raro se torna entre nós o famoso “Fogo selvagem”, que assola epidêmico outras regiões do país, a ponto de haver em Mato-Grosso um pequeno hospital destinado principalmente ao tratamento dessa doença. Mas o alastrim, sem encontrar nenhum obstáculo à sua ação avassalante e com ajuda eficiente das precárias condições higiênicas em que vivem os pobres do interior do município, desprotegidos de todos os recursos e desamparados de toda assistência, assola-os periódica e verulentamente. Opinam os médicos que por aqui ainda não chegou (e praza a Deus não chegue nunca) a terrível schistosomose. Se chegar, aí das centenas de pessoas que todo santo dia entram na lama dos lagos, dos rios, das baixas, dos poções, dos igarapés e aí serão prêsas fáceis das cercárias de nefando verme causador dessa grave e mortal doença. Também por falta do bezouro transmissores, ou mesmo do tripanosoma, somos livres da temível doença de Chagas, que infesta

o Sul do país, nas classes inferiores. Dizem os médicos que aqui não há raquitismo e que isso se deve ao sol do Brasil. “Ele dá energia aos seus habitantes, energia capaz de vencer males a que nenhum outro povo, sem o sol do Brasil, resistiria. O brasileiro, graças ao seu sol, resiste ao impaludismo, resiste às verminoses, resiste à sífilis. Há brasileiros que vivem com o “seu” impaludismo, como vivem outros patrícios com o “seu” vermes. E vivem! Entre nós não há raquitismo, mesmo entre as famílias que vegetam na pior miséria, só se alimentando de farinha de mandioca, de rapadura, de peixe, porque elas se alimentam de sol”. (*Renato Kehl*).

Inconsciente do mal que a si mesmo se faz, o homem do povo lança espalhados à flor da terra os seus escrementos e com esta sementeira macabra, semeia a doença e quiçá a morte própria ou alheia. A fossa fixa para a colheita de matérias fecais, ele não se dá ao cuidado de cavar, já por lhe ignorar a indispensabilidade como método seguro e profícuo de profilaxia das verminoses, já pelo maior trabalho que lhe dá a defecação em vasos, que depois têm de ser despejados, quando muito mais expedito é reduzir tudo a uma só operação, diretamente no matão. Mesmo na cidade, só no perímetro compactamente urbano, onde o aglomerado das casas não permite terrenos vazios nem grandes quintais, a necessidade impõe a construção das fossas e por isso mesmo, dentro da cidade são raros os casos de necatoros patente. À proporção porém, que as casas vão saindo para os subúrbios e os quintais incultos e chãos devolutos vão crescendo, já ninguém se dá ao trabalho de abrir um buraco para tal fim. Daí a espantosa cifra de infestação verminótica, que as autoridades no assunto louvando-se em palpites e suposições calculam em mais de noventa por cento.

Com poucos meses de nascido, já o vianense hospeda no intestino uma copiosa fauna de ascaris e oxyurus. Depois de mais crescido, andando a brincar no solo úmido e poluído, recebe a sua primeira carga de necator, que lhe vem retardar o crescimento e perturbar o desenvolvimento intelectual. Entra então a comer terra, com o que instintivamente procura compensar-se da carência de ferro. Dantes, os mais estranhos processos, os mais injustos e contraproducentes castigos os pais empregavam na repressão do “vício”. Havia-se até que ensinavam a criança a fumar, para esquecer o desejo geofágico. Mas hoje já vão às farmácias em busca de remédios contra o vício, diante dos bons resultados do emprego dos anti-helmintícos, Muito variável é a resistência individual à necatorose. Na zona do matão, principalmente, há famílias inteiras de opilados em grau avançado, ao lado de outras em que as infestações, ou são mínimas, ou se manifestam discretamente, permitindo vida normal, sem os sintomas da ancilostomose ativa.

Alto tributo cobra de nós a morte, com dobrada usura para a primeira infância. Mas, não obstante esta grande letalidade, assim de adultos como principalmente de crianças, no decênio de 1940 a 1950, teve a nossa população um incremento relativo de 16%, muito aquém do incremento geral do Estado, que foi 28,18%, mas além de outros municípios menos progressistas; isto porque não recebeu nenhum contingente imigratório de nordestinos, como muitos outros e também por motivo das constantes retiradas de muita gente mûça, que sái para outras paragens em busca da fortuna que aqui não encontra e não volta mais. Em São Luís é das mais numerosas a colônia vianêsa<sup>18</sup>.

O caboclo, que traz no sangue as qualidades ou defeitos do índio nômade e rebelde a toda disciplina de trabalho, mesmo forte e sadio é indolente, resumindo ao mínimo possível as exigências da vida primitiva que leva. Obtendo do proprietário um pedacinho de terra, desmoita-o quanto baste para fincar a palhoça, divide-a em dois compartimentos, um tapado de pindoba mansa ou brava, que é o dormitório coletivo e o outro sem paredes, que serve para tudo o mais. Assim alojado com a companheira e filhos e dois ou três cachorros magríssimos de fome, a sua atividade útil ele reduz ao estritamente necessário para não morrer de fome, para adquirir a rêde sumária em que dorme e para cobrir-se da menor porção de roupa possível. Quando os esteios de madeira branca ou de tucum, apodrecidos ameaçam abater-lhe a casa já toda esburacada, abandona-a e vai adiante levantar outra, sem deixar no terreno uma só árvore útil que plantasse, senão alguma goiabeira ou mamoeiro nascidos dos caroços que expelle ao descomer<sup>19</sup>. Trabalha uns poucos dias assalariado e logo abandona em meio o serviço incompleto, sem se preocupar com os prejuízos que com isso causa, seja a quem fôr. No correr do ano, guarda mais de vinte dias santificados que a Igreja não conhece e frequênta assíduos as “salas” ou “curas” e bailes, em que a cachaça é o elemento primordial da alegria e do sucesso. Parte importante da vida do homem do interior ocupam os bailes frequêntes, em que se reúnem na mesma sala, mulheres casadas e donzelas, prostitutas e amancebadas, fraternizando na mais cordial e despreocupada camaradagem. Livres de preconceitos sociais e raciais, sem precedências nem separação, aceitam o par que no momento se oferece, seja branco ou preto, moço ou velho, casado, solteiro ou

---

<sup>18</sup>O censo demográfico de 1950 mostrou fatos surpreendentes e inesperados. São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, (além de outros), estados ricos, prósperos e salubres de clima favorável, cresceram menos que Maranhão e Piauí em percentagem populacional. Minas então, com toda a sua salubridade e progresso, marcou passo ao lado de Viana na estaca dos 16%. É que ela sofre do mesmo mal nosso, a fuga dos filhos.

<sup>19</sup> Este tipo de homem, que não é só o do descendente do índio nômade, mas que tem sangue igualmente das outras três raças, indo até o branco puro ou negro legítimo, não habita sòmente o interior. Também na cidade ele tem o mesmo viver relaxado, em sórdidas palhoças, quase sem utensílios nem móveis, comendo no chão com uma meansaba por toalha, cofos pendurados nas paredes de bôcas abertas com funções de armários e guarda roupas, sentado em cêpos ou quando muito nalgum velho caixão, alumiado à noite por

amasiado. A índole cordata e pacífica da nossa gente não a leva a atitudes extremadas, nem dá ansa a contraposições de classes ou estados, cujas linhas divisórias se apagam na convivência e promiscuidade incessante de vizinhos e parentes. Considera também instintivamente, a propagação da espécie como um imperativo biológico necessário e incoercível. Daí essa indulgência e benignidade dos costumes neste particular. As infidelidades conjugais e os atentados à virgindade não são levados em grande conta, nem dão motivo a vinganças, assim como a honra ultrajada não impõe ao culpado o castigo de morte. Desembaraçado assim das inibições e recalcamientos psíquicos de ordem moral ou religiosa que o disciplinam entre gentes civilizadas, conserva aqui o amor físico o seu caráter primitivo de função puramente fisiológica e animal, livre e irresponsável. Estas razões justificam a existência de inúmeras crianças sem pai e a frequência de uniões livres temporárias, ou mesmo duradoras e prolíficas, mais numerosas, talvez, que as legítimas, às quais se equiparam no trato social.

Há casas especiais e permanentes, só destinadas às partidas semanais, de ordinário um barracão de pindoba iluminado por fumegantes lamparinas, ou mesmo a querosene incandescente, chão de terra batida e meias paredes de pindoba, ao longo das quais se estendem troncos lavrados, com vezes de banco. Aqui ou ali, há bailes quase todos os sábados no “centro”, com pretextos vários, ou sem pretexto algum, apenas pelo prazer de dançar e beber. Ora o pagamento dum “promessa” ao santo intercessor, ora um aniversário, ora uma festa de igreja, uma desobriga com missa, batizados e casamentos, em cujos dias e noites as danças são indispensáveis, como remate da festa. E assim, a gente moça e até madura, da falta de outras diversões sobejamente se compensa com as danças, que trazem a vantagem de gostosa excitação erótica, muito do agrado geral.

Em danças e bebedeiras muito homem válido desperdiça amaior parte dese tempo, com prejuízo do trabalho útil, que só a contragosto e por necessidade se resigna a aceitar. E na cidade a coisa é a mesma ou pior, porque acresce a vagabundagem diurna pelos botequins, pelas tavernas e barracas, em que se prefere passar o dia conversando, jogando, vivendo milagrosamente.

Muito comum e freqüente é a “sala” ou “cura” em que se exerce a pagelança por estas bandas. É uma cerimônia noturna presidida pelo “curador” homem ou mulher, com poderes sobrenaturais para chamar à reunião as potestades do “fundo” as quais não são os desencarnados do espiritismo, nem as almas penadas do vulgo, mas uma classe

---

fumosa lamparina de querosene. Em contraste, há moradores de casas de palha da cidade, que as trazem sempre asseadas, que usam malas para roupas e mesas de jantar e revestem as paredes de retratos e cartazes de propaganda política ou comercial.

à parte, de seres de origem incerta e natureza ainda não identificada e cujas atribuições se exercem através do “curador”, tirando espinhos insetos, larvas e coisas ainda piores do corpo do doente pôsto no meio da casa, por entre baforadas do “defumador”, num ritual variável, em pontos não essenciais, de operador para operador. O defumador é uma espécie de cachimbo ou grande charuto cheio de incenso, benjoim, alecrim, alfazema e outras substâncias aromáticas. Nas salas o “pessoal do fundo” vem tomar parte nas cerimônias, bebendo formidáveis tragos de aguardente pela bôca do chefe e de seus ajudantes e acólitos, dançando, saracoteando, cantando, troçando com os assistentes, numa pagadoreira que vai até alta madrugada<sup>20</sup>. E o doente sai curado! O curador recebe poderes do pessoal do fundo, poderes nenéficos de curar doenças, ou malefícios de provocá-las, mas não dispensa a colaboração dos santos da Igreja, cujas imagens assistem indiferentes às cerimônias, postas em altar dentro do aposento. Nisto acompanha as crenças da grande massa do povo, cujas convicções religiosas se firmam nas duas amarras antagônicas das doutrinas católicas e espiritistas, admiravelmente fundidas num sistema religioso disparatado, mas que é a base profunda da sua crença.

O vianense frequenta igreja, recebe os sacramentos, mas não deixa de levar os seus doentes aos centros espíritas, às salas dos pagés ou aos benzedores e ainda lhe sobra credulidade para consultar cartomantes, quiromantes e adivinhos de toda espécie, para ver mangudas e croacangas, currupiras e lobsomens, fites e assombrações, para crer na influência omnimoda da lua. Do exposto se conclui que, em matéria de religião, a nossa gente baixa (e também a alta), ainda não de todo liberta da superstição primerva, está já em pleno feiticismo antropomórfico, revelado no culto idolátrico dos santos e da Vir-gem, na evocação dos mortos, na crença animística de entidades imaginárias, às quais empresta forma humana ou animal, na sua obstinação em atribuir a causas preternatuais todos os fenômenos físicos e naturais ou biológicos e muitas de suas doenças e infortúnios.

---

<sup>20</sup> Não só em pagodeiras e farras acabam as “curas”. Em abril de 1931, o lugar São Sebastião, dêste município, foi teatro de horríveis cenas de sangue, de que resultou morrerem quatro pessoas e ficaram diversas feridas. Atacada de loucura coletiva consequente à prática constante da pagelaça, uma família sacrificou a maior parte de seus membros, dando-lhes morte violenta e cruel. Morava naquele lugar Sebastião Pacheco Nunes com sua mulher e filhos e seu genro Manuel Jorge Serra. Adoecendo meses antes, Maria, mulher de Manuel, foi submetida ao tratamento dos “curadores”, em consequência do qual entrou a manifestar sintomas de alienação mental. Atacado também da mesma vesania, começou Manuel a praticar toda sorte de depredações em casa, matando animais domésticos, dentre os quais um cavalo de sela do sôgro, com o consentimento das demais pessoas da família também perturbada mentalmente, pela freqüente repetição das “curas”. Cada vez mais desnordeado, Manuel exigiu, na ausência do sôgro, que fosse imolada sua cunhada Damiana, menina de doze anos, a qual estrangulou, dizendo que a tinha “encantado”, para que ressuscitasse santa no dia seguinte. Nesse dia, armado de dois punhais, obrigou Sebastião e um cunhado a levarem numa rêde o corpo de Damiana e a sepultaram-na à beira do campo. Depois matou a faca sua própria espôsa e outra sua cunhada já môça e, arrancando dos braços da sogra uma filhinha sua, matou-a suspendendo o corpinho da criança pela faca enterrada debaixo do queixo. Em seguida empilhou os cadáveres, cobrindo-os de roupas, trastes e outros objetos domésticos e ateou fogo a tudo. Tentando por fim subjugá-lo com o auxílio de alguns vizinhos, foi Sebastião gravemente esfaqueado pelo genro, que ainda feriu a sogra e outras pessoas.

Em franca decadência, condenadas a próximo e irremediável desaparecimento, estão muitas das antigas e tradicionais festas, folganças e encenações populares. Extintos estão o Fandango lascivo e a Chegança heróica, cujas letra e música se perderam e as novas gerações ignoram. Os cordões infantis dos Pastores muito frequentes outr ora do Natal a Reis, já se não organizam há anos, assim como os dos Reis, que percorriam as ruas, visitando as casas de família nas noites de 5 e 6 de janeiro. E por isso, completamente despercebido passa para nós esse período do ano. Só os blocos carnava-lescos, com seus saracoteios sensuais, de dia nas ruas e de noite nos bailes, alvoroçam a cidade nos dias de Carnaval. E em junho, o Bum-meu-boi também arrasta ainda multidões em sua esteira, por São João e São Pedro, não só na cidade como no interior, onde perturba por muitos dias os trabalhos da colheita do arroz, com grande prejuízo, dos lavradores. De ano para ano, a festa de Bumba vai assumindo um caráter da mais estrita religiosidade, em que co-existem, sem nítidas linhas divisórias, o profano e o religioso. Com uma vela acêsa em cada chifre, o boi assiste, em frente do altar, todas as noites, à ladainha iniciadora das danças bárbaras, nas quais São João desce a tomar parte, pela mão do festeiro, ou do seu delegado.

Esta festa é sempre realizada em cumprimento de promessas, que o santo aceita em troca de favores que concede generoso aos seus devotos. Anos inteiros trabalha o agraciado, economizando milhões de cruzeiros, cevando porcos e aves, para tudo gastar na dispendiosa pândega, que pelo esforço dispendido, ele considera grata ao coração do santo Precursor. Só o lombo do boi, de veludo bordado a canutilho, com a efige do santo no meio custa vários milhares de cruzeiros. Caro também sai o traje dos bailantes com seus gibões, saiotes e calções de fazenda fina e vistosa, com seus chapéus e capacetes ornados de espelinhos estrelados e um imenso cocar de penas de ema, do qual pendem para as costas, dezenas de fitas de várias côres. Assim vestidos, não podem acompanhar o boi na passagem de certos trechos centrais da cidade. Para essas travessias nunca falta, entretanto, uma turma de voluntários à paisana, que leva o ídolo de palha e pano, ao som de cantiga desafiantes, despido de seu custoso lombo e completamente encharcado d'água, até um trecho apertado de rua, onde é recebido, pela frente e pelas costas, por cerrado fogo de buscapés, carretilgas e foguetes. E aí fica sob torrentes rugidoras de fagulhas e o estouro aterrador das bombas, cantando, gritando, resistindo heróicamente, até se esgotarem as munições dos atacantes. Rebôa então um grito de vitória, que repercute pela imensa multidão acorrida de todos os quadrantes para gozar emocionada do empolgante e brutal espetáculo de valentia e destemor.

Também por seu cunho religioso (que faltava ao Fandango e a Chegança), o baile de São Gonçalo mantém-se em plena atualidade. É sempre levado à cena em paga de favores com que o santo atende aos pedidos dos seus inúmeros devotos. Raro na cidade, é de freqüência extraordinária no interior, principalmente na zona dos campos, onde se representa, não dentro da casa de moradia dos campos, mas em frente dela, num vasto salão sem ladrilho nem soalho, coberto de pindoba mansa e em cujo fundo de ergue o altar do santo. O conjunto é constituído de duas filas de cinco pessoas, homens ou mulheres, ou mistos e um guia, todos em trajes especiais, ricos de fitas e jóias, a cantar e bailar ao som de violões e rabecas, uma letra e música multi-secular e imutável. Sai cara a festa ao agraciado, pelas pesadas despesas que lhe acarreta, mas no seu entender, o valor da graça supera sempre o do pagamento. À representação seguem-se as danças profanas e comezainas.

Das danças típicas de origem ameríndia ou africana, só se conhece entre nós o Tambor, ainda freqüente no interior e realizada quase sempre em cumprimento de promessas a São Benedito. É próprio dos negros boçais e dela se esquivam os novos, no propósito de apagarem tôdas as reminiscências da escravidão e no desejo de ascenderem na escala social. A música da dança deriva dum tambor muito alongado, feito dum só peça de madeira ôca, de cêrca de dois metros de comprido e pouco mais dum palmo de diâmetro e de dois tambores menores, sendo o maior, de som grave, o instrumento cantante, enquanto os dois menores fazem a marcação. Postos em linha no terreiro em frente da casa, afinados a fogo por distensão das peles das bôcas convenientemente levantadas, sentam-se neles escanchados os executantes e, com ambas as mãos, começam cada um a fazer a sua parte. Ao som dos tambores, que se ouve muito no longe no silêncio da noite, mistura-se um canto plangente, uma toada monotona, em que se repetem por horas e horas as mesmas palavras sem nexos. De quando em quando, sai da roda, girando sòzinha em passos ligeiros e miudos, na cadência dos tambores, uma dançadora, que acaba dando uma “punga” num dos assistentes, isto é, dando-lhe uma forte pancada com as mádegas. Por isso se diz que o tambor é afinado a fogo, tocado a murro e dançado a coice.

---

Prêsos ao nosso egoísmo, ao nosso insulamento pessoal, à nossa falta de cooperação, ainda não estamos preparados para viver em sociedade. Fracassam invàriavelmente todas as tentativas de organização associativa, que se esborôam no comodismo, na má

vontade, no desânimo, numa apatia alvar, numa falta lamentavel de compreensão, em todos os setores da atividade humana. Até os clubes de futebol, depois de curta fase de entusiasmo inicial, decaem e se extinguem.

As sociedades recreativas ou culturais, as associações de classe, as cooperativas de produção ou de consumo, enfim o cooperativismo em todas as suas modalidades, tudo já se tem tantado aqui e quase nada existe, por inadaptação de nossa gente para as obrigações da vida social. Vivemos fechadamente para os nossos interesses imediatos, sem considerar os alheios e entregues às nossas rendências mais expontâneas e primitivas, mais egoísticas e destrutivas. É preciso que a civilização venha reprimir e coagir essas tendências instintivas e naturais ainda dominantes, obrigando-as a ceder o lugar à disciplina da vida em sociedade e do espírito associativo.

Este negativismo do nosso carater intavel e incoerente, não concede que zelemos pelas nossas poucas tradições hirtóricas, culturais ou artísticas. Não se conservam os arquivos, não se guardam valiosos documentos de nossos momentos históricos; tudo isso ou é tratado com desmazelo e desprêzo, ou depredado, destruído estupidamente. O velho professor José Candido Duarte Soeiro passou muitos anos de sua vida, no século passado e começos, deste, a escrever a crônica da cidade, registrando dia a dia os fatos ocorridos. Depois de morto, um sobrinho ou neto vendeu esse precioso documentário a um quintandeiro, para embrulhar sabão. No conceito desses dois inconscientes, o valor do lucro da compra e venda do papel, superou o do que nele estava escrito. E o sabão assim embrulhado levou para o aniquilamento do lavadouro, o fruto de um trabalho carinhoso e perseverante de muitos anos e deixou um prejuízo irreparavel para a nossa crônica.

Com toda esta congerie de qualidades negativas que vimos apresentando ao longo deste capítulo, o vianense produz mais que o habitante de todos os municípios da Guiana maranhense, exceptos o penalvense e o monçõense. A sua contribuição per capita para os cofres do Estado é ainda superior a de muitos grandes municípios de outras zonas maranhense, não obstante a contínua evasão de rendas pela prática constante da sonegação e do contrabando.

Contrabandeam e sonegam (salvas as honras excepções da praxe), os maiores e menores exportadores, os pequenos e grandes comerciantes, os organizadores, que exercem a sua profissão extra-legal em comércio dissimulado e invisível, livres das garras do fisco. Mitomana e velhaca por índole, a nossa gente, na prática de atos desonestos e fraudulentos apoia o seu diuturno transacionar com o próximo e considera

o comércio um meio rendoso de enganá-la. O homem do povo traz sempre vigil a intenção dolosa da fraude, a astúcia, o engano, que exercita na rotina ordinária da vida como atos naturais, quase como virtudes que ninguém censura.

Avêso de toda violência nas maneiras de roubar, não assalta o vianjante nas estradas e caminhos, mesmo sabendo que leva os bolsos cheios de dinheiro, nem exige a bolsa ao transeunte noturno e retardado em ruas desertas. Mas não perde vaza de carregar o objeto esquecido e tudo o que do alheio pode levar. No interior não tanto, mas na cidade os quintais, galinheiros ou repartiamentos aberto das casas de morada são periòdicamente revistados e postos a saque, sempre as dez horas, sùtilmente, durante o sono dos malaventurados moradores. E não são raros os avultados roubos de casas comerciais por arrombamento de paredes e telhados.

Polícia não há senão para outras operações de natureza diferente e tão largas malhas tem a rêde da justiça, que através dela traspassam impunes os homicidas, os ladrões, os devedores da fazenda pública, os criminosos de toda espécie, quando consentem em deixar-se colher por ela. Esta impunidade absoluta acoberta e estimula todos aqueles fatos puníveis, isto é, os roubos freqüente de casas e de animais<sup>21</sup>, os delitos contra a propriedade e os repetidos crimes de morte, de ordem passional quase sempre, principalmente nas classes baixas, entre o vulgo ignaro, no interior. Além de sua atuação ordinária de ordem política-partidária, exerce a política eficaz vigilância na cobrança direta e à bôca do cofre, de multas por contravenções imaginárias, de taxas de licença para todas as diversões populares coletivas e também a rigorosa apreensão de armas proibidas, que são depois vendidas a quem mais dá chegando o zêlo policial a expedir soldados pelas estradas, a tomarem rifles, espingardas de caça, facões, patachos, facas e canivetes e quem quer que seja encontrado com esses perigosos instrumentos de crime. E o dinheiro apurado de todas essas taxas, licenças, multas, cobranças e vendas, o erário público não recebe. Vivesse ainda Antônio de Sousa de Macedo e aqui acharia farto assunto para mais um capítulo da sua **“Arte de Furtar”**.

Onde se não revela o zelo policial é na repressão dos hábitos vandálicos da gente da cidade, que a levam a riscar e sujar as paredes, a arrancar as mudas das árvores que se plantam nas praças, a quebrar, inutilizar, destruir tudo, numa oposição sistematica a todo esforço de melhoramento e embelezamento, hábitos extirpaveis pela educação e mais eficazmente ainda pela chibata.

---

<sup>21</sup> Constitui rendosa indústria o roubo contínuo de bovinos e mais ainda de cavalos, levados à venda em outros municípios. De longe em longe, acontece por acaso que o roubo é descoberto e então a polícia aplica a pena máxima do seu código penal, que é o pagamento do valor do animal. O dono dá-se por muito satisfeito e o ladrão agastado, lamenta-se o prejuízo.

São resíduos da perversidade pré-humana, que só a educação conseguirá recalcar, são hábitos arcaicos, herdados dos nossos pré-avós hominídeos, ancorados no inconsciente e à espera de oportunidade de aplicação. Oportunidade que a ausência das inibições da educação e do medo da polícia torna freqüente e depara a cada passo a última fase da evolução psíco-cerebral do homem, criadora das idéias morais, que rematam no culto da dignidade humana, é patente que ainda se não iniciou no nosso homem, porque ela leva ao abandono de todos os defeitos de comportamento linhas atrás apontados e o nosso tenue verniz de civilização é tão frágil, que deixa escapar com freqüência, os hábitos tendências e instintos ancestrais do homem ainda prêso à animalidade.

A inteligência, que nele madruga às vezes, não a propela o meio ambiente para o lado moral, senão para o refinamento das práticas ilícitas, assim no comércio e nas artes, como na política, no serviço público e na vida particular, práticas nas quais o indivíduo se indeniza das velhacarias e apura as próprias. A sua fortuita instrução escolar e a prática da religião, por mais assídua e sincera que seja esta, não modificam a contextura psíquica ainda animalesca da nossa gente e são incapazes de desviar-lhe o comportamento para o lado de uma vida nobre e digna.

Com o advento da inteligência, tornou-se o homem senhor de sua própria evolução psicológica e à nova educação compete levá-la por caminhos novos aos esplendores da perfeita dignidade humana “sem a qual nenhum esforço louvável se pode conseguir da nossa espécie” (*G. Dias*). Muito longe, porém ainda está de chegar até aqui esse influxo renovador da nossa personalidade, que ainda se não desvancilhou da ganga ancestral. Esse influxo, que depende exclusivamente do esforço inteligente do indivíduo, é de crer que por isso mesmo tão cêdo não adquira entre nós força capaz de melhorar a nossa estrutura moral, em face da exiguidade numérica dos seus elementos e da resistência e agressividade da massa estagnada. enquanto a nossa evolução cerebro-psíquica, secundada ou reforçada por uma educação racional, não nos conduzir, depois de longa luta, a um grau de adiantamento moral que nos liberte dos nossos instintos imemorais, dos nossos hábitos pré-humanos provindos do psiquismo animal do homem primitivo, que do inconsciente ainda nos comanda as atividades afetivas, o nosso povo permanecerá no estado atual falta de dignidade e de honra, de profundo apoucamento moral.

Mas, assim como ele ainda é falso, desleal, arteiro, desonesto, velhaco, ladrão, trapaceiro e canalha, assim também já é capaz de profundos devotamentos, de atos de solidariedade humana que raiam pelo heroísmo, sinal de que a sua evolução já se vai esboçando no plano intelectual e moral, se bem que esses devotamentos e esses atos de

solidariedade se possam considerar como vitórias de tendências sentimentais arcaicas. Mas representam um progresso das “idéias morais que se condempnam nesta frase tão simples e rica: Amai-vos uns aos outros”. “Que progresso fizemos nós nesta via? Creio sinceramente que no domínio sentimental e no que respeita à lealdade, à fidelidade e ao amor desinteressado, o nosso humilde companheiro, o cão evoluiu mais depressa que a bondade, a sagesa e a inteligência reinarão entre os homens, que enfim terão aprendido a venerar essa dignidade humana que deve ser sua finalidade e obra. Admirar-se-ão então, se documentos chegaram ao seu conhecimento, de que seus antepassados tenham vivido tanto tempo lado a lado com a verdade, sem a terem visto”(Lecomte du Nouy).

## POSFÁCIO

**Degradação ofusca o “Retrato”.** - Nesta magnífica obra lançada por ocasião das solenidades comemorativas da data de fundação da cidade de Viana, exhibe o autor os seus excepcionais conhecimentos de ciências naturais, capacitando os leitores a perceber e criticar as questões ambientais da região.

Trata-se de um livro elucidativo, onde tanto no espírito geográfico como no histórico, econômico e social do município de Viana, encontram os leitores, campo para apreciação mais profundas.

Os seus doze capítulos representam, sem sombra de dúvidas, uma verdadeira enciclopédia se dissecados cada um, diante da riqueza de temas inesgotáveis que foram abordados. São maravilhosas as imagens, então, ali registradas da mãe natureza que envolvia a região do município. No decorrer, entretanto, de cinco décadas acentuou-se a degradação do solo promovida pelo homem.

Desastres, como incêndios e devastação das grandes matas, ricas em aves e mamíferos; a fauna dos cerrados e capoeiras; a destruição da fauna lacustre que se desenvolve, principalmente, nos campos baixos e aluviões fluviais; da flora campestre ornada de algodoais, araribais, marajazais e crivirizais, formas arborescentes adaptadas ao regime das inundações; dos mururús de raízes em feixes erbosas, as flores roxas que se aninham no centro das corbeiles de folhas (orelhas de veado).

Ao fundo do decantado lago criminosamente assoreado, não se contempla mais com tanto destaque, em virtude da derrubada indiscriminada de árvores e palmeiras, o majestoso monte rochoso da região - o “MOCOROCA” - tudo isso decantado no livro, caracterizava e complementava a beleza do lago, que cedia no verão parte de sua forma aos verdes de balsêdos esparsas, de mururús, de arroz do campo, de rendas miríficas de “guapéus”<sup>22</sup> com suas flores de noivado...

Os jaburús, os patos selvagens, os meuás, os mergulhões, as jaçanãs, as marrecas, as garças, os tetéus, as sacarregas, os atins, as japiaçocas, os tico-ticos, toda essa maravilha praticamente desapareceu.

Viana, por fim, assiste impassível a destruição de suas riquezas naturais.

**CASTRO, José Antonio.**

09/06/97.

---

<sup>22</sup> *Aguapé, Vitória-Régia*

## RETRATO DE UM MUNICÍPIO

Ozimo de Carvalho

## E R R A T A

Página	Linha	Em vêz de:	Leia-se:
Prefácio	9	Viana	Viana
11	7	que o limitam	que a limitam
17	8	é das festas	e dos das festas
19	23	só o Viana	só o de Viana
26	13	largo para	lago para
34	14	burarí	buragí
37	3	campetre	campestre
40	33	Laersia	Leersia
42	8	Jonaubinha	Janaubinha
45	36	Heleocharis	Hereocharis
47	22	central	ventral
48	21	hyelano	hylaeano
48	22	Acronomia	Acranomia
50	16	difusus	diffusus
50	22	Operaculina	Operculina
51	15	Philodendrou	Phillodendrou
53	22	sàpidamente	rapidamente
58	35	a do	a dos
60	4	Tamanduá-bandeira	Tamanduá-bandeira, o Tatú-canastra, o mutum, o jacamin, o tucano
63	24	manear	menear
65	7	azuis	azues
65	8	pobres e	pobies de
70	24	abtê-lo	abatû-lo
71	2	maponga	moponga
74	24	e fica	e fica
90	32	brças	braços
103	17	brilhar	trilha
106	20	além do	além das do
107	12	além do vise	além das do vice
107	35	messa	massa
114	18	com protestos	com protestos
114	19	sem protesto	sem protesto
114	30	á a mesmo	é a mesma
116	9	obra	sobra
118	19	distenção	distensão
120	1	contrabadeiam	contabandeiam
120	12	roubas	roubar